



Universidade Federal do Ceará – UFC
Centro de Humanidades
Mestrado em Filosofia

A CRISE DA RAZÃO EM ADORNO

João Capistrano Filho

João Capistrano Filho

A CRISE DA RAZÃO EM ADORNO

Dissertação apresentada no Curso de Mestrado em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia

Área de concentração: Filosofia Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo ferreira Chagas
Universidade Federal do Ceará

Fortaleza

Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC

2006

Dissertação para ser defendida e avaliada, em 30 de agosto de 2006, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas - Orientador

Prof. Dr. Dilmar Santos de Miranda –Argüidor

Prof. Dr. João Emiliano Fortaleza de Aquino -Argüidor

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu filho Miguel, por ser um exemplo de luta e dedicação

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador e professor Eduardo Chagas, pela paciência e pela atenção que me dispensou ao longo desse trabalho.

Ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Ceará pela atenção a mim dispensada.

Aos professores Emiliano e Dilmar, pelas valiosas sugestões que me serviram para o aperfeiçoamento do presente trabalho.

Fortaleza – Ceará

2006

A filosofia, segundo a única maneira pela qual ela ainda pode ser assumida responsavelmente em face do desespero, seria a tentativa de considerar todas as coisas tais como elas se apresentariam a partir de se mesmas do ponto de vista da redenção.

ADORNO

RESUMO

O objetivo desse trabalho é demonstrar como se dá **A Crise da Razão em Adorno**. Como ponto de partida verificamos a concepção de objeto em Adorno em que ele dá primazia ao objeto incluindo o sujeito como parte deste. A crítica adorniana, nesse sentido, volta-se contra os conceitos impostos pela sociedade dirigida pelo capital que deságuam no princípio da identidade, ou seja, todo pensamento deve identificar um ente do real de acordo com os interesses do capitalismo. O capital através do princípio da identidade ocultaria as contradições sociais existentes entre os indivíduos particulares para esconder a sua verdadeira face que é a de um sistema de contradições. Ocultar as contradições faz parte do jogo de dominação do sistema capitalista. A dominação exercida pelo capital seria, segundo Adorno, uma herança da antiga forma mítica de dominação. O homem teria dissolvido o antigo mito pelo desenvolvimento da técnica, mas não dissolveu o sistema de dominação do velho mito que é o sistema de dominação da natureza a qual o mito representava. A humanidade destruiu o mito antigo, mas racionalizou a sua forma de dominação que se manifesta no feroz domínio sobre a natureza e o próprio homem e que Adorno chama de razão instrumental.

ABSTRACT

The aim of that work is to demonstrate how The Crisis of Reason in Adorno occurs. First of all, we verify the conception of the object in Adorno when he give the primacy to the object including the subject like a part of that. The adornian criticism , in that sense, goes against the society controlled by the capital that drain in principle of the identity, that is, every thought has to identify a being of the real according to the interests of capitalism. The capital through the principle of the identity would hide the existent social contradictions among the private individuals in order to hide its true face of a system of the contradictions. Hiding the contradictions is an element of the game of the domination of the capitalist system. The domination exerted by the capital would be an heirdom of the ancient mythic form of the domination according to Adorno. Man would have dissolved the system of the domination of the ancient myth that is the system of the natural domination that the myth used to represent. The humanity destroyed the ancient myth but racionalized its form of domination that it is manifested in the ferocious dominion about the nature and the own man that Adorno names the instrumental reason.

SUMÁRIO

RESUMO	07
ABSTRACT	08
INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I	
A PRIMAZIA DO OBJETO.....	19
1.1. O conceito e a identidade.....	19
1.2. A ilusão do sujeito construtor do objeto.....	23
1.3. A relação sujeito – objeto.....	26
1.4. O sentido do progresso em Adorno.....	38
CAPÍTULO II	
O SUJEITO E O MITO NA RAZÃO ESCLARECIDA.....	53
2.1. Mito e esclarecimento.....	54
2.2. Ulisses e o esclarecimento.....	64
2.3. Dominação e trabalho na sociedade capitalista.....	68
2.4. A razão instrumental e o capital.....	74
2.5. A reificação do pensamento frente à natureza.....	82
CAPÍTULO III	
ESCLARECIMENTO E A INDÚSTRIA CULTURAL.....	91
3.1. A fábrica de desejos.....	92
3.2. A linguagem assumida pela indústria cultural.....	108
CONCLUSÃO	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128

INTRODUÇÃO

O propósito do nosso trabalho é desenvolver, segundo a concepção de Adorno sobre a razão, o tema **A Crise da Razão em Adorno**. Para alcançar a nossa meta nos debruçamos sobre três obras de Theodor W. Adorno: *Dialética Negativa*, *Palavras e Sinais* e *Dialética do Esclarecimento*. A última, escrita em conjunto com o filósofo Horkheimer.

A crise da razão é tratada, em nosso trabalho, dentro da compreensão que temos da concepção de dialética em Adorno. A obra **Dialética do Esclarecimento** é um diagnóstico, segundo a compreensão adorniana, do conflito que reside na razão que se cinde entre uma racionalidade que se propôs, num primeiro momento, a dar prosseguimento a um projeto de emancipação através do saber, mas que se desviou desse caminho rumo a um processo de dominação que já existia na natureza.

Na **Dialética do Esclarecimento**, Adorno e Horkheimer nos dizem que o homem se apropriou da natureza ao se apropriar do conteúdo do mito. O conteúdo do mito era constituído pelos fenômenos naturais que não tinham explicações racionais e que, por isso, mantinham o homem sob o medo e a angústia diante de um mundo cheio de incertezas. O mito, no entanto, como representação do mundo natural, pautava o comportamento dos indivíduos ao delimitar um modo de vida que se resumia em submissão e sacrifícios junto às entidades metafísicas. Portanto, segundo os autores, o mito, mesmo o homem ainda não tendo despertado a sua autoconsciência, já era esclarecimento.

Para os dois filósofos, o homem se apropriou do conteúdo do mito porque era o modo mais significativo de buscar a libertação, mas se apropriou, também, do sistema de dominação que estava posto na natureza. Para Adorno, essa última apropriação foi nefasta, pois era justamente da dominação que o homem deveria ter se libertado através do saber. O saber se tornou, então, conteúdo da antiga forma mítica de dominação. Esse erro, para Adorno, gerou um sistema de dominação que chegou até nossos dias, em sua forma mais sofisticada, como o sistema capitalista de produção. O capitalismo é um sistema de

dominação que tem como conteúdo todo o desenvolvimento da técnica ao longo da história. A autopreservação desse sistema não subsiste sem um domínio sobre o homem e a natureza. Tal como era a dominação mítica, ele domina de modo impessoal e carrega como instrumento de dominação um conjunto de conceitos que tem como intuito exercer um controle das consciências dos indivíduos por meio do controle social exercido pela razão instrumental, que controla as instituições sociais e as ciências empíricas.

Todo esse conjunto de valores que dá sustentação ao capital e que aprisiona os indivíduos aos projetos da classe dominante devem ser negados pelos indivíduos através de uma ação reflexiva. A obra **Dialética Negativa** é, no nosso entendimento, uma tentativa de Adorno de buscar uma solução diante do que foi exposto na obra **Dialética do Esclarecimento**.

É na **Dialética Negativa** que se tem uma crítica elaborada do sistema e um modelo de combate contra o princípio da identidade que, segundo Adorno, é o caminho por onde o sistema de dominação exerce todo o seu poder. Combater o sistema é usar o próprio sistema como instrumento da dialética negativa, dentro de um rigor filosófico, em que a consciência reflexiva do sujeito o leva, numa crítica imanente, até a sua desconstrução.

A desconstrução adorniana não é nenhuma destruição, mas um despertar em que o homem teria a possibilidade de constatar, pela reflexão, a falsidade no qual está montada dominação. A falsidade, caso constatada, seria o desveamento da verdade, e a verdade é o fato, segundo Adorno, de que o sujeito não é responsável pela construção da realidade. O real, segundo ele, é uma construção recíproca entre sujeito e objeto.

A **Dialética do Esclarecimento**, segundo o nosso entendimento sobre a diferença entre as duas obras fundamentais de Adorno, é uma reflexo angustiante da eclosão da Segunda Guerra Mundial, quando o homem usou a razão instrumental, aliada à tecnologia mais apurada, contra o próprio homem, praticando um genocídio industrial como jamais fora visto. Enquanto a **Dialética Negativa**, apesar de tratar a dialética como um momento

de sofrimento e dor já que, para Adorno, um mundo justo não necessitaria de dialética, aponta para uma pequena possibilidade de uma reconciliação entre o sujeito e o objeto.

O conjunto do nosso trabalho é dividido em três capítulos, onde demonstraremos, segundo a compreensão de Adorno, em que sentido a sua dialética aponta para uma crise da razão que pode ser responsável pelos momentos de barbáries vividos pela humanidade dentro dos marcos do capitalismo moderno.

Como continuador da Teoria Crítica*, Adorno também deixou sua marca de grande filósofo, não somente no mundo da música e da arte, mas como um pensador que se debruçou sobre a sociedade moderna e a sua irracionalidade. A análise adorniana da razão moderna é uma denúncia contra o sistema de dominação capitalista que tem sua gênese na era mítica. Para Adorno, a estrutura que desenvolveu o sistema capitalista de produção no qual se assenta todo o poder de dominação sobre o homem e a natureza tem suas raízes no passado da civilização. Por isso, Adorno lembra que devemos sempre voltar para o passado dentro de um processo reflexivo, com a finalidade de corrigir os erros do presente.

Esse retorno adorniano ao passado é uma análise reflexiva que tem como objetivo vencer o sofrimento que angustia a razão cindida entre uma racionalidade emancipatória e outra, que é prisioneira de um sistema de dominação que tem sua forma, embora racionalizada, herdada do sistema de dominação da natureza representada pelo antigo mito.

* A Teoria Crítica tem seus fundamentos num ensaio de Horkheimer de 1937 intitulado Teoria Crítica e Teoria Tradicional. Nesse ensaio, Horkheimer faz uma análise do comportamento das ciências empíricas na modernidade tomando como ponto de partida o *Discurso do Método de Descartes*. A obra cartesiana, segundo ele, lançara os fundamentos da concepção mecanicista que as ciências empíricas têm em relação à realidade como também influenciara as ciências humanas que tentando seguir seus passos tentou refletir os fatos sociais e históricos a partir da metodologia das ciências empíricas que prima pelo princípio da identidade como método para justificar suas conclusões. Os conceitos devem necessariamente se encaixar com a realidade como princípio de validade universal. A Teoria Crítica rebate esse comportamento da Teoria Tradicional ao não aceitar que a realidade seja ditada por interesses que não sejam compatíveis com as necessidades dos entes em sua particularidade. É trilhando esse caminho (o de defesa do particular contra o princípio da identidade) que Adorno desenvolve a sua filosofia como prosseguidor da Teoria Crítica.

O que Adorno propõe em seu programa para vencer a angústia da razão é a reflexão dialética. O conteúdo da reflexão usado como experiência para corrigir esse problema é a filosofia com as mesmas categorias que a fizeram fracassar, segundo Adorno, em seu intento de classificar o real de acordo com seus conceitos, mas que, também, por isso, continua viva porque “se deixou passar o momento de sua realização”¹. O fracasso da filosofia é o momento de ela se voltar para si mesma e autocriticar-se. A autocrítica é o reconhecimento de que o mundo não se realiza segundo o princípio da identidade engendrado por um sistema de dominação social copiado pelo sistema filosófico idealista.

A crítica adorniana à filosofia não tem o intuito de jogar fora o pensamento filosófico desenvolvido ao longo da história. Muito pelo contrário, é a filosofia o conhecimento capaz de interpretar o real, que ela desprezou por não ter cuidado da realidade como se apresenta, ou seja, não percebeu que o real é uma construção que envolve uma relação complexa, onde estão envolvidas a realidade em si e o sujeito como parte. A participação do sujeito como parte não quer dizer em absoluto que haja uma diminuição dos indivíduos ante o objeto, o real. A observação não tem a intenção de fazer uma indiferenciação cuja finalidade fosse levar à equiparação entre sujeito e objeto, pois isso seria recair no idealismo.

A definição de sujeito e objeto em Adorno é evitada, pois, para ele, a definição de sujeito e objeto é fruto da nossa reflexão, embora ele reconheça que não se possa pensar ambos sem fazer a separação das duas categorias por conta da tradição filosófica. Não definir categorias e não se ligar à filosofia como um conhecimento que, para ser pensado, tenha que ter como ponto de partida a idéia de origem, do imediato, é o que caracteriza a filosofia de Adorno. Em suas obras, ele se mantém fiel a essa maneira de pensar.

A característica singular de exposição de Adorno é a de não ter preocupações com definições nem com princípios extraídos do espírito do sujeito que nos leve à pretensão de conhecer um ponto de partida para explicar a totalidade que nos cerca. É preciso

¹ ADORNO. **Dialética Negativa**. Madrid: Taurus, 1996., p.11.

compreender que Adorno, ao mesmo tempo em que critica a filosofia da tradição está, também, ligando essa mesma filosofia a uma possibilidade de ser um instrumento de reflexão para compreender o mundo social, o mundo dos indivíduos comuns, os que estão de fora, os injustiçados. A filosofia da tradição é o instrumento de Adorno para criticar a razão cuja pretensão é conceituar a realidade sem nenhuma consideração para com aqueles que, como indivíduos particulares, têm necessidades diferentes dos conceitos universais lançados pela classe dominante.

No primeiro capítulo, abordamos o pensamento de Adorno acerca do objeto como primazia frente ao sujeito, cuja primazia do objeto, em hipótese alguma, significa uma subsunção do sujeito ao objeto, ou seja, a realidade constituída pela história ao longo do tempo e a própria natureza são bem maiores do que o sujeito. A não subsunção do sujeito ocorre pelo fato de, segundo Adorno, o sujeito também ser objeto. Não existe nada no pensamento do sujeito que não tenha uma relação com o objeto, com a realidade, e que deve passar, constantemente, pelo crivo da reflexão.

O reconhecimento do sujeito como objeto ocorre no âmbito de um processo reflexivo cujo material da reflexão são as próprias categorias da filosofia que corroborou o sistema de dominação através do princípio da identidade. Esse princípio serviu para determinar o que devia ser e o que não devia ser por intermédio dos seus conceitos. E é utilizando os mesmos conceitos que o sistema de dominação capitalista utiliza para chegar à identidade entre o pensar e o ser que, segundo Adorno, podemos desmascarar sua falsidade numa crítica imanente contra aquilo que foi conceituado. É esse o princípio da dialética negativa: fazer com que o conceito da filosofia tradicional transite, dentro de uma experiência filosófica, por entre os entes que compõem a realidade não abarcável, ou seja, pelos elementos que compõem a vida social dos indivíduos particulares, das pessoas que vivem em sociedade submetidas aos conceitos universais e que os negam, mas que nunca foram ouvidas pela filosofia.

A intenção de Adorno, portanto, é fazer com que a filosofia sofra um choque ao se deparar com o não conceitual, ou seja, com aquilo que ficou de fora, e veja que todos os

seus conceitos foram tirados do não conceitual, do não-idêntico, isto é, daquilo que só pode ser identificado através de uma imposição; por puro interesse da classe dominante.

O interesse de Adorno pela reflexão como um meio para impulsionar a filosofia rumo a uma autocrítica que, segundo ele, é um reconhecimento pelo seu fracasso (da filosofia) é fazer com que ela abandone a sua pretensão de chegar a uma verdade absoluta através de conceitos preparados com o intuito de identificar algo como definitivamente verdadeiro. Para o pensador da Escola de Frankfurt, todo e qualquer conceito tem a sua verdade e a sua falsidade. Adorno reflete sobre a lógica da sociedade, na qual para ele, a verdade tida como universal não se coaduna com a dos indivíduos em seu movimento diário para sobreviver.

A duplicidade do conceito, ou seja, a de que o mesmo conceito tem uma face verdadeira e outra falsa, está embutida na categoria progresso. A concepção de progresso não se restringe simplesmente a uma condenação, pois, segundo Adorno, ao analisarmos o mundo, não podemos deixar de criticar o progresso social, mas nenhum bem existiria no mundo sem o progresso.

Como podemos notar, o pensamento de Adorno não tem a pretensão de demolir o progresso, mas de perseguir um sentido. Não é interessante condenar o progresso nem enaltecer, mas perguntar o que progride. O progresso é uma categoria filosófica, a qual, como todas as outras, deve passar pelo crivo da reflexão que parte do sujeito através da sua subjetividade. Ao refletir, o sujeito deve perguntar-se em que situação está diante do progresso e que progresso é esse em que as partes progridem, mas não o todo. E por que as partes progridem num regime de desigualdade, fazendo com que alguns fiquem com muito e outros com as migalhas.

No segundo capítulo, abordamos a relação dialética entre o mito e o esclarecimento. A relação, abordada na obra em conjunto com Horkheimer, **Dialética do Esclarecimento** traz uma reflexão sobre a razão moderna e o seu relacionamento com a barbárie. Nessa obra, os dois pensadores fazem um diagnóstico que nos leva a pensar que o sistema capitalista de produção traz em si os efeitos de uma racionalidade arcaica, que lembra a

dura relação entre o homem e a natureza. Nesse tempo pretérito, os indivíduos estavam submetidos à incerteza e angústia perante a realidade pouco compreendida. Nesse contexto, a humanidade se valeu do mito como fonte de representação do real.

Para Adorno e Horkheimer, o mito permanece presente como forma no comportamento do sistema capitalista. O mito moderno está incluso na razão dualista. O dualismo adorniano não quer dizer que existam duas razões, pois, para Adorno, existe somente uma razão que dispõe dentro de si de um pensamento emancipatório que luta por uma libertação, que foi o projeto inicial do esclarecimento, ao racionalizar o mito pelo saber, e a forma do sistema de dominação, herdada do próprio mito, que levou a humanidade não somente a dominar a natureza, mas o próprio homem.

Essa forma de dominação, que tem o seu modelo mais apurado no capitalismo moderno, manifestou-se de modo nefasto quando, nos momentos de barbárie, todo o uso da técnica e todo aparelho de Estado foram usados contra o próprio homem.

A razão que progrediu ao longo do tempo com o desenvolvimento da técnica e das instituições sofre uma regressividade em momentos de crise quando envolve interesses ligados à autopreservação do sistema. A regressão é posta por Adorno como uma combinação entre a técnica desenvolvida pelas ciências empíricas e um sistema de dominação que lembra o mito através da razão instrumental.

A razão instrumental é espectro do mito em sua ânsia de dominar toda a natureza. Existe, no entanto, um aspecto que demarca a diferença entre o mito antigo e o moderno: no antigo, a relação entre o homem e o mito era satisfeita com rituais de magia, em que o objeto que representava o doente ou quem se queria atingir era um fio de cabelo do indivíduo ou outro objeto qualquer; o mito moderno (a razão instrumental) é o número, o cálculo; fórmula onde pode caber qualquer coisa sem traço de personalidade. A razão, sob esse prisma, vislumbra o mundo pelo que pode ser transformado em número. A crítica adorniana contra a quantificação está relacionada à perda de humanidade do homem ante a

natureza e a ele mesmo. O capital, ao quantificar o mundo, pretende transformar tudo em lucro.

No terceiro capítulo, abordamos a Indústria Cultural, com o seu magnífico aparato de dominação da consciência dos indivíduos. A Indústria Cultural é a manifestação explícita do poder do sistema capitalista de produção em sua ânsia de vender seus produtos. A venda dos produtos obedece às características do modo de produção do sistema capitalista, que é em série e em grande quantidade. Os produtos em série são feitos dentro de uma uniformidade, isto é, têm o mesmo aspecto. Para serem vendidos em larga escala, é necessária uma organização que impulse os indivíduos a desejarem consumir aquilo que muitas vezes é supérfluo. A imagem do produto, no entanto, é posta pelos meios de comunicação como algo necessário e adequado para uma afirmação social. Desse modo, a Indústria Cultural deve, também, modelar a consciência dos indivíduos uniformemente por meio da propaganda.

A Indústria Cultural tem o papel de levar ao consumidor o sonho de ter o produto da última moda, prometendo facilidades de compras e, como consequência, a felicidade. É feliz o indivíduo que consome, não aquele que simplesmente pode consumir, mas o que consome de qualquer maneira, endividando-se e muitas vezes deixando de se alimentar adequadamente para consumir o novo modelo de tênis ou o sanduíche da lanchonete da moda.

Não devemos pensar de modo algum que as pessoas se sacrificam para consumir porque estão em estado letárgico ou hipnotizadas pelo poder de convencimento da propaganda. Nada disso, elas estão muito conscientes da manipulação, porém, segundo Adorno e Horkheimer, até os mais espertos não se livram da pressão do sistema que exclui aqueles que se negam a ceder aos fetiches da fábrica de objetos de desejos que é a Indústria Cultural. Como fábrica de necessidades, ela vende um modo de vida que, para os dois filósofos, é uma promessa que nunca se concretiza, pois, fica sempre como uma necessidade latente. A promessa é uma maneira de cultivar a ansiedade perante o novo, o que ainda não foi fabricado, mas que já existe como promessa.

A Indústria Cultural não somente serve como ponte para venda de produtos industriais, mas também cria bens culturais para a venda em massa, como filmes, livros e programas de computadores destinados ao entretenimento. A massificação da cultura seria uma grande conquista da humanidade se não fosse pelo fato de não haver por parte dessa indústria a intenção de abordar o tema com profundidade. A cultura tratada pela Indústria Cultural, ao ser absorvida pelo sujeito, torna-se o que Adorno chama de semicultura. A intenção é lançar na consciência do sujeito subprodutos extraídos da cultura tradicional como substituto da reflexão dos indivíduos.

A obra de arte, por exemplo, ao ser filtrada pela Indústria Cultural, é consumida como um objeto qualquer, sem levar em conta seu conteúdo social e histórico. E assim, em grande velocidade, as pessoas vão consumindo o que se lhes apresenta como novo, mesmo que não seja. O novo, ao chegar às prateleiras, já está velho. É preciso um novo produto. A nona sinfonia de Beethoven, com arranjo musical um pouco diferente e que sirva de trilha sonora a uma novela, é vendida como última novidade. Não é, todavia, intenção nesse presente trabalho analisar os efeitos sobre a arte perante o comportamento da Indústria Cultural.

A cultura é o conteúdo da máquina de propaganda das empresas de publicidade. É por meio dos bens culturais da tradição que os produtos industriais são vendidos. Para Adorno e Horkheimer, a cultura está tão fundida à publicidade que, apesar de ser um bem de uso e troca, já não se sabe o que ela realmente é. O que se sabe realmente é que a Indústria Cultural lapida de tal forma o bem cultural que tira a essência desse, e dá a entender aos ingênuos, ou àqueles que por motivos sociais diversos não tiveram acesso aos bens culturais, que existe um repasse de conhecimento cultural durante a propaganda de venda da mercadoria. Os artifícios da Indústria Cultural têm como intuito controlar a racionalidade do sujeito para que ele tenha um só sentido: consumir.

A problemática da razão em Adorno é uma crítica social contra um sistema de dominação capitalista que, na sociedade moderna, demonstrou toda sua ferocidade quando o assunto é sua autopreservação. Para ele, a raiz do problema está na racionalidade humana

que se preocupou em se desenvolver tecnologicamente, mas que desprezou a humanidade dos indivíduos, deixando-os à mercê de uma consciência bárbara embutida num sistema arcaico herdado da mitologia onde o mito foi substituído pelo número, ou seja, a humanidade, antes dominada pela natureza porque ainda não desenvolvera uma consciência que a levasse a compreender, racionalmente, a multiplicidade de vozes e conceitos do mundo natural, encontra uma saída pelo desenvolvimento da técnica, mas em vez de abolir a dominação, pratica a dominação total contra o homem e a natureza.

CAPÍTULO I

A PRIMAZIA DO OBJETO

A crise da razão é em nosso entendimento, pela concepção de Adorno, a pretensão do pensamento em abarcar a realidade sem levar em consideração a multiplicidade que cobre o mundo social. A multiplicidade é a constelação de conceitos que se entrosam no mundo social, tornando a existência do particular distante dos conceitos universais da classe burguesa que dirige a sociedade. A imposição do conceito que gera a identidade por parte do sistema de dominação burguês gera, por outro lado, a negação por parte do particular.

A tarefa da dialética negativa é ir contra essa pretensão de universalidade usando como instrumento o próprio princípio da identidade da tradição e, através dele, demonstrar sua falsidade, ou seja, à medida que a identidade é usada contra ela mesma, surge o que ela ocultou: a contradição. A contradição, segundo Adorno, é o índice de falsidade do princípio da identidade. A posição de Adorno sobre o conceito e a identidade na relação sujeito e objeto tem consequências no progresso social impulsionado pelo grande capital. As principais consequências são a concentração de riqueza e o aumento da miséria.

1.1. O CONCEITO E A IDENTIDADE

O princípio da identidade da tradição, um dos alvos da crítica de Adorno, é usado como ponto de partida e de chegada na sua reflexão. De partida, no sentido de uma crítica imanente do mundo social em que todas as categorias do pensamento identitário que levam a uma determinação de um fato como universal seriam usadas contra ele mesmo por meio da dialética negativa. De chegada, como possibilidade de inclusão do não-idêntico, daquilo que ficou de fora do conceito e que para Adorno é a verdadeira contradição. A verdadeira contradição não seria suprimida no movimento dialético porque, segundo Adorno, ela é a verdadeira identidade. Mesmo a verdadeira identidade, no entanto, seria falsidade, pois a

reflexão dialética não descansa em sua experiência em busca da verdade. A concepção adorniana é um ataque ao princípio da contradição da tradição. Para Adorno, um ser não é idêntico a si mesmo, pois ele (o ser) contém, em si, a diferença como parte de sua identidade, portanto, existe sim contradição na identidade no contexto de uma mesma relação. Para Adorno, identidade e contradição se confundem.

A filosofia adorniana se pauta não na simples negação da identidade filosófica da tradição, mas sim de utilizá-la como um instrumento adequado a uma crítica da sociedade burguesa, que conceitua o real de acordo com suas conveniências. Os conceitos da classe dominante forjam, portanto, a realidade sem se preocupar com o que ficou de fora. O que fica de fora, para Adorno, é o não-conceitual que está incluso na realidade que, como objeto, é bem maior do que o conceito que, numa pretensão de abarcar o todo, não percebe que o particular é bem mais extenso do que aparenta ser.

O pensamento adorniano, no entanto, não invalida o conceito como meio para se conhecer o real. Não se conhece o não conceitual sem o conceito, mas não o conceito se adequando ao não-conceitual, procedimento levado ao extremo pela filosofia hegeliana em que nenhum elemento da realidade que interessa ao sistema escapa ao conceito que logo se inclui no movimento dialético rumo à síntese onde sofrerá um processo de acabamento ao perpassar os três momentos da dialética de Hegel. O uso do conceito, no entender de Adorno, deve seguir o caminho rumo ao não-conceitual que não pode ser conhecido sem o conceito. O não-conceitual é a realidade esquecida pelo conceito; e o pertencente aos indivíduos na sua particularidade. É o que é posto pelo movimento histórico no tempo e que, portanto, avoluma o objeto fazendo-o inabarcável pelo conceito.

Sem embargo, o que o conceito alcança de verdade alcança por cima de seu abstrato recinto não dispõe de outro cenário que o que ele mesmo oprime, deprecia e rechaça. A utopia seria penetrar com conceitos o que não é conceitual sem acomodar este a aqueles.²

²ADORNO. **Dialética Negativa**. Versión castellana de José Maria Ripalda. Madrid: Taurus, 1996, p.18.

Para Adorno, o conceito posto como verdade pelo sistema idealista hegeliano atinge a realidade dos indivíduos particulares, desprezando a multiplicidade de conceitos desses indivíduos que têm a sua própria visão de mundo e que não pode ser abarcada.

O conceito adorniano transita por entre os entes que compõem o não conceitual, aquilo que não possa ser determinado pelo princípio da identidade. Assim, a síntese hegeliana é descartada por eliminar a contradição. A identidade em Adorno é contradição, ou seja, dentro da lógica adorniana, não há possibilidade de se alcançar uma identidade, embora não seja possível fazer uma experiência filosófica junto ao real sem identificar o que se busca. O intuito é levar a antítese hegeliana ao extremo, num movimento de negação permanente.

Para Adorno, a realidade deve ser pensada de acordo com o movimento das relações sociais. É pelo conceito que se atinge o não conceitual e ao atingi-lo o conceito se supera. A diferença no uso do conceito entre Adorno e Hegel é o não encaixe entre conceito e realidade. O conceito, para o pensador da Escola de Frankfurt, não se transforma em identidade, mas continua no seu movimento de negação, identificando os entes da realidade, juntamente com as contradições. Estas continuam como a chave do movimento dialético, num movimento de permanente negação. “O espírito que reflete sem descanso sobre a contradição real tem que ser essa mesma realidade, para que esta possa se organizar segundo a forma da contradição”.³

Para Adorno, a subjetividade, o espírito, não deve se desligar do real, mas vivenciar o que ocorre no mundo e não criar um sistema que diga o que as pessoas devem ou não devem fazer. A reflexão sobre a contradição revela a falsa identidade posta pela sociedade burguesa. Na identidade **conceito – realidade**, a sociedade aplica um sistema de dominação que gera um pensamento de exclusão de todo o real que se forma no âmago do próprio movimento social. É pelo princípio da identidade que o sistema capitalista exclui o que não interessa ou põe em risco o sistema de dominação. A parte excluída é o não-idêntico, o não conceitual.

³ Ibidem., p.18.

Adorno adverte que o não conceituado pelo sistema identitário da filosofia tradicional só pode ser alcançado pela reflexão posta a partir dos próprios instrumentos do pensar tradicional. A reflexão adorniana foge do movimento ligado a *intentio recta*, isto é, ao movimento que rumo a uma conclusão sobre o refletido. O debruçar-se sobre os conceitos da tradição que leva à falsa totalidade é tarefa da dialética negativa, cuja reflexão deve ser feita lateralmente, ou melhor, não ir com o propósito de caminhar de modo progressivo com a pressa de encontrar uma síntese que sirva de identidade entre o conceito e a realidade, mas praticar a *intentio obliqua* da *intentio obliqua*, ou, duplo giro copernicano, refletindo sobre o refletido, o sujeito descobre a cada verificação que aquilo que é, não é.

A *intentio obliqua* da *intentio obliqua* é um mergulho da subjetividade reflexiva e dialética sobre o real. É uma maneira de conhecer o âmago da sociedade levando consigo a identidade da tradição até a eclosão dessa mesma identidade, ou seja, até que ela se reconheça na sua falsidade ao se deparar com o não-idêntico. A *intentio obliqua da intentio obliqua* é pensar o que foi pensado e que é tido como verdade.

A situação histórica faz com que a filosofia tenha seu verdadeiro interesse ali precisamente onde Hegel, de acordo com a tradição, proclamou sua indiferença no carente de conceito, no particular e especial, esse que desde Platão foi despachado como morredouro e sem importância, para ser alçado ao fim por Hegel, à etiqueta de existência corrompida.⁴

Refletir sobre o mundo em que se vive é a tarefa histórica na modernidade, segundo Adorno, da filosofia depois de fracassar em identificar o mundo de acordo com seus conceitos. É, portanto, não mais querer esquecer que a realidade é feita por indivíduos de carne e osso que no movimento da sociedade vivenciam experiências que tendem a negar aquilo que lhes é imposto como verdades universais. Nestas circunstâncias, o sujeito não é responsável pela construção do objeto, ou seja, da realidade posta no mundo. A função do sujeito é refletir sobre o real, levando em consideração o movimento da sociedade cujos problemas embutidos nela não podem ser resolvidos usando a pura razão. É o que abordaremos a seguir.

⁴ Ibidem., p.16.

1.2. A ILUSÃO DO SUJEITO CONSTRUTOR DO OBJETO

A realidade posta como uma construção da subjetividade do sujeito é, para Adorno, um erro que se comete, pois não leva em consideração o movimento histórico que construiu o mundo social e que nem sempre está pautado na vontade do sujeito nem sob as regras de uma razão absoluta, ou seja, de uma racionalidade que calculou um fato e este aconteceu. A razão que se manifesta submetendo o sujeito aos seus interesses é a razão excludente do sistema capitalista. Um sistema em que as relações de produção têm uma superestrutura totalmente voltada para a defesa do capital não pode permitir que ocorra a emergência da diversidade de conceitos que reside no seio da intersubjetividade social. Portanto, é necessária ao sistema opressor a não manifestação desses conceitos que é a manifestação do real, do não-idêntico, e que, conseqüentemente, pode pôr em risco o seu *status quo* de dominador do homem e da natureza.

A superioridade do sujeito sobre a realidade implica a eliminação das qualidades, ou seja, da multiplicidade do mundo social do objeto que não pode ser quantificado e colocado numa fórmula. A eliminação, para Adorno, é a transformação da realidade em axiomas matemáticos como faz o positivismo. O sujeito, tomado como senhor da realidade, ao insistir no programa de dominação sobre o objeto, tem a ilusão de que é um ente à parte, desvinculado de tudo o que não condiz aos seus próprios interesses inseridos numa totalidade gerada pelo cálculo.

De acordo com a tendência quantificante, que caracteriza toda a ciência desde de Descartes, a objetivação científica tende a eliminar as qualidades, convertendo-as em determinações mensuráveis. Correspondentemente, do lado subjetivo, o cognoscente se reduz a um universal carente de qualidades, puramente lógico.⁵

A eliminação das qualidades do objeto é a exclusão da humanização do sujeito. A desumanização pode ser constatada pela lógica do mercado que continua,

⁵ Ibidem., p. 50.

mais do que nunca, dependente da razão instrumental para reduzir os indivíduos a meros consumidores acríticos dos produtos científicos e espirituais. A capacidade de auto-reflexão a respeito da realidade, tal como é posta no mundo pelo movimento histórico no tempo, é reificada a partir do controle sobre as qualidades do objeto. O controle das qualidades do objeto, que é a multiplicidade de conceitos implicados nas relações sociais, dá-se obstruindo a visão do sujeito cognoscitivo, obrigado a aceitar os valores da classe dominante. Conceituar o real, segundo as regras do sistema de dominação, é determiná-lo, adequando-o à subjetividade do sujeito e moldando seu comportamento.

Mensurar o real pela subjetividade leva o sujeito à ilusão de ser o construtor direto da realidade, entanto, a construção do real pelo sujeito ocorre nos parâmetros da matemática fazendo com que ele (o sujeito) tenha do mundo um conteúdo puramente lógico. Com isso, a compreensão do indivíduo inserido na cultura da dominação eleva não somente a natureza, mas também o próprio homem ao grau de instrumento do sistema dominador.

A constituição do objeto é oriunda de uma mutualidade, a saber, de uma reciprocidade entre o sujeito e o objeto. Não cabe ao sujeito a supremacia nem ao objeto. A filosofia da subjetividade de Kant eleva, segundo Adorno, o sujeito cognoscente a construtor do mundo pelos conceitos determinados pela estrutura da razão. O sujeito deve ser uma construção advinda de uma troca entre ele e o não-conceitual, a saber, da realidade tal como é e não simplesmente do sujeito transcendental. O mundo, a realidade construída, ao longo do processo histórico-civilizatório, é muito mais do que um conceito dado por um sujeito universal.

A síntese que o sujeito transcendental de Kant faz entre os entes da realidade por meio da experiência e as formas universais da razão deixam clara a impossibilidade do sujeito abarcar o real, e ao conceituar os dados da apercepção recai na identidade idealista que cria a realidade à imagem dos conceitos. O que não é abarcado pela subjetividade fica na impossibilidade de ser conhecido. A coisa-em-si de Kant, no entanto, é o não conceitual, é o que é construído por um processo histórico, mas esquecido pelo princípio da identidade.

É o mundo que se constitui independentemente da subjetividade, mas que não existe sem a reflexão do sujeito.

A percepção do objeto não somente depende dessa individuação, que é diferenciação; esta mesma se constitui igualmente a partir do objeto, que em certo modo reclama dela sua restituição integral. Não obstante, as formas subjetivas de reações necessárias ao objeto necessitam por sua vez ser corrigidas constantemente em confrontação com este.⁶

Adorno, nesta citação, dá-nos a compreensão do papel do sujeito frente ao objeto. Seu papel (de sujeito) é o de confronto dialético entre a subjetividade que reflete o objeto e a necessidade desse mesmo objeto, a realidade, em exigir que aquilo que sofre o processo de reflexão volte corrigido para o meio da sociedade. É esse, para Adorno, o papel do sujeito frente ao objeto; o de refletir sobre a realidade que o cerca, tendo plena consciência de que ele também faz parte desse objeto.

O caminho da subjetividade é o de primeiro refletir sobre o sujeito e o papel que ele desempenha no mundo em que vive e ter a consciência de que, à medida que modifica o objeto, este também o modifica, mesmo porque ele (o sujeito) também é objeto. A subjetividade é que deve situar, pela reflexão, o sujeito como agente da realidade e não como constituinte. Não há, segundo Adorno, um pensamento que não pense algo que está exposto na realidade, interagindo com outras coisas e dando-lhes sentido, portanto, o sujeito também é objeto.

A cognoscibilidade do sujeito está exposta no objeto, na realidade constituída pelo movimento histórico dentro das relações sociais em que o sujeito em si não tem como abranger, pois é algo muito maior do que a consciência do sujeito transcendental que apreende o mundo dos que formulam as regras que impedem a capacidade reflexiva do indivíduo e, como consequência, adotam os conceitos do capital que, assim, continua dominando.

⁶ Ibidem., p. 52.

1.3. A RELAÇÃO SUJEITO – OBJETO

A definição de sujeito e objeto, para Adorno, é absurda, pois é inconcebível definir ambos separadamente, sem recair no idealismo que é alvo de sua crítica. Ademais sua concepção de objeto como primazia impõe ao sujeito uma necessidade de aproximação do real sem angústia, pois ele está lá com seu véu para ser, passivamente, rasgado num momento de plena interatividade.

Entendemos, portanto, que para Adorno, tudo aquilo que o homem não conseguiu realizar, mas que era a intenção nos primórdios do esclarecimento, está no não-idêntico, no não-conceitual. Está na realidade construída no tempo e escondida na falsa identidade sujeito-objeto. Por isso, a síntese hegeliana que dá primazia ao sujeito não alcança esse objetivo, porque tudo, na realidade, está no objeto.

O objeto não foi construído com a força da consciência do sujeito. Ele (o objeto) ultrapassa o sujeito. A ultrapassagem ocorre à medida que guarda dentro de si, como uma mônada, todo legado de uma intenção primeira: dissolver o mito e trocar a imaginação pelo saber. No objeto está embutida a contradição, é nele que se deve buscar o anti-sistema que se contrapõe a toda realidade posta.⁷ No anti-sistema adorniano, o objeto é alvo da reflexão do sujeito sem as amarras dos conceitos impostos pela classe dominante. É refletindo que o sujeito pode evitar a separação entre ele próprio e o objeto. É pela subjetividade que o objeto é conhecido.

⁷ TIBURI, Márcia – **Crítica da Razão e Mimesis no Pensamento de Theodor W. Adorno**. Porto Alegre. EDIPUCRS: 1995,p.66. “A obra adorniana é uma ferrenha crítica à tradição do pensamento e àquelas filosofias que ingenuamente tentaram contrapor-se a esta mesma tradição (a crítica a Husserl e Heidegger acaba por considerá-los mantenedores do pensar tradicional, apesar de todas as tentativas de suas filosofias em revolucionar com os pressupostos daquele mesmo pensar). A partir daí, a ‘Negative Dialektik’ pode ser considerada como a chave para toda filosofia adorniana. Ela é a afirmação do anti-sistema contrario à onipotência do conceitual que se pretende abarcar em uma unidade do conceito, que vinha sendo promovida pela filosofia no curso da história. Quanto ao anterior da unidade, ele abre uma crítica imanente, ao exterior ele abre a possibilidade da existência. É esse existir de certas coisas para além do conceitual, para além do abarcável pelo conceito, que reduz a validade da filosofia idealista e/ou sistêmica fechada em si mesma, distanciada de uma busca ou compreensão pelo que lhe escapa”.

A separação sujeito-objeto guarda em si um controle ideológico imposto pelo sistema identitário, que avança com a ciência positivista sobre a realidade, com a finalidade de controlá-la legando ao sujeito esse primado, ou seja, o de constituinte do objeto. Para Adorno, a ideologia funciona como um logro para encobrir a reificação dos indivíduos porque é através dela que ocorre a dominação da consciência do sujeito. O primado do sujeito, por parte da filosofia idealista, falseia a realidade composta por uma reciprocidade sujeito-objeto, por conseguinte, não há sujeito sem objeto.

A separação torna-se ideológica, exatamente sua forma habitual, assim como é fixado sem mediação. O espírito usurpa o lugar do absolutamente subsistente em si, que ele não é: na pretensão de sua independência anuncia o senhoril. Uma vez radicalmente separado do objeto, o sujeito reduz este a si; o sujeito devora o objeto ao esquecer o quanto ele mesmo é objeto.⁸

O objeto concebido como uma construção do sujeito transcendental demonstra a coisificação do sujeito a partir do instante em que este se arvora de ser o construtor de toda a realidade, sem se esforçar em compreender que o real não se constitui num simples encaixe pensar e ser. Não há possibilidade, segundo Adorno, de o sujeito abarcar a realidade com a força de sua consciência, embora o fato de o sujeito não abarcar a realidade não signifique um estado de impotência deste perante o objeto, mas sim que ele não constrói a realidade como expressa o conceito idealista. A primazia do objeto não repousa numa diminuição do sujeito. O papel deste, no entanto, é o de agente da reflexão da realidade e correção dos desvios que possam ocorrer na trajetória do movimento histórico que leve a violência contra os próprios indivíduos. Pautado nessa concepção, reside o materialismo de Adorno, que se faz com o primado do objeto, mas não de um objeto sem mediação, a saber, sem a presença do sujeito que se relaciona com ele num processo dialético. O processo dialético se passa numa experienciação que não se dá no molde do idealismo tradicional. A diferença fundamental está no fato de que se usa o instrumento do idealismo tradicional para combater o próprio. Não é, portanto, uma recaída, ou seja, usa-se o idealismo para mostrar, segundo Adorno, a sua falsidade.

⁸ ADORNO. **Palavras e Sinais**. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 183.

A experiencição é o momento em que o sujeito se entrega ao objeto. É o envolver-se com algo do qual faz parte. O envolver-se, para o pensador alemão, ocorre de modo passivo porque o objeto, apesar de sua primazia, também é sujeito. O seu reconhecimento somente existe pela subjetividade, mas não a subjetividade ao modo kantiano, pois nela a realidade é um construto do sujeito, enquanto que para o pensamento adorniano há uma construção mútua, portanto, tanto o sujeito colabora no processo de construção do objeto como este participa da constituição do sujeito.

O pensamento deve debruçar-se sobre o objeto, ater-se a ele no intuito de extrair dele verdades escondidas que possam levar os indivíduos a uma reconciliação perdida nos primórdios do esclarecimento. Encontrar soluções sintéticas, isto é, soluções em que as contradições são arbitrariamente superadas, para que o conceito se encaixe ao real como é típico do pensamento idealista, é recair na falsa totalidade e distanciar o sujeito do objeto.

O debruçar-se, para Adorno, é a reflexão que pára na negatividade, mas essa negatividade não quer expressar nenhum niilismo e sim uma busca pela verdade escondida sob o manto da falsa verdade tecida pelo sistema capitalista. A busca não se resume a uma conclusão apressada do que seja verdade ou não verdade, mas a uma reflexão em que se utiliza o conceito sobre o não-conceituado.

A dialética negativa é a busca incessante, pela negação, do que é posto como verdadeiro pela identidade do sistema social em que vivemos. O movimento de negação se utiliza do próprio conceito de totalidade da tradição para provar a sua falsidade. A negação, segundo Adorno, faz-se pela identificação, portanto, a filosofia adorniana não descarta a identidade, somente não permanece nela.

O objeto é formado por entes que guardam dentro de si a verdade e a falsidade, por consequência, a síntese não reflete o real. A síntese elimina a contradição na unidade do conceito. Identidade e contradição, para Adorno, são indissociáveis, portanto, identificar o objeto só é possível com a sua contradição. Esta revela a falsa identidade posta pela sociedade burguesa que tenta criar uma realidade a partir dos interesses do capital.

A realidade social é uma construção de todos os indivíduos a partir dos primeiros grupos de humanos que habitaram a Terra. E através do trabalho teceram relações sociais complexas, desenvolveram regras para sobreviver em grupos, depois em comunidades que se espalharam com regras diferenciadas, pois o meio implicava outras relações sociais, portanto, novas regras que se chocaram com as regras de outras comunidades e provocou os primeiros conflitos por interesses ligados à sobrevivência. Não queremos nos alongar nesse interessante percurso, mas demonstrar que, desde a proto-história do homem, a realidade construída por ele toma rumos que fogem a um controle de sua vontade e que, portanto, fica difícil de acreditar que seus entes sejam determinados por conceitos que se fecham em si mesmos, ou melhor, que desprezam as funções múltiplas dos entes que compõem o objeto que, para Adorno, sobra na relação direta com o sujeito, daí afirmar-se que o objeto seja maior do que o sujeito. É como se ficasse um resíduo que permanece fora do conceito, resíduo que ele chama de não-conceitual. A experiência adorniana para se conhecer o não conceitual, como já afirmamos, é feita com o próprio conceito da tradição filosófica.

Diferentemente do conceito hegeliano em que o sujeito abarca o objeto, em Adorno não ocorre o mesmo. A explicação adorniana tem uma aproximação maior com as antinomias de Kant, porém, para o pensador de Königsberg, o sujeito transcendental age sobre o objeto dando a forma de acordo com a estrutura da razão, restando desse processo às antinomias, que são elementos conflitivos para os conceitos da razão pura. As antinomias⁹ para Adorno é o não-idêntico, é o que não pode ser conceituado dentro dos parâmetros de um sistema fechado. Para Adorno, é sobre as antinomias que o sujeito deve refletir¹⁰ com conceitos que nunca se fecham em si mesmos. Aquilo que, para Kant, não podia ser conceituado por incongruência racional, isto é, pelo fato de a tese ser parco para a razão e a antítese ser demasiada extensa, é, para Adorno, o momento de pensar o real como ele é, com todos os conflitos advindos das relações sociais. A diferença de fundo entre Kant e Adorno, nesse aspecto, está no fato de que, para o primeiro, o sujeito cria o objeto, para o segundo não existe nem uma coisa nem outra, pois sujeito e objeto são a mesma coisa. Essa mesma coisa não significa que não exista o sujeito com sua consciência. Esta não é a

⁹ADORNO. **Dialética Negativa**. Op.cit. p.251.

¹⁰ Ibidem.,p..253.

construtora absoluta do objeto, o qual só pode ser resultado de uma construção mútua de sujeito e objeto. Para Adorno, a realidade não é uma construção que em parte é sujeito e em parte é objeto. Na relação sujeito-objeto, o primado do objeto não o põe em posição de superioridade frente ao sujeito. O objeto não é nada sem ele. A relação mútua sujeito-objeto não implica um sinal de igualdade entre ambos. O sujeito, ao se relacionar com o objeto, está se relacionado consigo mesmo. Para Adorno, há sujeito no objeto e objeto no sujeito. Isso não implica que haja uma relação identitária entre ambos, segundo o esquema hegeliano, no qual o sujeito conceitua o objeto aplicando o princípio da identidade, levando a contradição ao abandono. Mesmo que depois a síntese venha a ser negativa, muito se perdeu ao longo do percurso do conceito em Hegel.

Como ênfase, repetimos que; a refutação de Adorno contra o sistema se dá usando o próprio sistema com suas categorias para demonstrar a sua falsidade e, a partir dessa experiência, demonstrar a sua concepção de anti-sistema. O sistema é um instrumento de crítica imanente, ou seja, por dentro do objeto onde aquilo que pertence ao objeto e não é reconhecido pelo conceito, por ser o não conceitual, é despertado e emerge para fora como uma correção do objeto pela reflexão. Cabe ao sujeito cognoscitivo no movimento reflexivo não superar as contradições contidas no não-idêntico, isto é, naquilo que não pode ser abarcado pelo princípio da identidade imposto pelo sistema de dominação capitalista, mas reconhecê-las como a verdadeira identidade, segundo Adorno. Para Rodrigo Duarte:

A força propulsora da concepção de anti-sistema encontra-se exatamente na abordagem da não-identidade, portanto, na constatação de que o objetivo, de modo algum, é idêntico ao sujeito ou possa vir a sê-lo: há sempre um “resto” na relação de conhecimento, o qual não subsumível pelo sujeito cognoscente.¹¹

O objeto concebido sob a perspectiva do sujeito como único responsável pela sua constituição redonda num processo de ideologização que é aplicado pelo sistema capitalista junto ao objeto. Como o sujeito detém em si o objeto, já que faz parte dele para existir, não

¹¹ DUARTE. **Mímesis e Racionalidade**. São Paulo: Edições Loyola, 1991, p.65.

deveria acatar o que é lançado pelo sistema de dominação, sem refletir. A não reflexão por parte do sujeito o leva à reificação, por conseguinte, a um distanciamento da realidade constituída pelo movimento das relações sociais. O real passa a ser, então, o que é posto como totalidade de ser e pensar. O sujeito reificado pensa o que é pensado pelo sistema de dominação social embutido nas relações de produção que modela o sujeito, inibindo sua capacidade reflexiva, levando-o a defender o modo de produção que o domina.

A crítica adorniana não se lança apenas contra o idealismo filosófico, especialmente o hegeliano, pois, para Adorno, é uma projeção do sistema de dominação que põe na relação sujeito-objeto o sujeito como responsável pelo objeto, mas contra, também, a hipótese do sujeito pelo partido. A referência tem como endereço o chamado socialismo real. Nele, o sujeito reflexivo é excluído em prol do partido político que representa uma totalidade controladora do sujeito pelo terror. Para Adorno, “nos países do leste o curto-circuito teórico neste ponto tem servido de pretexto à opressão coletiva”.¹² E como frisa nessa outra passagem: “seu número de filiados dava-lhe a priori superioridade cognoscitiva sobre qualquer indivíduo”.¹³ O descaso para com o sujeito em nome da ideologia levou esses regimes a transformarem os sonhos emancipatórios do proletariado no pior dos pesadelos.

No capitalismo com base na propriedade privada, os indivíduos são arrastados pela ideologia do mercado que prima pelo consumo de mercadoria, enquanto, no socialismo real, eles eram arrastados pela ideologia dos burocratas zelosos do capitalismo de Estado. No capitalismo de Estado (socialismo real), não houve emancipação do homem porque a forma de dominação permaneceu intacta, ou seja, para Adorno, a estrutura em que está montado o capitalismo, em sua forma, nos marcos da burguesia, permaneceu sendo utilizada em toda sua força contra o sujeito por aqueles que defendiam a igualdade entre os indivíduos a base do terror. A ideologia aplicada no socialismo real subsumiu o sujeito no objeto a tal ponto que toda e qualquer particularidade era perseguida caso não fosse representada pelo partido. Este (o partido) funciona como um sujeito todo poderoso que está acima de qualquer individualidade, assim como do bem e do mal.

¹²ADORNO. *Dialética Negativa*, op.cit. p.52.

¹³ Ibidem., p.52.

A consciência do sujeito era o alvo dos donos do poder burocratizado. O marxismo, com base no medo mítico do partido, estava sempre presente em todos os lugares para inibir qualquer reflexão sobre o objeto.

Para Adorno, o comportamento político de primar o partido como instrumento de dominação, relegando o sujeito à condição de simples ente abstrato, ou seja, a um mero número a ser descartado, caso assim conviesse, é a castração contra a individuação, isto é, contra o sujeito como agente.

A individuação do sujeito é o resultado da experiência travada no seio das relações sociais; não acontece por si, mas a partir da vivência junto ao objeto. O indivíduo, para Adorno, se converte em sujeito à medida que sua consciência passa a existir como impulso da coisa, do mundo que o cerca.

A realidade não é uma simples criação do sujeito transcendental ou do partido político que captura o objeto e daí forja a realidade, nem pode o objeto como idéia ser o motor da construção, prescindindo do sujeito. A realidade é uma resultante entre o homem e a natureza. Dessa relação surge o objeto como algo maior que a pretensão da consciência em conhecê-lo, sem levar em conta a sua complexidade.

Na relação sujeito-objeto¹⁵, em que o primado é do objeto, é imprescindível o reconhecimento do sujeito. O reconhecimento do sujeito se dá pela subjetividade que, segundo Adorno, é indispensável para dá forma ao objeto. É pela subjetividade, pelo aparato cognoscitivo do sujeito, que este reconhece, pela reflexão, que a constituição de ambos ocorre num processo de reciprocidade, mas somente o sujeito está capacitado a reconhecer a existência do objeto. A importância que Adorno lega ao sujeito é o de agente do objeto e que através da reflexão, possa reconhecer a importância do movimento histórico que, esse sim, é o construtor do objeto assim como do sujeito.

¹⁴Ibidem., p.52.

¹⁵Ibidem.,p.188.

O processo histórico-civilizatório é bem maior do que a capacidade da estrutura da consciência, que, para Kant, podia dizer como se dá o real. Não há sujeito sem objeto, nem o contrário. O sujeito com a sua capacidade de reflexão analisa o objeto sem também deixar de ser objeto.

Em Kant, o conceito se faz na estrutura da racionalidade do sujeito, o que, para Adorno, o transforma em prisioneiro dentro de si mesmo. Deve-se, porém, a Kant a dúvida quanto à possibilidade do sujeito em abarcar toda a realidade por uma deficiência da razão que ele chamou de antinomias. Ele, no entanto, não foi adiante, não percebeu que esse aspecto da sua epistemologia era o não-conceitual, o que para Adorno é a realidade autêntica construída pelo movimento da história. A realidade, para Kant, é subjetiva, mas sob a ótica adorniana, tudo aquilo que a razão kantiana absorve pela experiência é objeto, mas como é quantificada pela razão, não representa a verdadeira realidade que se esconde no não-conceitual, no mundo tal como ele é, na coisa-em-si. A coisa-em-si que, segundo Duarte, guarda um parentesco com o não-idêntico adorniano¹⁶, interfere de modo qualitativo na maneira como o sujeito se relaciona com o objeto. É na coisa-em-si que se situa à parte do objeto desprezada pelo pensamento da identidade.

Só é legítimo falar da primazia do objeto quando essa primazia em relação ao sujeito, entendido este no sentido mais lato, é determinável de alguma maneira; quando é algo mais, portanto, que a coisa em si kantiana, como causa desconhecida do fenômeno. Também esta, apesar de Kant, contém já – pelo mero fato de contrapor-se ao que é susceptível de predicação categorial – certamente um mínimo de determinações em si; uma delas, de índole negativa, seria a acasualidade. Ela consegue fundar uma antítese com relação à opinião convencional que está conforme o subjetivismo.¹⁷

A coisa-em-si kantiana é um instrumento da filosofia da tradição que Adorno utiliza como experiência para manter a sua concepção de anti-sistema. A coisa-em-si, no entanto, é

¹⁶.DUARTE. **Mímesis e Racionalidade**, op.cit.p.67.

¹⁷ ADORNO. **Palavras e Sinais**, op.cit. p.189-190.

um instrumento que, pela influência que exerce sobre a filosofia adorniana, não é levado para que tenha a sua falsidade comprovada, muito pelo contrário, Adorno quer comprovar que a coisa-em-si está muito além do que imaginara Kant. A coisa-em-si kantiana é o não-idêntico.

A coisa-em-si, segundo a concepção adorniana, é o mundo social como objeto, como totalidade não abarcável pelo sujeito, mas que pode ser refletido em sua particularidade. É na coisa-em-si que ocorre a mediação entre o sujeito e o objeto, e é na mediação mútua que o sujeito, como agente do objeto, reflete com a sua capacidade cognoscitiva as contradições que estão postas no real e que não podem ser eliminadas pela razão, mas corrigidas pela dialética entre o sujeito e o objeto. A correção ocorre pela capacidade reflexiva do sujeito frente ao real, frente aquilo que já é mediado, mas que precisa ser corrigido pela razão.

Adorno não crê na existência do imediato, pois, para ele todos, os entes que compõem o objeto e, por conseqüência o sujeito, são mediados. A imediatidade posta em Hegel como origem do conhecimento é o mesmo que dá primazia ao sujeito como construtor do objeto. Embora, em Hegel, sujeito e objeto interajam para a construção do real, é inegável a primazia do sujeito, pois tudo passa pela consciência dele. O mundo de Hegel é o mundo construído pela razão na unidade do conceito. Este foi, para Adorno, o grande erro de Hegel, fugir da negatividade e se apressar em fechar a realidade na unidade do conceito e dar uma equivalência entre sujeito e objeto, no entanto, essa equivalência é falsa, pois o mundo hegeliano se resolve na consciência do sujeito. A crítica que Hegel dirige a Kant, ao fazer uma analogia entre a razão kantiana e o passarinho no visgo, recai sobre ele, segundo Adorno, ao prender o sujeito num sistema totalitário.

Adorno não define o que é sujeito nem o que é objeto; ele não diz que objeto é isso e sujeito é aquilo, pois não os vê como entidades dogmáticas, mas como categorias que existem como conceitos produzidos por nossa capacidade de reflexão e que os utiliza como peças da filosofia da tradição. Existe uma dificuldade, por conta da tradição filosófica, segundo Adorno, em pensar sujeito e objeto não separadamente. Para abordar sua discordância contra a tradição, ele vai utilizar as duas categorias separadamente, embora

para dizer que sujeito e objeto não existem sem um ser o outro. Em **Palavras e Sinais**, Adorno expressa a dificuldade de se definir ambas as categorias:

Em se tratando de considerações sobre sujeito e objeto, a dificuldade consiste em indicar do que se deve propriamente falar. É notório que os termos são equívocos. Assim, sujeito pode referir-se tanto ao indivíduo particular [*einzelne Individuum*] quanto a determinações gerais; de acordo com os termos dos *prolegômenos* kantianos, à consciência geral. A ambigüidade não pode ser eliminada simplesmente mediante uma classificação terminológica. Pois ambas as significações necessitam-se reciprocamente; mal podemos apreender uma sem a outra.¹⁸

O tratamento que Adorno dá à problemática separação sujeito-objeto é da indiferenciação entre ambos. A diferenciação é feita na tradição filosófica e espelhada pela sociedade para impor a dominação sobre os indivíduos e a natureza. O sujeito não é *algo* estranho ao objeto como se dá na filosofia kantiana, em que o objeto da experiência é dado ao sujeito para este verificar, julgar através do entendimento e depois ser conceituado, ou tal qual o conceito hegeliano, em que deve encaixar-se ao real para que o objeto seja racional e a partir disso seja verdade.

A crítica de Adorno contra a cópula ser e pensar que se consuma na síntese do sistema de Hegel é à base do seu pensamento a favor do anti-sistema. Sujeito e objeto não se encaixam sob o prisma de uma vontade identitária, embora seja impossível pensar algo sem identificar. A captura do real pelo pensamento é uma inverdade, pois, para Adorno, o *que é não é*, isto é, cada ente que compõe o mundo social, a realidade exposta para a reflexão do sujeito, tem uma constelação de faces e, portanto, de conceitos. Dizer que *algo é* isso e que é impossível que venha a ser diferente do que é, depois de percorrer os três momentos, é fazer a exclusão de outras variadas cosmovisões do sujeito cognoscente. Embora a tese se torne a síntese e venha a sofrer pela antítese novamente a negação, já não conta mais com a contradição, perdida pelos movimentos anteriores. A síntese anula a contradição, o que não é concebível para Adorno.

¹⁸ ADORNO. **Palavras e Sinais**, op.cit. p.181.

O objeto pensado pelo sujeito hegeliano é o do pensamento da identidade com a superação da contradição. Por isso, para Adorno, o sistema idealista é autoritário ao impor uma verdade que é, no fundo, falsidade.

A cópula diz: isto é assim, não de outro modo. É a ação pura da síntese, que ela representa, é quem proclama é assim, e não de outro modo, se quiser realizar. Em toda síntese opera a vontade de identidade. Esta parece positiva e desejável. A identidade faz muito bem a reconciliação entre o eu e o substrato da síntese.¹⁹

A atividade do conceito junto ao sistema idealista é um reflexo da ideologia da classe dominante. A cópula ser e pensar, conceito e realidade é o modo como a sociedade é administrada, ou seja, é pelo conceito que se dita o que é verdade, pois tudo tem que passar pelo filtro da razão, que, juntamente com as ciências empíricas, a sociedade é administrada tanto no âmbito dos indivíduos quanto no das instituições que formam a superestrutura social. A identificação, nos marcos da sociedade burguesa, do objeto pelo sujeito tem como intuito não revelar a sociedade como é, mas como ela deve ser, de acordo com o interesse da classe dominante. Esta, por seu turno, reduz, pela totalidade, pela crença de que o mundo possa ser abarcado pela consciência, todo um conjunto heterogêneo de pensamentos e fatos ao puro interesse da autoconservação do sistema capitalista de produção. O sistema exerce, assim, uma função predatória²⁰ contra a multiplicidade do mundo social e tenta, portanto, reduzir tudo à unidade do conceito.

A administração da sociedade pelo capitalismo só é possível com a eliminação artificial das contradições. A supressão destas pela síntese do sistema filosófico idealista, que é o modo acabado de conceituar o real de acordo com os interesses do capital, é o demonstrativo de como o sistema cala a plurivocidade, ou seja, a variedade de conceitos que compõem o mundo social do objeto, melhor explicando, de como são excluídas as múltiplas vozes do não-idêntico. Para Adorno, o não-idêntico é o objeto, o mundo vivido pelo sujeito.

¹⁹ADORNO. *Dialética Negativa*, op.cit. p.151.

²⁰ Ibidem., p.30.

A relação sujeito e objeto é um conflito entre o homem e a realidade que o cerca, e a matriz desse conflito é um sistema de dominação que reduz toda a realidade à consciência do sujeito. A primazia está com o objeto, segundo Adorno, mesmo porque o sujeito também é objeto, como diz essa passagem da obra **Palavras e Sinais**:

O objeto está tão longe de ser um resíduo desprovido de sujeito quanto de ser algo posto pelo sujeito. Ambas as determinações mutuamente hostis estão adequadas uma a outra: o resto, o qual a ciência se satisfaz como sendo a sua verdade, é produto de seu proceder manipulativo, subjetivamente organizado. Definir o que é objeto seria, por sua vez, contribuir para essa organização.²¹

Adorno não define o que é objeto, porque a definição é um instrumento que o sistema de dominação respaldado pelas ciências empíricas, lança mão contra o não-idêntico. A não definição é, também, um modo de não diferenciar o sujeito do objeto, pois um deve a sua existência ao outro. Somente a subjetividade, em que está situada a capacidade cognoscitiva do sujeito, pode existir sem o objeto, mas a cognoscibilidade sem o objeto não tem sentido, pois tudo o que o sujeito pensa ou sente está relacionado ao objeto. O pensamento pensa o objeto, portanto, o sujeito também é objeto.

O que se reúne em torno do sujeito; a natureza e a segunda natureza (a construção sócio-cultural do homem) revelam ao homem os conhecimentos que não podem ser controlados pela razão, mas que contribuem para que o sujeito tenha determinada maneira de se comportar.

O sujeito ao sentir-se construtor do objeto, não percebe que é refém de um sistema que arbitrariamente define o que ele é, para controlá-lo. Por isso, o sujeito para fugir da enganação imposta pelo sistema controlador, precisa refletir o real com constelações de conceitos, ou seja, não aceitar o princípio da identidade e, por conseqüência, não aceitar o progresso social que destrói o meio ambiente sem fazer uma reflexão sobre o que seja progresso e o que realmente progride.

²¹ ADORNO. **Palavras e Sinais**, op.cit.p.193.

1.4. O SENTIDO DO PROGRESSO EM ADORNO

O conceito de progresso na sociedade administrada pelo capital é um desdobramento do que já levantamos a respeito da aplicação do princípio da identidade como controle social pelo forjamento da realidade como totalidade na unidade do conceito. Nossa intenção é tentar fazer uma análise da categoria progresso abordando, seguindo o modelo de Adorno, as várias faces do progresso social no capitalismo tardio.

O avanço das forças produtivas aplicadas nas relações de produção não diminuiu o estado de miséria da maior parte da população mundial. O grande avanço tecnológico aplicado ao sistema produtivo aprofunda cada vez mais a crise, pelo uso excessivo do trabalho *morto*, no setor industrial e de serviços. O progresso, portanto, na atualidade se constitui em seu conceito mais comum: o de alavancar a melhoria de vida das pessoas pelo desenvolvimento das forças produtivas. O desenvolvimento destas aconteceu, mas a distribuição de seus benefícios, não. O resultado do fracasso do conceito de progresso do sistema de produção resultou em uma profunda crise humana.²²

O progresso, no entanto, para Adorno, não deve ser afastado como um mal responsável por todo o descalabro cometido contra a natureza e o próprio homem. Para ele, o “bem que impera no mundo não é o suficiente para que a partir dele, possa enunciar-se um juízo predicativo do progresso, mas nenhum bem, nem vestígio dele, existe sem o progresso”.²³ A assertiva de Adorno nos remete, novamente, à base da sua filosofia, que é a de não vislumbrar num ente da realidade um só conceito, mas uma constelação deles. O progresso, portanto, não foge à regra. As múltiplas faces do progresso na história contradizem o princípio da identidade que, praticado com o intuito de administrar a sociedade, reduz a subjetividade a conceitos alinhados com as necessidades de lucro do capital. Este impera sobre o que deve ser dito e praticado, sem consideração ao que se constitui como realidade para os que vivem às margens do poder.

²² BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política** – São Paulo: Brasiliense, 1985, p.115.

²³ ADORNO. **Palavras e Sinais**, op. cit., p.43.

O sistema capitalista não se esquece de controlar o sujeito para que ele nutra a ilusão de que controla o objeto, a realidade em que se situa. Não existe progresso nos marcos do capitalismo sem essa ilusão. É por isso que, segundo Adorno, devemos utilizar a própria totalidade forjada pelo princípio da identidade na relação direta entre ser e pensar para ir até o não-idêntico e fazer com que a consciência capture a sua própria ilusão. Para ele, cabe à dialética negativa o papel de negar a atitude nociva do capitalismo que manipula o sujeito, dando-lhe um falso poder sobre o real como se este não sofresse influência da realidade que o cerca em seu modo de ser.

O sistema capitalista cristalizado na identidade tradicional chega a uma síntese rápida a respeito do que lhe interessa para a sua conservação. O interesse do capitalista, que é o lucro especificamente, impõe ao sujeito a necessidade de defender o modelo de progresso estabelecido como mediador para se alcançar a ascensão social pelo consumo.

O modelo filosófico de progresso adorniano é aquele que faz o movimento de construção e desconstrução, ou seja, não se fixa como se o real fosse estático, mas se movimenta com o intuito de percorrer as múltiplas direções e sentidos não alcançados pela unidade do conceito. Fixar o conceito, segundo Adorno, deve ser evitado, pois tal postura seria recair na síntese como ocorre em Hegel. Fugir a essa tentação exige, por parte do sujeito, a reflexão; como ele diz: “cada momento só se transforma em seu oposto ao, literalmente, refletir-se, quando a razão aplica a si mesma a razão, e, nessa autolimitação, emancipa-se do domínio da identidade”.²⁴ O ato de refletir contra o que é imposto pelo sistema de dominação é a saída para a emancipação que está resguardada no objeto como potência. A reflexão, portanto, é o caminho para a reconciliação entre sujeito e objeto. O reconciliar só é possível pela negatividade do que está posto como verdade. Esta, pela reflexão, desvela a sua falsidade que está ligada à verdade. O papel da dialética é suscitar o afloramento da contradição que está ligado aos entes que compõem a realidade e que estão, inextricavelmente, ligados à identidade. Para Adorno, não podemos dispensar a identidade, pois não podemos pensar sem ela, mas não devemos manipulá-la, como faz o idealismo filosófico.

²⁴ Ibidem., p..50.

Não existe, portanto, nada que seja tido como verdadeiro que não guarde em si a face não verdadeira. A ideologia impõe-se como um conjunto de verdades postas e indiscutíveis. O sujeito ao refletir sobre o sistema de idéias que fazem sua composição, descobre a sua face autoritária, mas nem por isso se deve jogar fora a ideologia, pois é um fenômeno inerente à capacidade de autoconservação do sistema de dominação que, precisa ser refletido. Refletir é aplicar as correções exigidas pela dinâmica do objeto.

A dualidade existente no pensamento adorniano, junto às categorias filosóficas ligadas à tradição demonstra, dentro da concepção de dialética do filósofo, um pouco de esperança na razão. A categoria progresso é, para ele, uma necessidade humana que foi desvirtuada pela razão que forjou o esclarecimento e que é uma das principais causas da crise da razão moderna, mas que não deve ser descartada e sim corrigida.

A correção da razão que pode levar à emancipação somente é possível com a predisposição do sujeito em reconhecer o objeto como parte dele e transitar, passivamente, pela sua enorme dimensão, que inclui a parte que o progresso, em seu conceito tradicional, não alcança, o não-idêntico, o não conceitual. O conceito tradicional de progresso, calcado no princípio da identidade, passa, necessariamente, pelo domínio da natureza que está explicitado nas ciências da natureza pela razão instrumental. Para Adorno, o “absoluto domínio da natureza é absoluta sujeição à natureza e ainda escapa dela na autoconsciência: mito que desmitifica o mito”.²⁵ O domínio sobre a natureza tem como contrapartida a dominação desta sobre o homem. A conclusão de Adorno a respeito da dupla face da dominação sobre a natureza advém do fato de o homem também ser natureza. Não existe destruição da natureza sem a destruição dos indivíduos.

A crise da razão é o movimento dialético que ocorre na mesma razão, entre a razão opressora e a que reconcilia. No sujeito reflexivo, categorias como progresso sofrem um movimento dialético impulsionado pela multiplicidade de conceitos que devem ser afirmados e negados, não de acordo com as conveniências, mas sim de acordo com o movimento histórico que não pode ser apreendido pelo princípio da identidade.

²⁵ Ibidem., p..50.

O movimento dialético é um legado do sujeito que não ocorre a partir dele próprio, mesmo porque não existe um pensamento que não pense um objeto. Para Adorno, “as trocas qualitativas que ocorrem na subjetividade não se desenrolam num contexto a partir do próprio sujeito”.²⁶ A qualidade do objeto é o que as ciências empíricas não demonstram, é a realidade não-quantificada pela razão instrumental. É o não-idêntico, o não-abarcável pelo conceito, é o que existe como mundo social dominado pelo poder da elite que pretende dominar a todos, identificando tudo de acordo com seus interesses. É o que deve ser atacado, segundo Adorno, com o próprio conceito.

Adorno, ao criticar o conceito tradicional de progresso, não condena o progresso atual em nome de um novo progresso. Não existe um novo progresso. O progresso que desencadeou o desenvolvimento das forças produtivas, de modo jamais visto, no entanto, não promoveu a emancipação do homem, mas sim o recrudescimento da dominação sobre a natureza e sobre ele mesmo; é o mesmo que deve sofrer por parte do sujeito a correção pela reflexão através dos seus próprios conceitos. A reflexão se dá pela negação dos conceitos postos como verdadeiros pelo sistema de dominação com base no princípio da identidade, e que justificam a dominação na natureza para sustentar o atual modelo de progresso social. O progresso se faz mais injusto quanto mais forte for o princípio da identidade. Para Adorno, no entanto, quanto mais forte é o sempre-idêntico maior também deve ser a resistência do objeto rumo à emancipação. Emancipar significa desencantar o objeto da mitologia que é, na verdade, sob a ótica adorniana, ponto fulcral da racionalidade que foi desviado do seu curso já nos primórdios da civilização. A reflexão do sujeito rumo ao desencantamento é a observação das qualidades do objeto que passa pelo reconhecimento do sujeito como ente da natureza. Como expressa Adorno:

Progresso significa sair do encantamento – também o do progresso ele mesmo natureza – à medida em que a humanidade toma consciência de sua naturalidade e pôr fim à dominação que exercesse sobre a natureza e, através da qual, a da natureza se prolonga. Neste sentido poder-se-ia dizer que o progresso acontece ali onde ele termina.²⁷

²⁶ ADORNO. *Dialética Negativa*, op.cit. p.185.

²⁷ _____. *Palavras e Sinais*, op.cit. p.47.

O que também se apreende da concepção adorniana de dominação é que, quanto mais o homem domina a natureza, mais esta o domina, pelo simples fato de não haver desvinculação entre homem e natureza. Reconhecer-se como parte da natureza é refletir sobre a violência que o progresso iniciado pelo sistema capitalista de produção pratica contra o próprio homem, destruindo não somente os recursos naturais, mas a sua própria humanidade. O progresso, como expressa Adorno, na última citação, acontece dentro dos parâmetros da natureza, ou seja, progredir sem respeitar a natureza é um retorno à forma de dominação mítica nos marcos da razão instrumental. O mito, mesmo com o alto desenvolvimento tecnológico, continua encantado, não mais pelo simples medo, mas pela racionalidade instrumental que utiliza a mesma estrutura da dominação mítica para dominar o medo de um retorno ao mito. É o modelo tradicional de progresso. O desencantamento, portanto, é uma nova postura de lidar com a realidade, ultrapassando o modelo tradicional de progresso e pondo, dialeticamente, fim à dominação do sujeito sobre o objeto que ocorre através do sempre-idêntico. Como ênfase, lembramos que o domínio da natureza se prolonga à medida que se mantém o domínio sobre ela, porque o progresso, sendo natureza, deixa patente que o sujeito, sendo objeto, também é natureza.

A reflexão sobre o progresso social só pode ocorrer na dialética negativa, na permanente identificação do objeto com suas contradições. Ao refletir sobre o objeto sem diferenciá-lo de si mesmo, o sujeito conclui que o objeto é mais do que seus conceitos dados. Para Adorno, a diferenciação entre ambos cria uma adequação que justifica todo um processo de dominação ideológica que tende a ser traduzido entre outras coisas pela categoria progresso. Esta, em seu modelo tradicional, serviu de pretexto para sufocar civilizações inteiras em nome de uma falsa história universal.

A chamada história universal, na verdade, história européia, é a chave do discurso impulsionador da repressão sobre o não-idêntico. A identidade tradicional com seus conceitos sufocou os povos que não viviam nem se comportavam de acordo com a realidade do sistema dominador. O princípio da identidade posta em prática exerceu, sem dilema moral, as maiores atrocidades. Tudo em nome de um sujeito todo poderoso, que para saciar sua vontade de poder, levou ao extremo sua diferença em relação ao objeto.

A dialética entre sujeito e objeto, que é um meio, pela reflexão, de encontrar um progresso diretamente ligado à categoria humanidade leva-nos a refletir sobre o fato de que, apesar de toda mutilação do não-idêntico, o não-conceitual permanece vivo e resistindo em meio às contradições que é sua identidade. Mas, segundo Adorno, não se deve pronunciar contra o progresso utilizando um falso discurso calcado na escatologia, por conseguinte, no discurso religioso de que nada deve ser feito porque a alma humana é pecadora e que todo engenho humano é fruto do pecado e que, portanto, devemos esperar a redenção no final dos tempos, ou o discurso fatalista de que o progresso social só trouxe desgraças com seus engenhos. Ele rebate as visões religiosas e fatalistas, por entender que na verdade elas pregam conceitos do mesmo progresso, entretanto, com referenciais distintos. A visão religiosa prega um progresso que se desenvolve pelo controle das ações dos indivíduos pela divindade. É um controle ferrenho da natureza interna. Os fatalistas são aqueles que desprezam qualquer forma de progresso, mas estão na categoria dos que estão sempre a procurar um sentido para o progresso e estão sempre se perguntado que tipo de progresso querem. Para Adorno, eles não percebem que todas as perguntas que se fazem são justaposições do mesmo progresso. Não existem dois ou mais progressos. O que existe é só um que se desviou do verdadeiro trajeto da razão emancipatória, e que, portanto, deve ser corrigido pela capacidade reflexiva do sujeito. E somente uma reflexão a respeito do desenvolvimento ocorrido entre uma arma de guerra primitiva, como a funda (instrumento de arremesso de pedras) e a megabomba é capaz, segundo Adorno, de fazer com que possamos refletir de modo profundo sobre a violência do progresso perpetrada pela razão instrumental, e, a partir daí, vislumbrar a possibilidade de eliminar totalmente a violência.

A violência em seu alto grau cria o momento em que a humanidade discute a necessidade de se repensar categorias como paz, armas, preservação da natureza, ideologia, progresso e direitos humanos. Infelizmente, com toda discussão possível atos de barbáries ainda continuam a se repetir. Pela concepção de Adorno podemos deduzir que, com as imagens gravadas pela tecnologia do cinema, da televisão e da rede mundial de computadores é possível denunciar a repetição para aqueles que não tinham nascido ainda. Esse aspecto da técnica, principalmente a rede mundial de computadores, que ainda não está sob o controle total do capital, é de suma importância para uma tomada de posição

frente às barbáries reproduzidas pelos interesses do capital, sempre voltado para a falsa equivalência na relação de troca. A troca, segundo Adorno, traz na sociedade burguesa uma mentira: a equivalência. Trocar um objeto por outro de valor similar, segundo Adorno, é uma farsa que encobre o lucro do capitalista. A troca relacionada à categoria justiça é um dos pilares do princípio da identidade utilizado no sistema capitalista para lucrar e punir.

Entrosada na relação de troca do capital, assentada, segundo Adorno, na falsa equivalência, a justiça burguesa como instituição representa a concepção de progresso no sistema capitalista. Ela se acopla à necessidade de avançar sobre todos aqueles que resistem ao sistema. Em contrapartida, é resistindo que se dá, dialeticamente, a negação do que nos é imposto como equivalente pelo sistema de dominação. A ordem do capital é fazer com que o outro acompanhe o sempre-idêntico. As categorias filosóficas mais comuns, como liberdade e paz, são impostas com o máximo de violência, porque somente assim poderá o não-idêntico se entregar ao mundo da troca. Só se poderá conhecer a mentira da troca, do falso sentido de equivalência, não capitulando ao princípio da identidade empregado pelo sistema. Somente uma dialética que prima pela negatividade, que não se disponha a uma finalização sintética dos fatos da realidade, é capaz de se contrapor ao sistema burguês, abrigado na falsa equivalência.

Desde sempre, e não só depois que começou a apropriação capitalista da mais-valia na troca da mercadoria força de trabalho por seu custo de reprodução, o contratante socialmente mais poderoso recebe mais que o outro. Por meio desta injustiça acontece algo de novo na troca: o processo que proclama sua própria estática torna-se dinâmica. A verdade do acréscimo nutre-se da mentira da igualdade.²⁸

A relação de troca, que impulsiona o modelo de progresso que temos atualmente, representa, juntamente com o discurso da equivalência, a aparência da estabilização do sistema capitalista; ou seja, o discurso que mantém a dominação é o da falsa equivalência, como o da troca entre salário e tempo de trabalho, em que o princípio da troca é usado como um aplicativo da justiça, quando na verdade ocorre a falsa equivalência.

²⁸ ADORNO. **Palavras e Sinais**, op. cit. p.60.

O capitalismo como um sistema econômico, que se nutre da desigualdade, precisa do discurso da igualdade, que é o modo de enganar e aplicar a mais valia.

O gigantismo do sistema capitalista, em que no momento atual, subsiste agonizante, mas sem rival, denota todo o seu caráter perverso e desnuda as contradições, à medida que a identidade já não dá mais conta da não-identidade, que é a identidade adorniana juntamente com as contradições. O fracasso da identidade tradicional demonstra a relevância da negatividade no seu movimento negativo contestatório que deve atuar por dentro da identidade do sistema, para assim revelar a sua falsidade, fazendo emergir o não-idêntico. As crises históricas promovidas pelo capital, pondo em risco a própria existência humana, é o despertar para se refletir com profundidade a nossa posição, como sujeito, diante do objeto.

Se, no sistema capitalista, a identidade for bem aplicada, segundo Adorno, não haverá progresso. Ora, o sistema não existe para aplicar a identidade sem lucrar. Portanto, onde não é aplicada a identidade, o burguês infringe a lei, que é o seu modo de supressão das contradições e, por conseqüência, a aplicação da sua falsa identidade. O movimento aguçado do sistema capitalista, por outro lado, revela sua verdadeira face que deve ser combatida pela dialética negativa. Esta é uma ação reflexiva do sujeito sobre o objeto. O resultado dessa ação é resgatar a não-identidade. Para Adorno, o progresso é o não-idêntico.

O progresso, como não-idêntico, é a reflexão do sujeito em busca do que progride, utilizando o mesmo conceito de progresso da tradição identitária. Não se pode chegar ao não-idêntico sem primeiro fazer uma crítica imanente da identidade ligada à tradição. Do mesmo modo, não se pode chegar a uma crítica do progresso nos marcos do capitalismo sem refletir sobre ele em suas crises. Criar um conceito de progresso passando por fora do já existente e que foi criado pela mesma razão que deve ser desconstruída num movimento dialético por dentro e que posteriormente deve ser construída para se alcançar o não-idêntico, é recair no totalitarismo identitário. O movimento de construir e desconstruir é o que, para Adorno, faz desvelar a realidade tal como ela é, dentro do mundo social dos indivíduos particulares.

O progresso engendrado pelo princípio da identidade tradicional sempre demonstra sua resistência contra aqueles que, segundo Adorno, se põem como inimigos do progresso. A observação do filósofo está assentada no fato de que, na trajetória da existência humana, o progresso em si é imprescindível.

Aquele que, ao recordar o naufrágio do Titanic, esfrega as mãos, humilde e satisfeito, porque o ‘iceberg’ teria assestado seu primeiro golpe contra a idéia de progresso, esquece ou oculta o fato de que o desastre, de qualquer forma não determinado por qualquer destino, deu lugar a medidas que, nos cinquenta anos posteriores, permitiram prevenir as catástrofes naturais da navegação.²⁹

A capacidade do progresso em se superar perante os reveses, por conseguinte, aprimorar-se depois de catástrofes que ponham em dúvida as suas construções é um legado não do sistema capitalista em não se curvar ante reveses, prosseguir adiante quando percebe que persistindo o lucro virá com certeza, mas da idéia de progresso em si, a mesma que fez o homem descer das árvores e tornar-se um ser histórico-cultural. Para Adorno, quanto ao progresso “somente são verdadeiras aquelas reflexões sobre o progresso que mergulham nele, mantendo, contudo, distância e que evitam os fatos paralisadores e os significados especializados”.³⁰ Adorno reprova aqueles que repudiam o progresso como se ele fosse a causa de todas as desgraças. Não há nada de bom que não tenha sido construído pelo progresso. A humanização do homem depende do progresso para avançar rumo a uma reconciliação entre homem e natureza. O modelo atual de progresso é o instrumento de reflexão para se chegar ao que realmente progride e ao que mente em nome do progresso.

A própria idéia de reconciliação que, de acordo com a medida do infinito, é ‘telos’ transcendente de todo progresso, não pode ser separado do processo imanente do esclarecimento que afasta o temor e, erigindo o homem como resposta às questões dos homens, conquista o conceito de humanidade, o único que se eleva sozinho sobre a imanência do mundo..³¹

²⁹.Ibidem, p.52-53.

³⁰ Ibidem., p.38.

³¹ Ibidem. p.44.

O progresso, desse modo, deve ser visto como algo a ser pensado não como um simples produto da técnica, mas na sua imanência, naquilo que o envolve como necessidade humana. Sua finalidade não é buscar abismos sociais e sim ligações entre os homens.

Pensar o progresso, para Adorno, é pensar o conceito de humanidade, tão degradado pela construção de um progresso calcado na pura dominação sobre o homem e a natureza. O processo civilizatório construído pelo saber de várias gerações não se preocupou com a humanidade do homem, preferiu hipostasiá-la, isto é, deslocá-la para bem longe daquilo da qual ele faz parte: a natureza. A idéia de humanidade está, nos dias atuais, ligada estreitamente àqueles indivíduos que fazem parte de uma sociedade desenvolvida no campo tecnológico e que, portanto, são pessoas que se sentem independentes da natureza. Os que estão afastados da vida citadina ou moram em países não desenvolvidos, portanto, longe do alto progresso da técnica, têm a sua humanidade questionada por não terem o mesmo tipo de conhecimento dos que se acham desenvolvidos. Não importa se detêm outros conhecimentos tão interessantes, ligados às suas culturas, que podem somar com a daqueles. Os que vêem o desenvolvimento da tecnologia como a via de mão única para o paraíso devem refletir sobre a necessidade de se reconciliar com o não idêntico, o que só é possível respeitando as diferenças, as contradições.

O progresso rumo ao conceito de humanidade passa pelo grande encontro das contradições, levando a uma identidade que preserve o sentido de igualdade como um conjunto de diferenças. Tal conceito de humanidade só será possível se o princípio da identidade que impera no capital for dialeticamente desconstruído, porque os objetivos específicos do capitalismo repousam num conceito de totalidade em que os indivíduos devem ser submetidos a sua cadeia de valores, como o da defesa da propriedade privada. A cadeia axiológica do capital, que não é estática, mas dinâmica, como é o próprio sistema, é o conjunto de categorias impostas à realidade que se agregam como conceitos e geram uma identidade com o sentido de totalidade. A cadeia de valores, que se assenta como ideologia, é o fator gerador da dominação da natureza interna dos indivíduos, isto é, da subjetividade, em ato contínuo das suas consciências. A ideologia, como resultante do princípio da identidade funciona, como amarra entre o sujeito e o objetivo geral do capital:

o lucro. Como pensa Adorno, no entanto, o comportamento ideológico do capitalismo é o material necessário à reflexão para que se possa, a partir daí, fazer algo realmente profícuo para nos defender e pensar o progresso como ele realmente deve ser, sem jamais chegar a uma positividade que nos leve ao arbítrio. Para que possamos alcançar essa meta é necessário utilizar a dialética para mergulhar no princípio da identidade do opressor em que a dialética negativa tem papel fundamental.

Mas que a dialética surja no interior da identidade não lhe nega a importância: ela põe-se, com efeito, como a eclosão perversa no interior da identidade-lei que deve, ao mesmo tempo, colocar e exorcizar. O caminho lateral é possível pelo fato de que ‘o poder da consciência vai até agarrar a sua própria ilusão’, pelo milagre racional da ‘auto-reflexão do pensar’. O projeto adorniano vale pelo paradoxo: *pensar*, ou seja, identificar (pois que não ‘se pode pensar sem identificar’) o ponto limite do não-idêntico. De modo que finalmente ‘a não-identidade é o telos da identificação’. O conhecimento do não-idêntico ‘quer dizer aquilo que qualquer coisa é’ (e não ‘aquilo que qualquer coisa venha a calhar’).³²

A dialética adorniana tece uma complexa rede de conceitos para negar os conceitos que forjam uma falsa identidade do real. Seu movimento impõe um perpétuo questionamento contra os valores impostos pelo capital. O movimento que a dialética adorniana lança contra a positividade, isto é, contra a síntese identitária é lateral no sentido de que não se dispõe a ser linear com a finalidade de chegar a uma conclusão do que é refletido, pois estas, para Adorno, seria uma postura não verdadeira diante da dimensão do objeto. O movimento lateral é a permanente inquietação da consciência ao refletir sobre o que está posto como conceito pelo princípio da identidade.

A categoria progresso, ao ser submetida ao processo de reflexão pelo sujeito, através da sua subjetividade, segundo o modelo adorniano, mergulha de modo reflexivo em seu conceito tradicional e principia uma crítica a tudo o que é valorizado pela consciência identitária do sistema capitalista como progresso.

³²ASSOUN, Paul-Lauren. **A Escola de Frankfurt**. Tradução de Helena Cardoso. SP: Ática, 1991, p.26.

O conceito tradicional de progresso deve, segundo a identidade adorniana, submeter-se a reflexão da reflexão (*intentio obliqua da intentio obliqua*), ou seja, com a própria categoria progresso, pautada na identidade tradicional: **idéia – fato** (*intentio recta*), o sujeito reflexivo faz um movimento inquieto para descobrir as multiplicidades de conceitos que o progresso contém e que são desprezados em nome de um só, que é o que interessa aos donos do poder. O movimento lateral é o equivalente à antítese hegeliana, com a diferença de que esta nega para superar a contradição, fundindo os elementos da tese com os da antítese e chegando a uma síntese, que é um novo momento, agora positivo. Na dialética adorniana, não existe esse conforto, a consciência fica na negação desvelando as particularidades pertinentes ao conceito universal da tradição num ferrenho movimento de desconstrução, por dentro, para poder construir por fora.

A dialética negativa é a contestação dos conceitos universais da sociedade dominada pelo capital e que, para Adorno, deve ser, no caso do progresso, desmascarado com o próprio conceito de progresso imposto pela burguesia. É usando o progresso como instrumento de reflexão que se deve negar o mal praticado contra o ambiente em nome do que se tem como avanço da humanidade para um mundo melhor, porque revelou o quanto é perigoso um sistema de dominação que, para produzir mercadorias, submete a natureza abaixo da sua necessidade de lucro e poder. Adorno, nessa passagem da obra **Mínima Moralía**, retrata a relação da civilização com a natureza:

Quanto mais pura a civilização mantém e transplanta a natureza, tão mais implacavelmente esta é dominada. Podemos nos permitir enclausurar unidades naturais cada vez maiores, deixando-as intactas dentro dessa clausura, enquanto outrora a seleção e domesticação de peças singulares ainda testemunhavam da necessidade de dar conta da natureza. O tigre que num vaivém incessante percorre a sua jaula reflete negativamente, através do seu enlouquecimento, algo humano, mas não aquele que dá voltas atrás da valas intransponíveis.³³

Essa passagem denuncia a dominação da natureza pelo homem de forma explícita. Ao

³³ADORNO. **Mínima Moralía**. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1993, p.101.

trazer a natureza para perto de si e não ir até ela, denota o distanciamento do homem daquilo de que também é parte. A consciência reificada revela a separação entre sujeito e natureza. A imagem do tigre em seu incessante movimento em busca de uma saída pode servir de analogia para a consciência adorniana na sua insatisfação contra os conceitos do sistema totalitário. A busca por uma saída é a busca pelo sentido da existência que está fora da prisão que é o sempre-idêntico, a identidade imposta pelo capital.

Para que se alcance o sentido de modo qualitativo, é preciso que o sujeito faça uma reflexão sobre os rumos da natureza sob a égide do capitalismo. Refletir sobre o que progride é refletir sobre o objeto, o real, e sobre a humanidade do sujeito, constituída a partir dele. Quem se preocupa com a problemática já chegou à conclusão de que a natureza tem um grau de complexidade bem maior do que os conceitos da sociedade capitalista que a trata como mero objeto a ser explorado para ganhar dinheiro em nome do bem-estar do homem. Destruir, de modo incoseqüente, uma árvore de mil anos, porque ela equivale a uma casa ou um monte de lenha, é esquecer que esta velha planta tem uma importância bem mais extensa do que essa simples relação de troca.³⁴ Sua importância está no fato de ela sustentar um ecossistema, pois, como são árvores antigas abrigam uma grande variedade de vidas, que se inter-relacionam contribuindo para a permanência da disseminação da vida. O sentido de progresso da indústria madeireira esconde esse grande detalhe que faz parte do não-idêntico, do não-conceitual. Cabe ao sujeito, como agente do objeto, insurgir-se contra um modelo de sistema econômico que já demonstrou seu descompromisso com a humanidade do homem. Vivemos, portanto, um momento em que, como pensa Adorno, o resgate da humanidade do homem passa pela possibilidade da extinção. A crise total em que nos colocou o capitalismo é o momento da sua negação.

³⁴ MARX, Karl. – **Contribuição Para a Crítica da Economia Política** – SP: Edições Mandacaru,. 1989, p.36. “O valor de troca aparece em primeiro lugar como uma relação quantitativa, segundo a qual os valores de uso são permutáveis entre si. Em tal relação, eles representam a mesma grandeza de troca... enquanto valor de troca, um valor de uso tem exatamente o mesmo valor que outro, com a condição de se respeitarem às proporções devidas... Totalmente indiferentes, pois, ao modo de existência natural, e sem consideração pela natureza específica da necessidade pela qual são valores de uso, as mercadorias, tomadas em quantidades determinadas, equilibram-se, substituem-se na troca, avaliam-se como equivalentes e representam assim, apesar da variedade da suas aparências, a mesma unidade”.

A astúcia para negar o modelo de progresso social da sociedade burguesa é a reflexão do sujeito sobre o objeto mutilado. A reflexão sobre o que é progresso e como se dá o progresso somente é possível na perspectiva de um segundo giro copernicano*, melhor dizendo, na possibilidade da consciência entender que sempre girou em torno da realidade, do objeto. O novo olhar sobre o real é um olhar sobre si mesmo. Preservar a natureza de um progresso que avalia o mundo sob a ótica do valor de troca é o suficiente para utilizarmos esse mesmo modelo de progresso como mediação para corrigirmos sua trajetória desviada do caminho da emancipação nos primórdios do esclarecimento.

O progresso que, segundo Adorno, é uma idéia da filosofia, traz no interior desta uma forte discussão sobre o que seja ou não progresso entre as obras de um filósofo e outro. A discussão, no interior da filosofia, põe em dúvida o conceito de progresso. A dúvida, na verdade, é um dos pressupostos para que haja uma reflexão sobre o que seja progresso em todos os âmbitos. Rodrigo Duarte, em seu trabalho **Mímesis e Racionalidade**, destaca a idéia de Adorno sobre o progresso:

Segundo ele (Adorno), deve-se perguntar o que *progride* e para onde esse progresso se dirige (S 30). Um traço típico do atual estado do mundo seria a coincidência da ameaça de uma catástrofe, antes nem sequer imaginada, pela qual humanidade e natureza poderiam ser exterminadas, com a possibilidade de, pela primeira vez na história humana, a carência ser eliminada por meio de poderosos meios técnicos.³⁵

Analisando a citação, somos forçado a nos debruçar sobre o pensamento de Adorno a respeito do objeto. A natureza ameaçada é o objeto ameaçado em sua totalidade, porque atinge tudo o que existe e que, conseqüentemente, atinge o próprio sujeito, portanto, cabe ao sujeito, como possuidor da capacidade reflexiva, negar a ameaça. A ameaça que paira sobre a humanidade está assentada no esquema racional em que se constituiu o sistema que forjou o capitalismo. A reflexão dos capitalistas, principalmente a das grandes

* O duplo giro copernicano é uma referência a Kant em que Adorno se refere as antinomias kantianas como o não-idêntico que podem ser conhecidas pela reflexão da reflexão ou mais especificamente a *intentio obliqua*.

³⁵ DUARTE. **Mímesis e Racionalidade**, op.cit. p.60.

economias, é o lucro. O sujeito, na sua singularidade, é bombardeado constantemente por números que se transformam em ameaça de perda de seus empregos se uma floresta não for destruída para aumentar os campos agrícolas ou se mais indústrias não forem implantadas próximas a um complexo de lagos, poluindo suas águas e matando seus peixes. O capital joga com os dados da sua crise crônica para induzir o sujeito a não pensar o objeto do qual faz parte. A desculpa sempre recai na necessidade incessante de progresso a qualquer custo para a geração de emprego e renda, mas essa identificação é desmascarada pelo desemprego em massa por conta do emprego da tecnologia nos meios de produção.

O progresso que cria a ilusão de uma vida melhor dominando o homem e a natureza é, para Adorno, o que deve sofrer uma reflexão, por conseguinte, não se fecha em si mesmo, está aberto para outros sentidos que levem a emancipação do não-idêntico. O progresso da dominação é o utilizado pela sociedade burguesa, o do não-idêntico é o da reconciliação entre homem e natureza. O progresso, por ser algo imprescindível à humanidade, não se reduz simplesmente ao desenvolvimento tecnológico aplicado pelo capital para ganhar dinheiro.

Pensar o progresso em prol do não-idêntico, que não se resume somente ao sujeito excluído, mas à própria natureza, e, por conseqüência, a todas as partes que formam o real, é assumir o direito que todas as vozes do objeto têm de progredir. A progressão, nesse caso, deve estar carregada de sentidos para que o sujeito não se prenda à identidade do sistema de dominação, e que, por conseqüência, sirva ao modelo universal imposto de modo arbitrário a todos os indivíduos, independentemente de suas diferenças. A capacidade reflexiva funciona sobre o modelo de progresso que já existe.

A problemática que envolve a questão do progresso social está imbricada à questão do sistema sócio-econômico cuja genética, para Adorno, remonta aos primórdios da civilização em que o sujeito ainda dependia do mito para sobreviver. O entrosamento entre o homem e o mito e a respectiva luta do primeiro para se libertar do medo pela racionalização dos entes criados para explicar os fenômenos naturais e, como essa luta em vez de, segundo Adorno, libertar gerou uma crise da razão é o assunto do segundo capítulo.

CAPÍTULO II

O SUJEITO E O MITO NA RAZÃO ESCLARECIDA

No primeiro capítulo, abordamos a concepção adorniana de objeto como primazia em que, segundo o qual, o sujeito exerce a função de agente do objeto. A função do sujeito como agente é a de reconhecer o objeto, a realidade que o cerca, como bem maior do que a capacidade da razão em abarcar o real. O abarcar o real é aplicar o princípio da identidade como verdade contra o que se constitui como realidade do particular, dos indivíduos que têm os seus próprios conceitos e que, portanto, não estão em consonância com os conceitos impostos pelo sistema de dominação social que impõe a identidade entre o ser e o pensar.

O que vamos abordar no presente capítulo é a concepção de Adorno sobre a gênese desse sistema de dominação que, segundo ele, se encontra na relação entre o homem e o mito. É no mito que a humanidade primitiva encontra um modo de se relacionar com a natureza dominadora. Para Adorno, o homem nesse estágio usa a imaginação para encontrar respostas para o medo que sentia no confronto com os fenômenos naturais.

A forma que a humanidade encontrou para fugir do medo imposto pela natureza foi o esclarecimento. Este ocorre pelo desencantamento do mito, ou seja, pelo desenvolvimento da racionalidade no campo do saber. É pelo saber que se desenvolve a técnica que dá, ao longo do tempo, impulso ao progresso social que temos na modernidade.

É através do saber transformado em técnica que o homem se livra do mito antigo e se lança como dominador contra a natureza que um dia o dominou. Não era esse, segundo Adorno, o papel da razão esclarecida, ou seja, o de dominadora, mas sim o de reconciliadora entre o sujeito e a natureza. O resultado da não reconciliação foi a permanência da forma mítica racionalizada que se manifesta na razão instrumental cristalizada nas instituições sociais.

2.1. MITO E ESCLARECIMENTO

A **Dialética do Esclarecimento** é o confronto que, em Adorno, se dá no interior da mesma razão entre a racionalidade que se desenvolveu através do saber como técnica e a que deixou escapar o sistema de dominação com base no mito.³⁶ O mito é uma projeção da forma de dominação da natureza que o homem assimilou para se comunicar com os fenômenos naturais que ele tinha como entidades e que o racionalizou posteriormente, trocando as entidades do mito antigo pelo cálculo. Baseado nessa dualidade* da razão, Adorno justifica a crise da racionalidade como o choque entre a racionalidade assentada na mitologia que hoje existe como forma racionalizada de dominação projetada na razão moderna com todo o aparato tecnológico e a razão emancipatória. A última, a emancipatória, funciona como o projeto inicial da razão nos primeiros instantes do esclarecimento, mas fracassou por não ter construído um mundo justo com a técnica.

A emancipação como resultado de um mundo justo conquistado pelo uso da técnica não ocorreu. Discursos sobre justiça, paz e liberdade só ocorreram após momentos de barbáries. Após as grandes tragédias humanas como desastres ecológicos, grandes conflitos mundiais e fome é que emerge a razão emancipatória. É nos momentos críticos que a razão tenta, novamente, colocar em questão o sistema de dominação que na modernidade é representado pelo sistema capitalista de produção. É no capitalismo que se instala o paradoxo de quanto maior o avanço maior a regressão, ou seja, quanto mais ele avança na

³⁶.ADORNO. **Dialética Negativa**. Madrid: Taurus, 1996, p.30.

* Como já explicamos anteriormente, Adorno não concebe que haja duas razões distintas. Para ele, só existe uma razão que despertou a sua autoconsciência quando se sentiu impelida a livrar-se do mito constituído pelas entidades criadas pelo homem para explicar os fenômenos da natureza. O conjunto dos fenômenos da natureza é o sistema natural no qual o homem estava imerso e que, para Adorno, é bem mais antigo que a existência dos indivíduos. Esse sistema natural sofre uma radicalização pela razão esclarecida que substitui a variedade pela unidade no conceito. O anti-sistema de Adorno se espelha no sistema natural pela multiplicidade de conceitos inabordáveis pela razão que reduziu tudo ao cálculo matemático com a finalidade de dominar o homem e a natureza. Não devemos, no entanto, jamais pensar que Adorno deseje um retorno ao estado de natureza, muito pelo contrário, o que ele quer é que o homem reconheça que, na lógica da sociedade, essa multiplicidade existe no mundo particular, dos indivíduos.

sua capacidade de produzir bens de consumo por conta do alto avanço tecnológico que cria possibilidades de suprir a humanidade de tudo que ela necessita para obter uma vida boa, mais regride em querer dominar o mercado pela força militar e a propaganda ideológica.

Adorno também vê como regressão o papel das ciências empíricas frente à natureza cuja função é dominá-la sem consideração alguma pelo fato de que não há nada que não seja natureza. Ao transformar a natureza em mera objetividade, as ciências empíricas tornam-se um instrumento do grande capital no seu jogo de dominação do homem e da natureza. Ao querer dominar a natureza dessa maneira, a razão dominadora, segundo Adorno, está exercendo a função de combatente do mito antigo, ou melhor, a razão dominante tem o desenvolvimento da técnica e o afastamento da natureza como a libertação do homem do jugo das forças míticas. Mas quanto mais o homem tenta se livrar do mito, distanciando-se da natureza, mais ele se enreda no mito. O esclarecimento, que se seguiu ao longo da história, foi sempre um exercício do poder sobre os homens e a natureza.

Segundo Adorno e Horkheimer, o esclarecimento tinha como intenção primeira a libertação do homem da angústia e do medo frente à natureza desconhecida. Superar o medo só seria possível com o desenvolvimento da auto-reflexão do sujeito frente ao seu papel no mundo. A auto-reflexão teria que ocorrer numa ação combinada entre o papel do sujeito no mundo e a função do saber, que é a base do esclarecimento. Refletir sobre a função do saber poria o homem como senhor da Terra. O saber, para Adorno, surge em dois momentos: primeiro com o mito, que mediava e explicava os fenômenos da natureza e, posteriormente, a sua dissolução por conta da racionalização do mito antigo.

A dissolução seria a superação, pelo saber, do medo e da angústia provocados pelo domínio do mito, mas trouxe, como revés, não a libertação do homem, mas um brutal processo de dominação que abrange não somente a natureza como o próprio homem.

O homem desenvolveu a técnica, mas não se livrou da forma de dominação mítica. O mito permaneceu como razão instrumental em seu modo de dominar, ao mesmo tempo em que passou a negar o mito. A negação representa o pavor que a razão esclarecida tem do

mito, isto é, de tudo aquilo que lembre o passado que para o esclarecimento lembra a ignorância e a superstição. Para Adorno, à medida que o esclarecimento tenta esquecer o mito e não reflete sobre os efeitos que ele exerce na razão moderna mais se recai no mito com atitudes similares àquelas ligadas ao domínio da natureza sobre o próprio homem. A dialética do esclarecimento constata que a razão que superou o mito antigo pela técnica permaneceu prisioneira do mesmo na forma de dominação. Para Adorno, o que houve foi uma mudança de dominador; antes era a natureza que dominava, hoje é o homem que domina, paradoxalmente, o próprio homem e a natureza.

A dialética entre a razão esclarecida pelo avanço da técnica que tornou o homem dominador do próprio homem e da natureza e a razão emancipatória que tem como papel refletir sobre o poder dessa dominação, segundo Adorno, passam pelo crivo da dialética negativa como abordamos no primeiro capítulo.

A razão, que modificou a realidade humana com engenhos maravilhosos, esqueceu o sentido do seu esforço: a libertação do homem. O papel do esclarecimento, que era o de desencantar o mundo pelo conhecimento, criando uma autoconsciência oriunda da interação entre homem e natureza, não da submissão da natureza ao homem, pratica a opressão contra quem não se submete à razão instrumental, à razão do cálculo.

Para Adorno e Horkheimer, o antigo mito foi substituído na modernidade pela matematização do real. Ao impor um regime de desconfiança a tudo que não está submetido ao cálculo, o esclarecimento recai ou se reconhece no mito. A recaída não pode ser tomada de forma literal, isto é, como se Adorno estivesse querendo afirmar que a recaída fosse sobre o mito antigo; absolutamente não: o mito antigo foi destruído pelo esclarecimento, o que ficou foi a sua forma antiga de dominação, mesmo porque, para Adorno, o mito já era esclarecimento porque determinava e delimitava, assim como a razão esclarecida através do cálculo determina e delimita. O esclarecimento reconhece o mito como um momento do passado da humanidade, fundamentado apenas na ignorância por falta de um saber sistematizado em que os homens eram impelidos a adorar entidades

ligadas a fenômenos naturais e que foram suplantadas pelo desenvolvimento da razão que os dissolveu através da técnica. Como afirmam Adorno e Horkheimer:

Doravante, a matéria deve ser dominada sem o recurso ilusório a forças soberanas ou imanes, sem a ilusão de qualidades ocultas. O que não se submete ao critério do calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento.³⁷

O esclarecimento quer a todo custo livrar-se da presença incômoda do mito antigo pelo qual se orientava a humanidade em seus primórdios. Exigir que a matéria seja dominada sem qualquer coerção externa, sem relacioná-la a qualquer entidade metafísica é deixar o caminho livre para as ciências empíricas utilizarem qualquer material, antes sagrado, como peça de laboratório, em que a matéria será manipulada como um momento de dessacralização do objeto que antes tinha uma função espiritual e que passa, agora, a ser um bem de utilidade qualquer. É desse modo que a razão instrumental atua na natureza, dissolvendo o mito: transformando-o em saber para ser posto no mercado como um bem utilitário e assim garantir a felicidade sem questionamentos.

A busca pelo saber é uma maneira que o homem encontra para enfrentar o desconhecido. A humanidade, por uma necessidade de se livrar da opressão mítica, substituiu o mito pelo saber. O mito foi, ao longo do tempo, relegado ao campo da superstição e da ignorância. O esclarecimento, ao desencantar o mito, abandona a multiplicidade, como entende Adorno, típica da natureza, e adota o uno como referência. A unidade tornou-se reconhecida pela razão esclarecida como tudo aquilo que pode ser explicado pelo número. O número é o mito que devora os outros mitos, por consequência, é a conversão reificada da mitologia. O cálculo tenta determinar o sujeito e o fato social. Na sociedade moderna, nada escapa aos números dos dados estatísticos que orientam as agências de propaganda a criarem anúncios específicos para determinadas camadas sociais com o intuito de vender determinados produtos de acordo com o perfil social dos membros da classe para os quais serão destinadas as mercadorias em grande número e uniforme.

³⁷ ADORNO e HORKHEIMER. **Dialética do Esclarecimento**, op.cit. p.21.

A razão instrumental é a forma mítica de dominação, e seu conteúdo é o número, por conseguinte, a dominação se dá pela quantificação da natureza e do homem. O que antes pertencia à adoração mítica que, através do culto ao mito, a natureza mantinha o seu domínio sobre os homens passa às mãos do próprio homem em forma de número. A transferência de domínio, da natureza para o homem, mantém o sujeito prisioneiro desse domínio por não conseguir livrar-se da forma de dominação mítica. O homem ao se livrar do antigo mito manteve a forma de dominação que o mantinha preso à natureza.

A própria mitologia desfecha o processo sem fim do *esclarecimento*, no qual toda concepção teórica determinada acaba fatalmente por sucumbir a única crítica arrasadora, à crítica de ser apenas uma crença, até que os próprios conceitos de espírito, de verdade, e até mesmo de esclarecimento tornam-se convertidos em magia animista.³⁸

Adorno e Horkheimer reafirmam, nessa passagem, a vinculação do esclarecimento à mitologia em sua forma de ação. É também notória a capacidade de sobrevivência do sistema esclarecido quando este, para se preservar, reduz tudo à crença até mesmo o esclarecimento. Pela crítica contundente contra qualquer um que tenha uma teoria consistente contra o sistema de dominação, que hoje é o sistema capitalista, o esclarecimento mostra a sua capacidade de mimese, isto é, do disfarce diante daqueles que tentam abalá-lo. Contra os que os enfrentam o sistema de dominação do homem e da natureza, os defensores do capital lançam a pecha de defensores da regressividade, isto é, de defensores do mito, que quer dizer da ignorância e da superstição. Mas os conceitos da razão esclarecida que se transformam em identidade no campo do ser e pensar devem ser cultuados à semelhança do culto mítico. O conceito de progresso social totalmente dirigidos ao lucro é cultuado, portanto, não pode ser desviado do seu curso se isso atrapalha a lucratividade dos donos do poder. “O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento do seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder”.³⁹ A consciência dos indivíduos é a principal vítima da alienação exercida pelo poder.

³⁸ Ibidem., p.26.

³⁹ Ibidem., p.26.

O mito é uma criação da imaginação do homem para sobreviver diante do poder da natureza. As entidades mitológicas serviam não somente como mediadoras, mas como agentes na relação homem – natureza. O papel de agente se dá pelo fato de o homem, segundo Adorno, ter os olhos da autoconsciência ainda fechados. Os indivíduos legavam aos mitos o direito de ditar como deveriam ser suas vidas. Eram as vozes da natureza dominando o destino do homem. O esclarecimento posterior ao mito surge como fuga desse mundo de incertezas. A realidade vista pelos olhos do mito foi, com o esclarecimento, racionalizada e transformada pela matematização do real.

O mito racionalizado vê o mundo com outros olhos: o do homem. O homem como o senhor da situação faz com que toda variedade da natureza que nutria a imaginação do homem primitivo seja descartada se não tiver uma utilidade prática. A natureza subjugada tem o mero papel de fornecedora de materiais que sirvam de base para a construção de instrumentos técnicos que levam o homem a uma capacidade de transformação da natureza que nenhuma outra espécie de animal foi capaz. O uso da natureza pela razão instrumental significa poder pelo saber. Não há mais espaço para qualquer tipo de adoração ligada à natureza. Ela tem que ser quantificada, pois não existe construção de instrumento técnico sem o cálculo. E o cálculo recai sobre os recursos da natureza que têm que gerar riqueza e poder para o capital. Para que haja abundância de capital acumulado nas mãos de poucos é preciso um impiedoso domínio sobre a natureza e, como pensa Adorno, não existe domínio sobre a natureza que não seja sobre o próprio homem.

O servo permanece subjugado no corpo e na alma, o senhor regride. Nenhuma dominação conseguiu ainda evitar pagar esse preço, e a aparência cíclica da história em seu progresso também se explica por semelhante enfraquecimento, que é o equivalente do poderio.⁴⁰

A regressividade aludida nessa passagem da **Dialética do Esclarecimento** é uma alusão ao personagem Ulisses da obra *Odisséia* de Homero. Para os dois pensadores, já anunciava um esboço do que é, hoje, o indivíduo burguês. A dominação do homem sobre o

⁴⁰ Ibidem., p.46.

mito já se renunciava, segundo os dois filósofos no episódio das sereias – que trataremos no próximo tópico – quando Ulisses usa como método para burlar o mito a astúcia. Para não ser atraído pelo canto fatal, ele ordena aos seus marinheiros que o amarrem no mastro do navio, enquanto isso, os marinheiros colocam cera nos ouvidos para continuarem navegando sem tomar conhecimento do que se passava. Ulisses com essa atitude escuta o canto, passa a conhecê-lo integralmente sem ser vítima dele, controlando pela força a sua subjetividade. Os marinheiros navegam alheios à experiência que só o seu senhor tem o privilégio de obter. Para Adorno e Horkheimer, a esperteza do burguês e a alienação da massa dominada estão já insinuadas na proto-história do homem ocidental cujo, personagem, Ulisses, já dá os primeiros sinais de como se forjaria no futuro o sistema de dominação baseado na propriedade privada e no lucro.

Os remadores que não podem se falar estão atrelados a um compasso, assim como o trabalhador moderno na fábrica, no cinema e no coletivo. São as condições concretas do trabalho na sociedade que forçam o conformismo e não as influências conscientes, as quais embruteceriam e afastariam da verdade os homens oprimidos. A impotência dos trabalhadores não é mero pretexto dos dominantes, mas a consequência lógica da sociedade, na qual o fado antigo acabou por se transformar no esforço de a ele escapar.⁴¹

Para os autores da **Dialética do Esclarecimento**, a sociedade moderna, como fruto do sistema capitalista de produção, reduz os indivíduos a criaturas conformadas com seu destino, como ocorria nos tempos em que o homem dependia do mito para sobreviver. Só que não existe mais o mito, então as pessoas ficaram reduzidas ao seu próprio *eu*, este mesmo *eu* é controlado pelo ritmo imposto pela sociedade moderna, que é o da rotina e o da repetição tanto no trabalho quanto na diversão.

O controle do capital sobre o trabalhador através da mercadoria força de trabalho para obter altos lucros requer uma troca desigual que somente ocorrerá de modo “pacífico” se houver um permanente envolvimento do dominado com os valores do dominador. As prefe-

⁴¹ Ibidem., p.47.

rências do sujeito dominado têm que ser previsíveis, ou melhor, devem ser reveladas numa tabela de dados estatísticos. O esclarecimento é um sistema que, para subsistir, necessita de uma natureza interna fragilizada⁴² que assuma, sem maiores questionamentos, os ditames traçados pelo sistema para resolução de suas crises, mesmo que essas deságüem em tragédias como as já vistas na história da humanidade, especialmente no século vinte. As crises, que são permanentes, requerem controles permanentes e, para isso, os indivíduos precisam crer na potência de categorias, como progresso e liberdade, como um lugar perfeito onde as boas condições de vida brotam como objetos de consumo. Como revela Adorno, em **Palavras e Sinais**, a respeito do progresso; “Seu uso pedante defrauda apenas naquilo que promete: resposta à dúvida e esperança de que finalmente as coisas melhorem, de que, enfim, as pessoas possam tomar alento”.⁴³ É estabelecendo uma conexão entre categorias como liberdade, progresso e objetos de consumo que se dá à ideologização do sistema.

O domínio da natureza interna dos indivíduos é avaliada pela capacidade de comprar as últimas novidades do mercado. O sujeito inconscientemente é mercadoria à medida que é avaliado tanto quanto o produto a ser posto a venda. A avaliação é calculada pelos institutos de pesquisas que medem os indivíduos dentro dos parâmetros de sua classe social. O capitalismo é um sistema totalmente imerso em números. Em suas ações não existe humanidade e quando existe é em seus discursos, como logro, ou seja, para enganar com falsas promessas. Liberdade e paz são as categorias mais prometidas para manter, paradoxalmente, o sistema de desigualdades. Desse modo, o sistema capitalista mantém as pessoas num permanente estado de carência, não somente de mercadorias de utilidade prática, mas espiritual e, portanto, sempre dispostas a consumir o que a propaganda promete como algo necessário para se atingir a felicidade.

⁴²DUARTE, R.A.P. **Mímesis e Racionalidade**, SP: Loyola, 1993.,p.90. “À problemática da capacidade dos seres humanos de resistir às intervenções desse processo liga-se o complexo posicionamento adorniano diante do fortalecimento ou enfraquecimento do ego. Suas cogitações a esse respeito iniciam-se com a constatação de que um ego fortalecido, em princípio, seria mais apto a resistir ao sistema do que um ego enfraquecido (E 106). Aliás, denota a existência de um estado de cegueira total (totaler verblendugszusammenhang), uma decadência sensível da individualidade humana. A tendência, apresenta pelos fracos, a apoiar o poder totalitário a título de satisfação substitutiva, tendência essa que encontrou na ascensão do nazismo uma cruel confirmação...”

⁴³ ADORNO. **Palavras e Sinais**, op. cit. p.38.

A subjetividade do sujeito fica submetida a um corpo de pensamentos calculados pela indústria que impõe desejos e necessidades com a finalidade de prendê-los à mercadoria.

O sujeito submetido ao controle do capital por ser um mero vendedor da força de trabalho está, nos tempos atuais, refém de uma crise estrutural que o põe fora do mercado de trabalho ao mesmo tempo em que o sistema o ilude impiedosamente colocando-o na condição de culpado estimulando-o a qualificar-se para uma colocação que será alcançada dificilmente. É um dos modos de autoconservação do capital. O sujeito, portanto, é submetido à anulação da autoconsciência no momento em que obedece cegamente à estratégia do sistema em se autopreservar.

O absurdo desta situação, em que o poder do sistema sobre os homens cresce na mesma medida em que os subtrai ao poder da natureza, denuncia como obsoleta a razão da sociedade racional. Sua necessidade não é menos aparente do que a liberdade dos empresários, que acabam por revelar sua natureza compulsiva nas lutas e acordos a que não conseguem escapar. Essa aparência, na qual se perde a humanidade inteiramente esclarecida, não pode ser dissipada pelo pensamento que tem de escolher, enquanto órgão da dominação, entre o comando e a obediência.⁴⁴

Ao analisarmos essa passagem dos autores da **Dialética do Esclarecimento**, voltamos para o pensamento adorniano a respeito da grandeza do objeto em relação ao conceito. Ora, essa aparência é constituída pelo princípio da identidade tão denunciado por Adorno nas suas obras tardias, especialmente a **Dialética Negativa**. Comandar e obedecer são os encaixes que nos levam a pensar como se dá o princípio da identidade que falsamente suprime o princípio da contradição e que, portanto, leva à supressão da reflexão necessária à luta pela emancipação. A auto-reflexão, portanto, é o pressuposto necessário para que o sujeito se imponha como **alguém** e não como algo qualquer assemelhado a um objeto de uso a ser descartado quando envelhece ou sai da moda. O modo de ser do sistema capitalista, segundo Adorno, foi gestado nos primórdios da civilização, tem na

⁴⁴ADORNO e HORKHEIMER. **Dialética do Esclarecimento**, op.cit. p.49.

modernidade uma forma que demonstra o quanto a razão instrumental aplicada na sua autoconservação pôde com o desenvolvimento da técnica reduzir tudo a lucro até mesmo o planeta. Essa desrazão é corroborada pela ciência positivista, cujo modo de atuar no mundo das relações sociais é o de se manter subordinada à engrenagem reificadora do sistema capitalista de produção que monopoliza todo o conhecimento científico.

Quanto mais complicada e mais refinada as aparelhagens sociais, econômicas e científicas, para cujo manejo o corpo já há muito foi ajustado pelo sistema de produção, tanto mais empobrecidas as vivências de que ele é capaz.⁴⁵

A crítica de Adorno quanto ao uso excessivo das conquistas tecnológicas para o conforto das pessoas na sociedade moderna não é um ataque contra o progresso social, mas contra o preço que a humanidade pode pagar por esse conforto, por não se pautar numa consciência crítica. O conforto tem como preço a alienação do homem frente ao sistema capitalista e a reificação da natureza. Para Adorno, o avanço tecnológico que proporciona conforto ao corpo não é sinônimo de emancipação porque não elimina a barbárie, esta só será eliminada com a reconciliação entre o homem e a natureza. O conforto, para Adorno, é a conquista da autonomia do sujeito.

O avanço tecnológico que proporciona conforto ao corpo, mas pobreza espiritual é uma crítica bem ao estilo adorniano contra a razão instrumental que administra não somente o que deve ser produzido como bem de utilidade, mas toda a sociedade. A distribuição das riquezas, por exemplo, racionalmente, é desigual porque o sistema que administra a sociedade, o capitalismo, é o sistema que não sobrevive sem a desigualdade social. Distribuir, desigualmente, as riquezas produzidas pelo sistema de produção, que são manifestações do desenvolvimento científico, é uma maneira de manter uma camada de indivíduos num estado de carência permanente. O intuito de manter a carência é fazer a manipulação de preços e salários. Se a mercadoria não alcança a todos, seus preços são elevados, se existe um exército de desempregados, os salários serão baixos.

⁴⁵Ibidem., p.47.

A lógica do capital, segundo Adorno, se assenta na dominação em que o capitalismo moderno como herdeiro da forma mítica de dominação se apresenta como o modelo mais aprimorado. No comando desse modelo, está a burguesia como classe social dominante. Adorno e Horkheimer, no entanto, vêem o esboço do burguês, já na antiguidade, através do personagem Ulisses da Odisséia de Homero.

2.2. ULISSES E O ESCLARECIMENTO

Abstraindo do personagem Ulisses o protótipo do burguês, Adorno e Horkheimer colocam a epopéia homérica (**Odisséia**) como testemunha da **Dialética do Esclarecimento**: a luta entre a razão dominada pela natureza representada pelo mito e a **mesma razão** que tenta se desvencilhar do jugo da natureza pela astúcia. A epopéia homérica explica o processo degenerativo do esclarecimento em sua trajetória que o afastou do processo de emancipação no momento em que o personagem de Homero, para defender seus próprios interesses, utiliza a artimanha como saída contra a fúria do mito. Também, é um momento em que se dá, pelo uso da razão, a derrota da natureza, mas não a vitória do homem, pois este se apega à dominação tal qual o mito.

A diferença entre a dominação mítica e a burguesa é de conteúdo, não de forma: o domínio da natureza ocorria porque o homem ainda não compreendia por si, isto é, pela própria razão os mecanismos de funcionamentos dos fenômenos da natureza. Sua relação com o mundo era heterônoma, ou seja, toda explicação residia nos próprios fenômenos, o mito fazia a ligação entre a natureza poderosa e o homem dependente, já o domínio burguês se dá pela racionalização de toda realidade temida pelo homem primitivo. A natureza no sistema burguês de dominação é a fonte que alimenta o seu poder. Toda sua matéria é transformada em números: forma essencial para a criação de instrumentos técnicos complexos que podem ser fabricados em larga escala, para isso é necessário recursos naturais que devem ser rigorosamente medidos para que haja uma avaliação de custo e preço. Segundo Adorno e Horkheimer, o mito já era esclarecimento porque já explicava, avaliava e delimitava exatamente como o burguês em seu domínio sobre a natureza. Não

existia burguês na era mítica, mas para Adorno e Horkheimer, o germe de um brutal sistema de dominação já se insinuava na epopéia de Homero através de Ulisses.

Um proprietário como Ulisses ‘ dirige a distância um pessoal numeroso, meticulosamente organizado, composto de servidores e pastores de bois, de ovelhas e de porcos. Ao anoitecer, depois de ver de seu palácio a terra iluminada por mil fogueiras, pode entregar-se sossegado ao sono: ele sabe que seus bravos servidores vigiam para afastar os animais selvagens e expulsar os ladrões dos coutos que estão encarregados de guardar’. A universalidade dos pensamentos, como a desenvolve a lógica discursiva, a dominação na esfera do conceito, eleva-se fundamentada na dominação do real.⁴⁶

A postura de Ulisses descrita pelos autores da **Dialética do Esclarecimento** é a do indivíduo que não somente domina a terra como também os homens dentro de uma organização militarmente calculada para proteger a propriedade. O personagem de Homero, de seu palácio, racionalmente examina, toda a disposição dos elementos que compõem o sistema de proteção daquilo que lhe pertence. Ele dirige o seu pessoal à distância, isso significa que existia um séquito de pessoas de confiança dispostas a prestar-lhe informações e reprimir quem se contrapusesse ao seu poder.

Ulisses ainda vivia num mundo dominado pelo mito, sua relação com a realidade ainda estava baseada na mitologia, mas, para Adorno e Horkheimer, Homero descreve que, já naquela época longínqua, se desenhava um sistema de dominação que chegou na versão do sistema capitalista de produção. A **Odisséia** é um ponto de partida explicativo do sistema que se forjou dentro de uma racionalidade dominadora. Ulisses explica o indivíduo burguês, assim como o mito explicava os fenômenos da natureza. Entre os dois, Ulisses e o burguês, entretanto, há uma convergência que se dá como método: a dominação. O episódio das sereias revela já a racionalização do trabalho através da sua divisão. A racionalização do trabalho passa pela inibição dos sentidos pelo sistema opressor, ou seja, pelo controle da subjetividade dos indivíduos.

⁴⁶ Ibidem., p.28.

No entendimento dos autores, Ulisses assim como o burguês já carregam dentro de si a unidade, por conseguinte, o mundo da negação da multiplicidade. O personagem de Homero, para os autores, já se deixa substituir no trabalho, ou seja, já não derrama seu suor diretamente, alguém que não tem propriedade vende sua força de trabalho para o grande proprietário.

Ulisses, apesar do cuidado que tem de proteger os companheiros do canto fatal, utiliza-se do direito que sente o burguês de desfrutar do prazer sem se entregar a ele completamente e até pôr em jogo o poder. Ele, aprisionado, desafia o poder da sedução, e adquire, ao mesmo tempo, conhecimentos sobre o estratagema do mito sem sucumbir a ele, pois seus ouvidos, órgão dos sentidos pelos quais funciona a arma letal, estão livres.

Os marinheiros, com mãos e pés livres, passam ao largo da experiência, pois estão com suas consciências alheias ao que ocorre à consciência do patrão, embora possam imaginar. A imaginação é a imagem forjada pela consciência de algo não vivenciado, mas repassado pela linguagem; é uma das peças-chaves do burguês para as tentativas de controle das consciências dos indivíduos que estão submetidos ao controle da sociedade capitalista. O que o burguês repassa para aqueles que vende a sua força de trabalho, a classe trabalhadora, na sociedade de consumo, é o canto das sereias⁴⁷, a magia encantadora da propaganda.

⁴⁷ HOMERO. **ODISSÉIA**, SP: Editor Abril, 1981.,p.113: “Posto o Sol e sobrevindas as trevas, meus homens foram dormir junto das amarras; mas Circe, tomando-me pela mão, fez-me sentar longe deles, deitou-se ao meu lado e interrogou-me sobre tudo quanto havia acontecido. Contei-lhe tudo como era de justiça. Então a preclara Circe me dirigiu essas palavras: ‘ Toda essa primeira provação está concluída . escuta agora o que vou dizer-te: aliás um deus de novo te recordará isso mesmo. chegarás, primeiro, à região das Sereias, cuja voz encanta todos os homens que delas se aproximam. Se alguém, sem dar por isso, delas se avizinha e as escuta, nunca mais sua mulher nem seus filhos pequeninos se reunirão em torno dele, pois que ficará cativo do canto harmonioso das Sereias. Residem num prado, em redor do qual se amontoam as ossadas de corpos em putrefação, cujas peles se vão ressequindo. Prossegue adiante, sem parar; com cera doce como mel amolecida tapa as orelhas dos teus companheiros, para que nenhum deles possa ouvi-las. Tu, se quiseres, ouve-as; mas, que em tua nau ligeira te atem pés e mãos, estando tu direito, ao mastro, por meio de cordas para que te seja dado experimentar o prazer de ouvir a voz das Sereias. Se acaso pedires e instares com teus homens que te soltem, que eles te prendam com maior numero de ligaduras. Em seguida, quando tiverem passado além das Sereias, não te direi com precisão qual das duas rotas deverás seguir; cabe a ti decidir em teu coração”.

Ulisses já não é um simples adorador de mitos, mas alguém que comanda aqueles que o substituem no trabalho, de modo racional. Já se percebe o princípio do comando e da obediência, da subordinação e da ordem. A epopéia homérica, para Adorno e Horkheimer, revela o esclarecimento enquanto sistema de dominação do sujeito e do objeto. O personagem de Homero demonstra, apesar de ainda estar bem próximo do mito, a nova concepção de subordinação e ordem que se manifestará posteriormente. A nova concepção, como aludem os dois pensadores, ocorre com a dissolução do antigo mito e o domínio da realidade por parte do sujeito.

Para Adorno e Horkheimer, a Odisséia de Homero ainda está próxima ao não-idêntico, está ainda ligada ao mito e, por isso mesmo, se pode perceber mais de perto a luta que se travou entre a razão que nos chegou e aquela que residia na mitologia. A ordem cósmica do mundo de Ulisses ainda era refletida pelo mito, enquanto a que se deu posteriormente se reflete no cálculo. A transição pode ser percebida na epopéia homérica, no instante do canto das sereias em que Ulisses se ata ao mastro e veda os ouvidos dos companheiros para que estes não fossem seduzidos pelo canto fatal. Do mastro, como o burguês ao sistema, Ulisses não pode desgarrar-se. O canto sedutor o faz atar-se cada vez mais à medida que se sente mais tentado. Esse comportamento pode ser comparado ao sentimento burguês de autopreservação que sacrifica a própria felicidade para manter-se no poder. Ulisses atado escuta o canto, sabe como ele é tentador, por isso veda os ouvidos dos companheiros, para que, surdos, se mantenham longe da tentação e permaneçam sob seu comando.

A imobilização de Ulisses no mastro é uma alegoria em relação à resistência que o burguês impõe contra a destruição do sistema, por isso subjuga os sentidos ou qualquer forma de sentimentos aos parâmetros da racionalidade do número. Os sentidos, pela necessidade de autopreservação do sistema, é obstruído como toda a subjetividade que passa a ser controlada pelos ditames da sociedade burguesa. A razão esclarecida dentro do sistema capitalista burguês autoritariamente reduz o sujeito a um ser alienado e distante de tudo o que o cerca. Com os ouvidos vedados, eles seguem o preestabelecido como se fosse a inevitável máquina do destino. A verdade esclarecida entabulada no frio cálculo

transforma o homem em seu executor obediente, como aqueles que obedeciam à autoridade dos antigos mitos.

Para Adorno e Horkheimer, a violência que Ulisses impôs a si mesmo, conscientemente, já traz o germe da dominação. O *eu* insipiente entrelaçado ao antigo mito sofre uma ruptura no esclarecimento moderno com a destruição definitiva do mito antigo. E assim nasce um *eu* modelado pela força do sistema produtivo burguês que se realiza na cultura consumista concretizada na razão instrumental.

Assim sendo, o sistema burguês cria seu próprio mito utilizando-se do velho mito em sua forma. O esclarecimento não se desvencilha do mito, mas, ao contrário, cai em seu influxo. O *logos* do novo mito é o cálculo. A natureza transformada em cálculo é o resultado do afastamento do homem do mundo natural à medida que vai racionalizando o mito, transformando-o em conhecimento coordenado que foi sendo aplicado ao mundo do trabalho e afetando as relações sociais. O reflexo disso tudo se dá na divisão de trabalho. Nela, os indivíduos se juntam para executar tarefas diferentes e, conseqüentemente, impor um tipo de relação social.

2.3.DOMINAÇÃO E TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Para Adorno e Horkheimer, o domínio sobre o trabalho racionalizado ocorreu num processo transitivo, ou seja, o trabalho que era tido como ignomínia até o feudalismo sofre uma mudança de conceito com o advento do mercantilismo, quando os monarcas passam a ser donos de manufaturas. O trabalho deixa de ser vergonhoso e os senhores assumem a produção, incluindo-se entre os produtores. A burguesia diferentemente dos seus predecessores, se lança em busca de lucros, como os banqueiros e os comerciantes. Está formada uma classe social que concorre no mercado, disputando lucros de acordo com o capital empregado.

Para Adorno e Horkheimer, a relação capital versus trabalho sempre foi, no esclarecimento moderno, desfavorável à classe trabalhadora pelo grau de vigilância

permanente que o sistema de exploração exerce sobre os trabalhadores e pela relação salarial injusta que expressa o que é negado a eles.

Na fábrica, o fabricante tem sob os olhos seus devedores, os trabalhadores, e controla sua contrapartida antes mesmo de adiantar o dinheiro. O que na realidade se passou eles só percebem quando vêem o que podem comprar em troca. O menor dos magnatas pode dispor de um *quantum* de serviços e bens como jamais pôde nenhum senhor antes; os trabalhadores, porém, recebem o chamado mínimo cultural. Não bastava descobrir no mercado como são poucos os bens que lhes cabem, o vendedor ainda elogia o que eles não se podem se permitir. Só a relação dos salários com os preços exprime o que é negado aos trabalhadores.⁴⁸

A desigualdade no sistema capitalista é alimentada pela vigilância que os donos do capital exercem sobre a classe trabalhadora, vigilância que passa pela relação de troca entre a venda da força de trabalho e o salário recebido. O vendedor que elogia os produtos dignos do magnata, que não é possível ser comprado pelo salário do trabalhador, induz neste um sentimento de desejo e de necessidade permanente pela mercadoria que será possuída dificilmente. Desse sentimento, portanto, tira lucro o burguês, pois terá um trabalhador determinado em ser tal qual ele. É um falso sentido do valor de equivalência, ou seja, o trabalhador tem a ilusão de que poderá, um dia, ser como o burguês.

Para Adorno e Horkheimer, é na divisão do trabalho que se cristaliza a dominação. Também, é pela racionalização do trabalho que a burguesia impõe seus conceitos universais. É com os conceitos burgueses que as pessoas pensam estar participando da totalidade através do que executam como indivíduos. Por esse caminho, dá-se a dominação, pois os pensamentos dos indivíduos se tornam não precisos quanto à análise da realidade.

O poder de todos os membros da sociedade, que enquanto tais não têm outra saída, acaba sempre, pela divisão do trabalho a eles imposta, por se agregar no sentido justamente da realização do todo, cuja racionalidade é assim mais uma vez multiplicada. Aquilo que acontece a todos por obra

⁴⁸ ADORNO e HORKHEIMER. **Dialética do Esclarecimento**, op.cit.p.163.

e graça de poucos se realiza sempre como a subjugação dos indivíduos por muitos: a opressão da sociedade tem sempre o caráter da opressão por uma coletividade. É essa unidade de coletividade e dominação e não a universalidade social imediata, a solidariedade, que se sedimenta nas formas do pensamento.⁴⁹

O controle do sistema capitalista sobre os membros da sociedade está no domínio sobre suas consciências. Um dos artifícios é fazer com que os indivíduos se sintam controlados por toda a coletividade. O pensamento que se sedimenta na consciência dos indivíduos é fragmentário, embora não pensem assim, pois o sistema cuida para que eles no exercício das suas funções de trabalhadores, dentro da divisão de trabalho, pensem o oposto, isto é, que, fazendo uma parte do serviço e outro fazendo outra parte estão construindo uma totalidade, quando, na verdade, estão se alienando, pois, suas consciências não podem abranger a totalidade e, portanto, não podem compreender os mecanismos de exploração que o burguês desempenha contra eles: o da falsa equivalência na troca entre salário pago e horas de trabalho. O sujeito, nessa situação, deixa-se levar pelo comando do dominador, que faz com que o indivíduo creia numa falsa noção de totalidade. Levá-lo a pensar que é responsável pela totalidade e que está sendo vigiado pela coletividade é um modo de pô-lo sob o regime da impotência. A impotência do sujeito não pode ser percebida por este, pois será, caso ocorra, o princípio da ruína do capital.

Pode-se inferir que este comportamento do sistema capitalista é uma herança da antiga relação entre os homens e a natureza que ocorria com base na mimesis, ou seja, sob o domínio da natureza, os feiticeiros se disfarçavam com o objeto da magia: uma máscara que representasse a enfermidade que estava matando alguém. Esse disfarce era um modo de atrair as forças benígnas que davam força ao feiticeiro e, conseqüentemente, pôr em fuga o espírito maligno. Desse modo, segundo Adorno e Horkheimer, a natureza através das entidades míticas, cristalizava seu poder sobre os homens. A mimesis no sistema capitalista de produção não traz esse conteúdo, mas a forma: a dominação. O sistema deixa o membro da sociedade pensar que é vigiado pela coletividade, mas na verdade a vigilância é

⁴⁹ Ibidem.,p.35.

exercida pelos burgueses que são os donos do poder e que exercem o seu domínio através da superestrutura onde muitos trabalham, mas quem comanda são os donos do capital. As instituições que compõem a superestrutura estão a serviço da propriedade privada, não do universo social. O mito que, segundo Adorno e Horkheimer, já era esclarecimento porque determinava e delimitava, necessitava de máscaras e objetos que pudessem representá-los na natureza, já o burguês usa como máscara o falso poder que os indivíduos em sociedade pensam que têm quando, na verdade, o poder vem dos donos do capital. A sociedade é a máscara que intimida os indivíduos. O poder sobre essa máscara é o burguês.

Os mitos, na consciência dos homens primitivos, estavam em toda parte como representação de sua realidade. Nada era feito de certo ou errado que não contivesse a sua anuência. De modo semelhante, age a razão esclarecida que dá a entender ao sujeito que exerce um controle total sobre a realidade social.

Na divisão do trabalho, o capital deixa claro que se mantém integrado como uma força universal. O capital se mantém integrado à medida que fragmenta a consciência do trabalhador. A fragmentação leva à alienação, o que fortalece o sistema de dominação. Isso é compatível com os interesses do capital que transforma a fragilidade em lucro.

O sujeito envolvido na luta pela sobrevivência liga-se às regras impostas pela razão esclarecida, procura na obediência se esconder de sua fúria, procurando não contestá-la. A obediência pode significar, como pensa Adorno, uma regressão vinculada ao medo mítico. A face totalitária do sistema é para manter o sujeito longe da multiplicidade, por conseguinte, de tudo aquilo que lembre a velha mitologia, ou seja, a pluralidade de conceitos que residia na natureza que, para Adorno, subsiste na sociedade na forma de interesses ligados aos indivíduos particulares e que foge completamente ao princípio da identidade imposto pelo capital. Coibir a lembrança do velho mito é proibir questionamentos sobre a categoria da dominação, por isso, para Adorno, o esclarecimento teme tanto a auto-reflexão das pessoas, pois, se estas refletirem sobre a dominação imposta pelo sistema capitalista, só obterão êxito se fizerem uma viagem ao passado para descobrirem que a dominação moderna tem raízes profundas em eras remotas. A reflexão

pode chegar à conclusão de que o poder ideológico do sistema burguês tenta se sublimar no trabalho porque é através dele que se cristaliza toda a dominação. É na divisão do trabalho que o trabalhador perde a visão geral do objeto e, por conseguinte, do próprio trabalho.

Esse entrelaçamento de mito, dominação e trabalho está conservado em uma das narrativas de Homero. O duodécimo canto da *Odisséia* relata o encontro com as Sereias. A sedução que exercem é a de se deixar perder no que passou. Mas o herói a quem se destina à sedução emancipou-se com o sofrimento. Nos perigos mortais que teve de arrostar, foi dando têmpera à unidade de sua própria vida e à identidade da pessoa.⁵⁰

Na citação, os autores da **Dialética do Esclarecimento** analisam a moldagem que o personagem da **Odisséia**, Ulisses, está dando à sua consciência ao resistir ao canto das sereias. Ulisses estava se emancipando de um modo de existência que já estava ficando no passado. A dependência total ao mito já era vista pelo herói da *Odisséia* como algo que podia ser superado. Ao fazer uma análise de Ulisses como o protótipo de um agente do sistema de dominação moderna, o burguês, Adorno lembra, na citação, que Ulisses utilizou como instrumento de emancipação o sofrimento. O sofrimento, para Adorno, é o cerne da dialética do esclarecimento, que é o conflito entre um projeto de libertação e a forma de dominação mítica que viajou no tempo histórico do homem ocidental até nossos dias, apesar de toda revolução no campo da técnica aplicada às instituições e ao trabalho. Ulisses ouviu o canto das sereias, aprendeu a controlar seus sentidos e compreendeu o modo de dominação do mito, pois só ele passou pela experiência, os outros nada ouviram ou sentiram, ficaram alheios a tudo. O alheamento dos remadores, fazendo uma analogia com o alheamento das massas, é proporcional à capacidade do sistema, ou seja, quanto mais afastado é o conjunto de indivíduos excluídos do mundo do trabalho formal e, por consequência, de uma possibilidade de sobreviver dignamente, mais dominador e cruel é a forma de dominação capitalista. O alheamento, que podemos trocar por alienação, é o motor, isto é, o grande impulso que leva à regressão extremada do sistema capitalista. A regressão deve ser lida como o modo adorniano de abordar qualquer coisa que lembre a dominação e que tem uma estreita ligação com a forma de dominação mítica. A regressão

⁵⁰Ibidem., p.41.

extremada do capitalismo só será refreada quando a massa oprimida refletir sobre sua real posição na sociedade e negar qualquer pretensão do sistema em moldá-la como um objeto qualquer criando necessidades para satisfazer o insaciável desejo de lucro dos donos do poder, como lembra Karl Marx :

Cada homem especula sobre a maneira de como criar no outro uma nova necessidade para forçar a um novo sacrifício, o colocar em uma nova dependência, para o atrair a uma nova espécie de prazer e, deste modo, à ruína.⁵¹

A dominação no capitalismo moderno passa pelo domínio da subjetividade dos indivíduos. A vontade de dominar é inerente ao sistema de dominação que se forjou por conta, segundo Adorno, de uma má resolução do homem em dissolver o mito, a natureza dominadora, transformando-o em saber, mas que deixou esse mesmo mito escapar, absorvendo-lhe a forma de dominação que oprimia a humanidade. O erro ocorre porque quando a humanidade se sentiu preparada para se libertar do jugo do mito não fez uma reflexão sobre o objeto que o cercava, do qual ela também faz parte, que é a natureza. Forjou-se, por isso um sistema de dominação que progrediu no campo da técnica, mas que quando se trata de lidar com o homem e a natureza, aplica a dominação mítica.

Nesse caso, podemos dizer que a dominação aplicada pelo capitalismo moderno, segundo Adorno, é regressiva. O pensamento dominador invade as consciências individuais, como se refere Marx, e o leva, pela dominação, à sua ruína.

O sistema capitalista é um sistema de competição, portanto, o seu modo de ação é o de atrair as pessoas para o prazer, todavia não é um prazer para criar um bem-estar descompromissado, é um prazer que tenha como resultado o lucro, o acúmulo de riquezas para quem tem os meios de produção. O homem na sua individualidade absorve o modo de ser do sistema e o reproduz nas relações interpessoais, colaborando para a manutenção do sistema e na administração da sociedade pela razão instrumental.

⁵¹ MARX. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução de Artur Morão. Lisboa. Edições 70. s/d, p.207.

2.4. A RAZÃO INSTRUMENTAL E O CAPITAL

Segundo Adorno, a razão torna-se instrumental quando se lança como dominadora da natureza e a transforma em objeto qualquer, de acordo com as regras da ciências positivas. Dominada, a natureza se vê controlada por uma racionalidade cujo fim é a dominação total. O domínio da razão instrumental não se restringe somente ao uso direto da natureza para fins de experiências em laboratórios, para, a partir daí, desenvolver um novo engenho técnico, mas se estende a toda sociedade. Toda sociedade é racionalmente administrada para beneficiar o capital.

A razão instrumental é a racionalidade do sistema capitalista que controla o homem e a natureza para que estes estejam sempre prontos a servir ao mercado. É a razão instrumental que calcula o que é bom e o que não é, no momento, para o capital. Como dizem Adorno e Horkheimer; “O aparelho econômico antes mesmo do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens”.⁵² O sistema econômico utilizando a razão instrumental não somente fabrica mercadorias, mas comportamentos, como as modas, para que as mercadorias se tornem atraentes e tenham sucesso de venda.

A ideologia do capital é o lucro, e é para ele que a razão instrumental presta seus serviços no campo científico e no ordenamento das instituições sociais. Toda sociedade moderna é organizada para defesa do capital. Todo saber só tem validade se tiver valor de mercado, se puder ser transformado em poder.

O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. Do mesmo modo que está a serviço de todos os fins da economia burguesa na fábrica e no campo de batalha, assim também está à disposição dos empresários não importa sua origem.⁵³

⁵²ADORNO e HORKHEIMER. **Dialética do Esclarecimento**, op.cit. p.40.

⁵³ Ibidem., p.20.

O saber que o homem utilizou para se libertar do jugo do mito é o saber racional que tem como base a matemática. Como, segundo Adorno, o homem dissolveu o mito, mas assimilou sua forma de dominação, não houve, portanto, uma emancipação, porém uma troca de dominadores. Se a razão tivesse, em conjunto com o desenvolvimento da técnica, refletido sobre a dominação mítica, teria tido a possibilidade de eliminar a dominação e conviver com a natureza harmoniosamente. Mas o que ocorreu foi que a dominação permaneceu como elemento regressivo, ainda ligada à era mítica. A razão que destruiu a crença no mito com a força do saber é agora um instrumento de legitimação do sistema que domina o homem e a natureza.

A razão instrumental manipula a natureza externa com fins mercadológicos, sem medir as conseqüências. A natureza, como a guardiã do antigo mito dominador, como representante da angústia, da superstição e da irracionalidade, faz com que o esclarecimento moderno não nutra respeito algum por ela. A irracionalidade do esclarecimento está em não reconhecer o mito como esclarecimento; ou seja, a relação entre o homem e o mito, segundo Adorno, era de subordinação daquele sobre este.

No mundo primitivo, o destino do homem era determinado e delimitado pelo mito que representava a natureza. Na era mítica o homem ainda não havia despertado a sua autoconsciência. No esclarecimento moderno, o homem através da razão instrumental determina e delimita o que deve ser feito da natureza e do próprio homem. Ao não reconhecer o esclarecimento no antigo mito, o esclarecimento repete o mito na forma de dominação sobre o homem e a natureza.

Para Adorno, a natureza como um mero objeto embrutecido, reproduzido em laboratório, é o corolário da razão instrumental. A ciência enquadrada na razão instrumental tem a natureza como uma finalidade: duplicá-la para ser produtos de consumo; produtos esses que têm como finalidade moldar, ideologicamente, as pessoas, a fim de que elas sintam que consumir, irracionalmente, a natureza seja uma necessidade. A razão instrumental, ao contrário do velho mito que dominava sem negar, nega sua regressividade ao mito.

Para Adorno, a autodestruição do esclarecimento imposta pelo espírito científico positivista levou os pensamentos a se transformarem em mercadorias. Para ele, as tendências opostas às ciências oficiais estão presas ao processo de produção capitalista.

Se uma parte do conhecimento consiste no cultivo e no exame atentos da tradição científica (especialmente onde ela se vê entregue ao esquecimento como um lastro inútil pelos expurgadores positivistas), em compensação, no colapso atual da civilização burguesa, o que se torna problemático é não apenas a atividade, mas o sentido da ciência.⁵⁴

O sentido da ciência, a que se referem Adorno e Horkheimer, está vinculado ao fato de esta não se reconhecer como algo que necessita de uma reflexão sobre o seu papel na sociedade. O distanciamento que tomou da natureza pela razão instrumental faz da ciência algo distante das reais necessidades da sociedade composta pelos indivíduos excluídos do sistema econômico. Sua função, portanto, é a manutenção da exclusão e servir de, ao mesmo tempo, suporte ao sistema na criação de necessidades. Uma dessas necessidades é induzir os indivíduos a sentirem a ciência como indispensável para a resolução de todos os seus problemas. O sentido da ciência poderia ser esse, se não houvesse entre ela e o sujeito o mercado de consumo, que dita o que é e o que deve ser criado pela ciência segundo, os interesses dos capitalistas. A razão instrumental distancia o homem da natureza, pois, segundo Adorno, qualquer aproximação pode ser uma ameaça ao seu poder. A natureza representa a pluralidade de conceitos sobre uma só coisa: uma árvore, por exemplo, pode ser a árvore em si, mas também ser uma entidade sagrada.

Para a razão instrumental, uma árvore é uma árvore, é impossível que ela seja e não seja uma árvore. A razão instrumental não concebe a sacralização de nenhum ente da natureza, pois isso poria em risco seu domínio. Assim, também, na sociedade moderna, qualquer indivíduo que não venere a racionalidade instrumental que dá forma à ciência positivista no manejo da natureza é visto com suspeita, acusado de ignorante e supersticioso. Assim, Adorno identifica a ciência positivista:

⁵⁴ Ibidem., p.11.

É fácil identificar o lugar da ciência na divisão social do trabalho. Ela tem por função estocar fatos e conexões funcionais de fatos nas maiores quantidades possíveis. A ordem do armazenamento deve ser clara. Ela deve possibilitar às diversas indústrias descobrir prontamente a mercadoria intelectualmente desejada na especificação desejada. Em larga medida, a compilação já é feita em vista de encomendas industriais precisas.⁵⁵

O entrosamento entre a ciência e o mercado diz o quanto a ciência participa do processo de dominação que recai sobre a natureza interna do sujeito, a subjetividade, na sociedade capitalista. Pensar um produto é planejar o que deve ser pensado para criar comportamentos de acordo com as necessidades políticas e econômicas.

A ciência, que transforma a natureza impiedosamente visando a servir os anseios do mercado, não é o mito da modernidade. A herdeira da forma mítica de dominação é a razão instrumental, que se confunde com o modo de agir do mercado. A ciência é apenas um reflexo desse poder que não está só na ciência, mas na administração da sociedade como um todo. A sociedade administrada é a sociedade dirigida pela razão instrumental.

A Indústria Cultural é o maior exemplo dessa capacidade de administrar, pela capacidade de convencimento, não só o destino das mercadorias que saem das fábricas para as lojas, mas de levar até as pessoas os valores de ordem ideológica da classe dominante. Infere-se, então, o poderio do mercado em moldar a consciência dos indivíduos, para que estes não somente aceitem comprar as mercadorias, mas aceitem, também, como verdade as instituições burguesas que estão a serviço do capital como o direito e a democracia.

A razão instrumental assimilada pelo poder nivela os valores sociais às pretensões mercadológicas. Os valores são, permanentemente, submetidos em sua validade a autopreservação do sistema esclarecido. O modo de ser da ciência na modernidade traz dentro de si a dualidade típica do esclarecimento: a enorme capacidade de construir aliada à mesma capacidade de destruir.

⁵⁵Ibidem., p.226.

O desenvolvimento das ciências desde Descartes a Francis Bacon guarda em sua metodologia a ânsia de um conhecimento mecanizado em que o resultado deve ter como fim a utilidade. O aspecto metodológico resultou em uma racionalidade científica cegamente voltada ao progresso do conhecimento distante de qualquer especulação sobre as conseqüências advindas sobre o homem e a natureza. O sentido matemático de Descartes para ser aplicado ao saber em qualquer circunstância e a percepção de Bacon ao momento histórico traçou as coordenadas do que viria a acontecer posteriormente.

Os reis não controlam a técnica mais diretamente que os comerciantes: ela é tão democrática quanto o sistema econômico com o qual se desenvolve. A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital.⁵⁶

O capitalismo, para Adorno e Horkheimer, é a radicalização da forma de dominação mítica. Por ser um sistema econômico destituído de humanidade, ele se comporta como um predador cujo alvo é a natureza como fonte de poder e o homem como fonte de trabalho. Controlar o trabalhador, induzindo-o a pensar que o que paga pela jornada de trabalho tem equivalência com o que é produzido só é possível à base da dominação pela alienação da classe trabalhadora. O trabalhador fica à mercê da razão instrumental que não se preocupa com os indivíduos, mas com o que pode tirar deles. O sujeito que passa a vender a sua força de trabalho assimila a forma do sistema através dos valores da classe dominante.

O burguês e a ciência zelam pelo sistema que reifica os indivíduos criando padrões de comportamentos ligados à administração da sociedade dominada pelo capital. A ciência, na era da tecnologia avançada, integra o mundo através da tecno-informação. No capitalismo moderno, a burguesia avança em todos os sentidos levando suas mercadorias materiais e espirituais para qualquer lugar do mundo. A informação, mais do que em qualquer outra época, relata os grandes feitos da ciência e a cristaliza como a única possibilidade de emancipação; o que poderia ser verdade se fosse este o seu interesse.

⁵⁶ Ibidem.,p.20

A crise mundial que atinge a modernidade e que não envolve mais questões ligadas a fatores sócio-econômicos simplesmente, mas ao meio ambiente que está sendo degradado pela ânsia de lucro e de poder por parte do capital, precisa cada vez mais de uma ciência que se desligue do sistema de dominação e se volte para o não-idêntico, que é em si, o próprio mundo em que vivemos.

A ciência positivista como está hoje, totalmente integrada ao capital, só atua sob o comando da razão instrumental, por isso sua relação com a natureza é regressiva. Cuidar da natureza é pôr em risco o sistema de dominação e regredir ao antigo mito.

Na sociedade administrada, a razão instrumental, como parte do sistema, envolve não somente os indivíduos, mas também toda a natureza num processo que visa a embrutecer a subjetividade dos indivíduos, tratando com indiferença os elementos que estão fora dos conceitos da classe dominante.

O sujeito reificado é o reflexo da natureza sendo tratada como mero objeto científico. O real é controlado pelas intenções daqueles que controlam pelo saber a existência dos indivíduos. A autoconsciência se esvai e em seu lugar é posta uma consciência instrumentalizada a favor do dominador. A calculabilidade que se fez também na linguagem, segundo o pensamento do positivismo lógico, trouxe à ciência uma falsa universalidade, que lembra, pelo ângulo da matemática, um retrocesso ao antigo mito.

O poder incluso na razão instrumental se mostra não apenas no manejo da ciência empírica de base positivista, mas transparece no modo de operar das instituições sociais. Estas, como instrumentos do sistema para sua organização, exercem sobre os indivíduos o poder de fazê-los obedecer às regras que nem sempre são do interesse da maioria e sim do poder. Nas instituições estão sedimentados os valores que servem de instrumentos de controle social para que os donos do capital atuem contra os que se rebelam contra o sistema ou para convencer a grande massa a atuar a seu favor nas crises cíclicas do sistema capitalista. Categorias como liberdade, moral, pátria e sacrifício se mantêm como estruturas para usos convenientes de acordo com os interesses políticos e econômicos. O *eu* do

sujeito, desde seu afastamento da natureza e, como consequência, a sua inclusão no sistema esclarecido moderno sofre uma cerrada vigilância para que os valores advindos da sociedade administrada não se voltem a favor dos indivíduos.

O mundo administrado não precisa de sujeitos livres, mas de sujeitos que pensam que são livres. Perceber o real pela perspectiva do sistema de dominação e não pela consciência crítica leva o sujeito à defesa dos interesses da burguesia como: desastres ecológicos, guerras com fins econômicos, religiosos e massacres a minorias étnicas. Como frisam Adorno e Horkheimer:

Os homens receberam o seu eu como algo pertencente a cada um, diferente de todos os outros, para que ele possa com tanto maior segurança se tornar igual. Mas, como isso nunca se realizou inteiramente, o esclarecimento sempre simpatizou, mesmo no período do liberalismo, com a cessação social.⁵⁷

A manipulação da natureza interna dos indivíduos nos tempos modernos, mesmo que Habermas⁵⁸ pense que essa problemática seja superada com a universalização do direito e da moral, perdura de modo intenso no mundo globalizado pela dominação do sistema capitalista.

⁵⁷ Ibidem., p.27.

⁵⁸ HABERMAS, J. **O Discurso Filosófico da Modernidade**, tradução: Ana Maria Bernardo, José Rui Pereira, Manuel José Simões Loureiro, Maria Antônia Espadinha Soares, Maria Helena Rodrigues de Carvalho, Maria Leopoldina de Almeida e Sara Cabral Seruya. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.,p.115. “A *Dialética do Iluminismo* não faz justiça ao conteúdo racional da modernidade cultural que se fixou nos ideais burgueses (e que com eles também foi instrumentalizada). Refiro-me à dinâmica teórica própria que leva as ciências e mesmo a auto-reflexão das ciências sempre *para lá* da produção de um saber tecnicamente aproveitável; refiro-me aos alicerces universalistas do direito e da moral que, nas instituições dos Estados constitucionais, em forma de formação democrática da vontade, em padrões individualistas de formação da identidade, *apesar de tudo* encontraram corporização (por mais desgastada e imperfeita que seja; refiro-me finalmente à produtividade e à força explosiva das experiências estéticas fundamentais, que subtrai ao seu próprio descentramento uma subjetividade liberta dos imperativos da atividade orientada para fins e das convenções da percepção cotidiana – experiências que acedem à expressão nas obras de arte de vanguarda que logram ser linguisticamente formuladas nos discursos de crítica de arte e que também alcançam um *certo* efeito iluminador – pelo menos para efeitos instrutivos de contraste – nos índices de valor inovadoramente enriquecidos da auto-efectivação”.

A coerção do indivíduo pela coletividade, que é o modo de operar do capital, é uma maneira de fazer com que o sujeito permanentemente esteja pronto para defendê-lo. As divergências são sempre reprimidas pelo coletivo. Esse comportamento é oriundo de todo o processo de uniformização dos padrões sociais que é, justamente, um sintoma da perda do controle do *eu* que está subjogado por uma razão instrumentalizada.

A defesa coletiva dos interesses burgueses que ocorre pela manipulação de símbolos como pátria ou religião⁵⁹, que não são os mesmos da era mítica, mas denota a regressividade, faz-se ao preço da alienação dos indivíduos sobre si mesmos. Quando a sociedade se une para defender o estado burguês, ela está munida de uma consciência instrumentalizada que induz seus integrantes a ter o interesse burguês como comum a todos os membros. O sistema é vigilante para que os indivíduos não reflitam sobre a sua própria realidade. É mais pertinente dar-lhes uma realidade feita e acabada.

O eu, que aprendeu a ordem e a subordinação com a sujeição do mundo, não demorou a identificar a verdade em geral com o pensamento ordenador, e essa verdade não pode subsistir sem as rígidas diferenciações daquele pensamento ordenador. Juntamente com a magia mimética, ele tornou tabu o conhecimento que atinge efetivamente o objeto.⁶⁰

O sentido de ordem que o sujeito absorveu do sistema está, permanentemente, ligado à preservação do capital. Não refletir sobre o objeto é não ligá-lo a uma autoconsciência, ou seja, não pensar a favor de si mesmo e se deixar dominar pelo capital. O real acabado e dado ao sujeito pelo princípio da autopreservação do sistema capitalista não é uma dominação sem propósito: é dominar para lucrar.

A alienação existe do sujeito para com o outro sujeito e para com o objeto, mas não para com o sistema. Em relação ao sistema o sujeito, está ligado e atualizado. O indivíduo é constantemente envolvido pelas coordenadas traçadas como leis de sobrevivência no mundo social. Leis essas que são traçadas a favor do capital.

⁵⁹ FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização** – Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p.156.

⁶⁰ ADORNO. **Dialética do Esclarecimento**, op. cit., p.28.

O envolvimento não decorre de acordo com a sua vontade, mas sim em decorrência das múltiplas necessidade criadas pelo sistema. As necessidades forjadas pelo sistema econômico de produção diretamente estão ligadas ao consumo de mercadorias em que as pessoas são impelidas pela Indústria Cultural a consumir como uma maneira de se sentirem incluídas na sociedade em que vivem. O consumismo induzido pelo sistema capitalista tem como efeito uma alienação frente a problemática ligada ao meio ambiente que é o tema que abordaremos a seguir.

2.5. A REIFICAÇÃO DO PENSAMENTO FRENTE À NATUREZA

A grande questão, como acentua Rodrigo Duarte em seu trabalho **Adornos**, é o risco de a razão se perder na dominação cega sobre a natureza e o homem e, com isso, provocar uma reificação definitiva do pensamento a favor do sistema de dominação o que seria desastroso para a sociedade.

A contraparte objetiva dessa forma de reificação do pensamento é a instalação, no seio da complexa sociedade tardo-capitalista, de uma rigidez absoluta, que reproduz nela tanto traços da repetibilidade da natureza, quanto do fatalismo de modos arcaicos. Quanto a este último, Adorno e Horkheimer exemplificam com a semelhança entre o princípio da identidade – dominante numa sociedade tecnificada como a nossa – e o procedimento do feiticeiro numa sociedade tribal, uma vez que ambos se remetem à igualdade.⁶¹

O risco iminente pode ocorrer com o desenvolvimento tecnológico que presenciamos na atualidade, mas que pode não ocorrer se essa mesma ciência construída pelo esclarecimento sofrer uma crítica quanto ao seu sentido. Cabe às sociedade avançadas como as nações industrializadas que são responsáveis pela maior parte da industrialização de produtos e que consomem, também, a maior parte dos recursos naturais do planeta, a responsabilidade maior de refletir sobre o sentido da ciência.

⁶¹ DUARTE. **Adornos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997,p.50.

A crítica de Adorno contra as ciências empíricas tem o intuito de chamar à responsabilidade social⁶² aqueles que não percebem a problemática da ciência como um conhecimento envolvido pela razão instrumental e controladora da subjetividade dos indivíduos. Além disso, envolvida com a grande indústria e um comportamento destruidor frente a natureza que revela o distanciamento entre o homem e o seu ambiente natural.

Para Adorno, a ciência positivista tem a natureza como mero objeto a ser reduplicado para fins de uso e consumo. A reduplicação desenfreada por conta de um mercado insaciável por novos produtos é o resultado de uma estrutura econômica que necessita, permanentemente, criar necessidades materiais e espirituais para se autopreservar.

Uma civilização que se forma anulando o sujeito⁶³ em prol de uma dominação sobre a natureza que não foi sem propósito, pois, tinha como finalidade a destruição do mundo mitológico para dominar a todos com a mesma forma de dominação do mito, deve, agora, refletir sobre os caminhos que levou o homem a ter o mesmo medo e a mesma angústia que representava a natureza quando o homem ainda não tinha autoconsciência e vivia dominado pelo sistema natural.

⁶² JAPIASSU, H. **Introdução ao Pensamento Epistemológico**, RJ: Francisco Alves. 1992.,p.39 “A epistemologia crítica, pois, tem por objetivo essencial interrogar-se sobre a *responsabilidade social* dos cientistas e dos técnicos. Esta interrogação torna-se hoje uma das questões cruciais de nossa cultura. E foram os próprios cientistas que, em primeiro lugar, colocaram este problema. Há algumas décadas atrás, nem mesmo os intelectuais mais extremistas, que contestavam todas as instituições existentes, ousavam criticar a ciência. Nem tampouco os niilistas mais ferrenhos, ao atacarem todos os valores reinantes, colocaram em questão a ciência. Ao contrário, estavam convencidos de que a ignorância era a fonte de todos os males, e de que somente a ciência poderia resolver todos os problemas e curar todos os males da sociedade. Todavia, tal otimismo desapareceu. Muitos cientistas, inclinam-se a pensar que a própria ciência está na origem de muitos males. Sem dúvida, o espírito da filosofia das Luzes continua bastante vivo. Há toda uma mentalidade mais ou menos difusa tendo por fundamento ideológico a fé na ciência e em seus resultados: o domínio da natureza, a riqueza material, a organização eficaz da vida social, etc. Contudo, para cada vez mais uma suspeita sobre o número crescente de conseqüências do desenvolvimento científico: a degradação das relações individuais nas sociedades industrializadas, a utilização das pesquisas científicas para fins destruidores, a possibilidade de manipulação crescente dos indivíduos, a utilização maciça dos cientistas, e de seus métodos e de seus ‘produtos’ para fins repressivos, a obsessão patológica pelo consumo, gerando um esgotamento irracional dos recursos dos recursos naturais e uma poluição praticamente irreversível do meio ambiente, etc.”

⁶³Rodrigo Duarte. **Adornos**. Op. cit., p.51..

O fim do medo e da angústia só ocorrerá com a negação do que é posto pelo sistema capitalista para nos dominar. A ciência moderna ainda é o maior instrumento de dominação custeado pelo capital. Todo grande projeto científico pertence ao capital.

A ciência está no mundo moderno, completamente envolvida em projetos políticos e militares de governos que vêem nela sua principal fonte de poder. Bilhões de dólares são investidos em projetos científicos cujos interesses de várias ordens se ramificam para manter a dominação principalmente sobre aqueles que só possuem a força de trabalho para sobreviver. A ciência dirigida pela razão instrumental é a força do capitalismo moderno.

Podemos analisar a ciência moderna, segundo o esquema filosófico de Adorno, como uma manifestação da capacidade humana de transformar a natureza em benefício da sua melhoria de vida. A ciência, no entanto, apesar de todos os avanços está presa ao sistema de dominação e, portanto, imbricada ao princípio da identidade do grande capital. Dentro desse quadro, as ciências empíricas precisam ser objeto de reflexão por parte do sujeito. As ações da ciência que prejudicam o não-idêntico devem sofrer um processo de negação para que se possa buscar um sentido rumo aqueles que estão à margem dos seus benefícios.

Em outras palavras, o sujeito experimenta – exatamente na época em que os seus meios técnicos de dominação da natureza se encontram mais desenvolvidos – sua degeneração em mera coisa, sendo que o mundo físico a ele subordinado transfere sua selvageria para o seio da cultura, âmbito em que, por definição, a autoconsciência do sujeito deveria se colocar como alternativa à inconsciência da natureza...⁶⁴

Na era da alta tecnologia, as possibilidades de se resolver os problemas cruciais da humanidade estão na ordem dos discursos de todos aqueles que sonham com uma espécie de *paz eterna* entre os homens. O problema é que esse discurso não surtirá efeito enquanto não se refletir o por quê do sujeito perder cada vez mais as chances de uma existência digna por conta de um sistema sócio-econômico que funciona de modo autônomo sobre os indivíduos anulando sua autoconsciência e retificando-o. A crítica a ser feita contra a

⁶⁴ DUARTE. **Adornos** Op.cit.p.52.

reificação do sujeito pela razão instrumental diz respeito a todo um sistema que se estruturou no tempo e que, para Adorno e Horkheimer, não é fruto de uma determinada época como a do feudalismo medieval. Seu desenvolvimento, como forma de dominação, ocorre de modo contínuo até os dias de hoje. A força da ciência positivista não reside em si, mas no seu instrumento mais poderoso: a razão instrumental. Esta é a guardiã dos grandes interesses econômicos, políticos e sociais da burguesia. Não se faz política hoje, no mundo, sem levantar questões de ordem científica.

A ciência e a política que teriam como fim o sujeito se reduzem cada vez mais a interesses escusos cuja finalidade é usá-los como defesa a favor de interesses econômicos. Na democracia burguesa, a política dissimulada sob o amparo de categorias como igualdade e liberdade trabalha o sentimento de expectativa sob a máscara de um mundo melhor que, no entanto, fica só na promessa. Ao fim, o interesse total da burguesia com suas promessas é o de dominar. O objeto inteiro, incluindo sujeito, liberdade, paz, justiça e qualquer outra mercadoria, transforma-se em numerário para a felicidade do capitalista.

O cálculo estatístico, um instrumento confiável para medir preferências, mas não só isso, pois serve para acompanhar o grau de destruição dos mares ou de florestas, assim como o aumento da miséria no mundo provocada por desigualdades sociais e de renda, é utilizado pelos políticos que, a serviço do capital, tomam posse dos seus dados como verdadeiros tesouros de manipulação e, por conseguinte, controlam qualquer tipo de reflexão das massas ao produzir falsas soluções para problemas que só podem ser resolvidos com a autoconsciência do conjunto dos indivíduos.

A face perversa do capital traz à tona o fato de que a ciência dominada pela razão instrumental está contida num jogo de dominação que abrange todas as relações sociais em que o sujeito não passa de mero número, como qualquer objeto que deve ser colocado no seu devido lugar para que tudo funcione a contento. O controle do sistema sobre o sujeito é executado pelas instituições que são a superestrutura da sociedade controlada pelo sistema capitalista de produção.

O funcionamento da sociedade obedece à lógica do que dá certo ao capitalista; o que não se inclui na probabilidade do lucro é descartado como imprestável e posto na indiferença. Isso pode ocorrer com pessoas ou a natureza; para o capital é indiferente. Como nota Adorno e Horkheimer:

A indiferença pelo indivíduo que se exprime na lógica não é senão uma conclusão tirada do processo econômico. O indivíduo tornou-se um obstáculo à produção. A defasagem histórica na evolução técnica e humana, o '*cultural lag*' sobre o qual se detiveram os sociólogos começa a desaparecer. A racionalidade econômica, esse princípio tão enaltecido do menor meio, continua incessantemente a remodelar as últimas unidades da economia: tanto a empresa quanto os homens.⁶⁵

Nessa passagem, os autores se referem à autonomização da sociedade de mercado que lega ao sujeito uma desvalorização enquanto ser individual. Na era da técnica, a decisão no plano individual torna-se obsoleta porque o sujeito passa a ser gerido pela sociedade em seus vários graus hierárquicos. Por conseguinte, existe uma administração sobre o indivíduo que o leva a fazer o que a autoconservação do sistema social pede. O sujeito, segundo Adorno e Horkheimer, é impedido de tomar decisões que o levem a refletir sobre conseqüências de ordem moral quanto ao uso da técnica junto às pessoas ou à natureza.

Com a técnica, as relações entre sujeito e mercado sofrem um processo de racionalização para a autoconservação do poder burguês, a realidade dada e acabada é a principal mercadoria da indústria que não pára de modelar os indivíduos para receber novos pensamentos. A modelação da subjetividade passa pelo agressivo instrumento de venda que se chama Indústria Cultural. Cabe aos indivíduos refletir não somente sobre o conteúdo dessas mercadorias, mas lhes dar um sentido crítico, que é o sentido do progresso, que segundo Adorno, deve abranger os interesses dos indivíduos em suas particularidades, isso quer dizer que cada parte da sociedade deve ser beneficiada, pois cada parte tem interesses diferentes do interesse universal da burguesia, portanto, a lógica social existe dentro da multiplicidade. Adaptar-se ao que é imposto como moda é relegar o próprio *eu* às instâncias

⁶⁵ADORNO e HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*, op. cit. p.189.

das aparências e fugir daquilo que é. Esse jogo só traz benefício aos donos do poder. A massificação dos valores da burguesia absorvidos pela grande massa de pessoas que não detêm os meios de produção e que é chamada de mercado consumidor tem como intuito mergulhá-las numa realidade forjada pelo capital.

A reificação, graças à qual a estrutura de poder, possibilitada unicamente pela passividade das massas, aparece às próprias massas como uma realidade indestrutível, tornou-se tão densa que toda espontaneidade e, mesmo, a simples idéia da verdadeira situação tornou-se necessariamente uma utopia extravagante, um desvio sectarista. A aparência ficou tão espessa que a possibilidade de devassá-la assumiu um caráter de alucinação. Escolher um *ticket*, ao contrario, significa adaptar-se a uma aparência petrificada como uma realidade e que se prolonga a perder de vista graças a essa adaptação.⁶⁶

O mundo administrado, que pelas instituições controla as atividades do sujeito na sociedade, repassa para ele o que é conveniente em termos de comportamento político, ou seja, o sujeito sempre deve posicionar-se a favor do sistema capitalista. Desse modo, realidade é *pré-fabricada* em rótulos que Adorno e Horkheimer chamam de *ticket*.

O *ticket* é o resultado de todo o trabalho que o sistema social reificador impõe aos indivíduos que, num processo de acomodação, recebe sem maiores questionamentos. Os questionamentos, no entanto, existem contra todos aqueles que tentam refletir sobre o sistema dominador negando o princípio da identidade que é o pensamento imposto como verdade perante o mundo social. A reação deve, prontamente, vir das massas dominadas que se apressam em defender o capital contra os sujeitos que visam uma mudança da realidade contra as amarras ideológicas. Os que se opõem são, prontamente, rotulados de sectários e inimigos do povo. A força do sistema de dominação demonstra toda sua capacidade ao se apossar da consciência coletiva. Ao dirigir os destinos das pessoas, o capital se autopreserva dirigindo o que elas devem comer, beber e pensar na próxima mercadoria.

⁶⁶ Ibidem., p.191.

A autopreservação do sistema, a qualquer custo, leva o sujeito a não chegar a uma conclusão por um processo dialético interno, em que ele pondere os inúmeros elementos da realidade que pode ser ou não viável à sua existência. Hoje, o sujeito recebe esses elementos já prontos em forma de *ticket* que diz como ele deve ser para ser um indivíduo *bem visto* pela sociedade. Não seguir os caminhos indicados pelos rótulos é ser fora de moda. Se não consome os últimos produtos da indústria pode ser visto como um romântico primitivo. Se questionar a tecnificação irracional do trabalho, porque não há discussão com os interessados, a classe trabalhadora, é tachado de ignorante. Se questionar os resultados da razão instrumental aplicada à ciência empírica que devassa a natureza em nome do progresso, é visto como alguém suspeito por questionar o sistema inteiro.

A realidade posta como dada e acabada insiste no caminho da mão única, por conseguinte, o sujeito é obrigado a vê-la como o único caminho a ser seguido e que toda e qualquer alternativa é sempre vista como suspeita. Os valores maniqueístas sempre se revelam nas respostas utilitaristas das massas para aqueles que tentam demonstrar o grau de dominação que é exercido sobre elas. O *ticket* é um elemento feito para que as pessoas rejeitem o questionamento contra o capital. O capital é posto como o bem que tem utilidade para todos os membros da sociedade e que, portanto, não merece o menor questionamento. Como dizem Adorno e Horkheimer:

Hoje, os indivíduos recebem do poder seus *tickets* já prontos, assim como os consumidores que vão buscar seu automóvel nas concessionárias da fábrica. O senso de realidade, a adaptação ao poder, não é mais resultado de um processo dialético entre o sujeito e a realidade, mas é imediatamente produzido pela engrenagem da indústria.⁶⁷

A realidade produzida demonstra o quanto a sociedade administrada leva o sujeito à impotência para conduzir seu próprio destino e, também, o quanto o deixa potente para protegê-la em sua intenção de se autopreservar. Esse processo, para Adorno e Horkheimer, é a liquidação do sujeito como indivíduo que assume a defesa do dominador e

⁶⁷ Ibidem., p.191.

que, portanto, assume a contraditória posição de defensor da sua própria condição de dominado.

A situação imposta ao sujeito é dada em forma de *ticket*. Tudo é preparado para que o indivíduo se sinta privilegiado. O *ticket* é um substituto da razão expropriada do sujeito pelo sistema esclarecido. No *ticket* não existe somente a fórmula de como o sujeito deve ser como modelo de cidadão respeitável, mas estímulos a crueldades inauditas contra minorias humanas que não se adequam ao padrão convencional entre as quais se situam: as minorias étnicas, sexuais, religiosas, ideológicas e outras que formam o tecido social. As demonstrações de barbáries orquestradas pela razão instrumental desmascaram o chamado sistema ético pelo qual o burguês sustenta com tanto fervor enquanto este está beneficiando-lhe. A partir do instante em que está perdendo com ele desmantela-o em nome da moral. A moral burguesa só existe enquanto lhe rende lucros.

O sistema capitalista utiliza o recurso da mimesis, ele se disfarça com os próprios conceitos daqueles que ele domina. Utiliza os valores morais da grande massa como máscara e com isso leva o sujeito a defendê-lo como se o interesse do capital fosse, também, do indivíduo. A mimesis é um recurso ancestral ligado à era mítica quando o feiticeiro se fantasiava com a máscara ou a pele do animal que simbolizava o deus opressor. No caso ligado à era moderna, as pessoas “vestem” os valores do burguês e vai lutar contra o inimigo que ameaça o seu poder. A mimese dirigida pela razão instrumental se repete como se repetia às cerimônias míticas. O sistema reificador para se autoconservar precisa cultivar o mito da ameaça externa. É do estranho que vem o perigo. O sujeito que, aprendeu a odiar o estranho, logo se coloca para defender o dominador, que o protege contra a natureza do outro.

O esclarecimento moderno faz proveito de todo esse aparato de defesa do sujeito para proteger a sociedade dominadora. Como explicam Adorno e Horkheimer; “Quem é escolhido como inimigo é percebido como inimigo. O distúrbio está na incapacidade de o sujeito discernir no material projetado entre o que provém dele e o que é alheio”.⁶⁸

⁶⁸ Ibidem., p.175.

A incapacidade de discernimento é a capitulação do sujeito em combater a razão instrumental. Ao não perceber como alheio aquilo que o oprime, ele entra num jogo que quando a vitória existe não lhe pertence, mas sim ao burguês e quanto à derrota essa será sempre sua. A compreensão dessa passagem está por conta da alienação da classe trabalhadora frente ao que produz e que, como recebe um salário pela venda da sua força de trabalho, não reconhece que uma parte do que produz é dele porque não foi paga. Isso se configura na mais valia.

A alienação frente à riqueza produzida é um fator decisivo para que o capitalismo se conserve mesmo depois das crises. A alienação deve ser combatida pelo sujeito reflexivo. O indivíduo alienado trabalha a favor da crise da razão em que vive o homem desde o momento que se afastou da natureza, tratando-a como simples objeto de consumo, ou como material de pesquisa em laboratório. Muitas vezes, pesquisas suspeitas, como a da manipulação de genes, são alardeadas pela mídia sem puxar a mínima reflexão sobre os resultados. Os efeitos de um discurso assentado em motivos morais pouco importam ao capital, quando está em jogo o seu interesse econômico.

A relação entre o sujeito e o mito é, portanto, para Adorno, a explicação para os momentos de barbáries vividos pela modernidade. O mito antigo não existe mais, o que restou foi a sua forma de dominação cujo conteúdo é a alta tecnologia desenvolvida pelo homem ao longo do tempo. A dominação cristalizou-se, segundo Adorno, modernamente, no sistema capitalista de produção que atua agindo sobre a realidade usando os conceitos de acordo com seus interesses econômicos. O domínio do capital sobre o homem e a natureza subsiste, atualmente, como em nenhuma outra época. A prova incontestável desse domínio é o poder da Indústria Cultural que é um reflexo do grande capital industrial.

É pela Indústria Cultural que o capitalismo aplica a identidade na unidade do conceito, ou seja, induz os indivíduos a terem como verdade a mercadoria que pode ser de ordem material ou espiritual, manipulando os desejos das pessoas para que elas se tornem dependentes da necessidade que tem o capital de vender seus produtos a qualquer custo. A Indústria Cultural é o assunto que iremos abordar no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

ESCLARECIMENTO E INDÚSTRIA CULTURAL

O propósito do presente capítulo é abordar o poder da Indústria Cultural como uma manifestação do capitalismo em que a **crise da razão** mais se acentua. Nesta indústria, consolida-se, segundo Adorno, a dominação do sistema capitalista sobre a subjetividade dos indivíduos que acontece pela aplicação incisiva do princípio da identidade, ou seja, dos conceitos que interessam ao capital, sobre o objeto, ou a realidade social, como abordamos no primeiro capítulo. É pela Indústria Cultural que se manifesta, também, toda capacidade de dominação do capital herdada da forma mítica de dominação que, segundo Adorno, manifesta-se através da razão instrumental, como abordamos no segundo capítulo.

A Indústria Cultural é a expressão do esclarecimento moderno que se consolida pelo desenvolvimento da técnica. O aparato técnico desenvolvido pelos meios de comunicação com a finalidade de levar aos indivíduos às últimas novidades do mercado expressa o poder do capital industrial.

O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma.⁶⁹

A crítica de Adorno e Horkheimer, nessa passagem, é dirigida àqueles que querem omitir o fato de o poder da Indústria Cultural ser o poder do capital e não uma simples manifestação do desenvolvimento da tecnologia da modernidade. A racionalidade que domina a sociedade administrada de acordo com os interesses econômicos da grande burguesia é a mesma que dá o destino à técnica para paz ou para guerra.

⁶⁹ ADORNO e HORKHEIMER. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.114.

Nesse caso, a dominação se dá pelo controle da subjetividade dos indivíduos através da razão instrumental que está a serviço da Indústria Cultural que, por seu turno, serve ao capital industrial do qual depende. A racionalidade técnica que é usada para produzir em larga escala mercadorias em séries financia uma máquina de “fabricar” objetos de desejos que é a Indústria Cultural.

3.1. A FÁBRICA DE OBJETOS DE DESEJOS

Exposto à Indústria Cultural o sujeito vê-se impelido a consumir o produto da última moda para não se sentir excluído do grupo social a que pertence. A Indústria Cultural, portanto, é o meio pelo qual se vende o necessário e o não-necessário, mas ambos são vendidos como necessidades. O necessário são os bens materiais e espirituais que surgem como produto do aperfeiçoamento técnico e que, portanto, servem como elementos de conforto para o ser humano, como remédios e máquinas que facilitam a vida daqueles que sobrevivem pelo esforço físico ou intelectual. O não-necessário é o que é vendido por força de uma propaganda massificante em que o produto é colocado como algo necessário para que o indivíduo se situe no grupo social a que pertence.

O fato é que, para Indústria Cultural, o novo deve envelhecer rapidamente, pois a novidade não pode esperar. A pressa em criar sempre o novo, mesmo que seja um embuste, ou melhor, um acessório qualquer agregado ao velho, é uma maneira de reprimir a capacidade reflexiva do sujeito sobre o que ele realmente necessita. Mantê-lo longe da reflexão é fazer com que permaneça ligado à próxima mercadoria que virá como fetiche, como revelação do seu poder perante os que consomem ou diante dos que nada possuem.

Fazer com que o indivíduo deseje consumir para **ser** revela o aspecto agressivo da Indústria Cultural. É o mesmo que pôr o sujeito no mesmo patamar das mercadorias. O capitalismo compra a força de trabalho do sujeito para que este fabrique uma mercadoria e por outro lado existe uma outra indústria que fabrica uma necessidade nesse próprio trabalhador para que ele consuma o que fabricou.

Os consumidores são os trabalhadores e os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses. A produção capitalista os mantém tão presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido. Assim como os dominados sempre levaram mais a sério do que os dominadores a moral que deles recebiam, hoje em dia as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem-sucedidos. Elas têm os desejos deles.⁷⁰

A razão do dominador, segundo Adorno e Horkheimer, apossa-se do dominado assumindo a forma de desejos. O dominador calcula as **necessidades** que devem ser produzidas na natureza interna do sujeito, isto é, na subjetividade, de acordo com o número de produtos a serem fabricados em série e esteticamente uniformes. Se a mercadoria é uniforme, os desejos também devem ser. A máquina de propaganda da Indústria Cultural deve trabalhar para que o público-alvo compre a mesma mercadoria porque, assim, todos uniformemente serão felizes ou bem-sucedidos.

A realidade para a Indústria Cultural é algo a ser dirigido como um longa metragem. O carro popular aparece na propaganda como objeto de desejo do rico para que assim a classe média sonhe em ser o que não é e compre com sacrifício. É o falso desejo que está à frente da utilidade do objeto. O útil para a Indústria Cultural é manter a chama viva e verdadeira do falso desejo, pois assim o capitalismo industrial se mantém forte e capaz de produzir muito, sem medo de perder para quem pensa que está ganhando: o consumidor.

Segundo Adorno e Horkheimer, a Indústria Cultural exerce poder tal sobre as pessoas que até o lazer passa a ser orientado por ela. Para os autores, até mesmo o esquema da razão kantiana que pertence ao sujeito, na Indústria Cultural, passa a pertencer aos dirigentes do capital. Os capitalistas assumem o que o sujeito quer e vê, como se a razão que pertence ao sujeito fosse dirigida pelos donos do poder.

A Indústria Cultural é um filtro que faz o mundo inteiro passar por ela. A sua intenção é tornar toda a cultura da tradição em semicultura. Não existe a intenção de

⁷⁰Ibidem.,p.125.

levar cultura ao público e sim entretenimento. Daí ocorrer a semicultura advinda da universalização de bens culturais manipulados pela Indústria Cultural que se utiliza pura e simplesmente dos bens culturais por saber que eles são objetos de desejos de milhões de pessoas que sempre estiveram às margens de elementos culturais ligados à elite social. Não levando aos indivíduos a cultura, mas sim seus fragmentos, a Indústria Cultural como parte do sistema de dominação, dá a entender a quem a consome que está desfrutando o bem na sua totalidade. O procedimento está ligado ao fato de haver na veiculação do produto cultural a mesma estratégia de venda da indústria tradicional.

A Indústria Cultural é a mensageira das grandes novidades que, para Adorno e Horkheimer, são consumidas até mesmo por aqueles menos atentos.

A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os mais distraídos vão consumi-los alertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho.⁷¹

Para Adorno e Horkheimer, a sociedade dirigida pelo capital exerce sobre os indivíduos um domínio através da sociedade. A Indústria Cultural, como braço do grande capital coloca o sujeito sob a atmosfera da mercadoria em tempo integral, até mesmo durante o descanso que é, segundo os dois filósofos, um prolongamento do trabalho.

Durante o trabalho, as pessoas estão fabricando as mercadorias, no lazer elas estão submetidas à Indústria Cultural, que não as deixa se desligarem do trabalho, pois tudo aquilo a que assistem lembra o trabalho, ou seja, lembra que têm que comprar alguma coisa, pois são incitadas a desejar algo que a propaganda propõe como necessidade. É durante o lazer que as pessoas ficam mais expostas aos efeitos da Indústria Cultural e, portanto, mais ligadas ao que é oferecido. Ficam, também, sentindo-se obrigadas a trabalharem mais para comprarem mais. É o pedido de sacrifício feito pelo capital.

⁷¹Ibidem.,p.119.

Adorno e Horkheimer também lembram na citação anterior que, mesmo os indivíduos mais conscientes, não escapam da fúria consumista imposta pela Indústria Cultural. Ela é a capacidade aprimorada do esclarecimento, no sistema capitalista, de fazer com que os indivíduos desejem ter a mercadoria sem sentir a necessidade de refletir sobre sua real utilidade.

O sentido para quem consome está bem mais ligado ao *status quo*. A sua posição social é medida pelo poder de ter e não pela questão funcional do objeto. Na modernidade, a Indústria Cultural é, com o uso da alta tecnologia nas comunicações, o agente desvelador da dominação sob o comando do capitalismo. Expõe, portanto, toda força do sistema capitalista para transformar o sacrifício do trabalhador em lucro..

Com o poderio dos meios de comunicação de massa, a Indústria Cultural envolve o consumidor numa atmosfera de desejos com a finalidade de protagonizar uma falsa igualdade entre o indivíduo, cujo amalgama é a propaganda de que o capitalismo é o sistema das oportunidades e que, conseqüentemente, com trabalho e determinação o sujeito poderá possuir o carro mais caro, e, por que não, um quadro de Picasso pendurado na parede para demonstrar que o sujeito não possui somente dinheiro, mas cultura.

No livro **Para Ler Adorno**, Marc Jimenez demonstra o entrosamento entre a Indústria Cultural e as regras do capitalismo no que concerne à industrialização de bens culturais:

Os *mass media* fabricam industrialmente elementos culturais, segundo as normas do rendimento, da estandarização e da divisão de trabalho, idênticas às do capitalismo. A indústria cultural reflete assim as mesmas relações e antagonismos que o mundo industrial das sociedades modernas, com a diferença que, cúmplice da ideologia dominante, ela tem como papel homogeneizar e tornar inofensivos os possíveis conflitos, em particular os que poderiam provir dos focos culturais. Assiste-se assim a uma progressiva inserção da arte na esfera da indústria capitalista. Rebaixando as obras ao nível de mercadorias que obedecem à lei da oferta e da procura, fazendo a arte entrar no ciclo da produção – consumo, esta

não apenas se ‘banaliza’ e se ‘dessacraliza’, como suprime de si qualquer veleidade de contestação do domínio artístico e da cultural tradicional.⁷³

A Indústria Cultural como meio de propagação dos produtos industriais, em série, leva até ao consumidor à uniformização. O sujeito não é mais impedido de ficar longe dos bens que antes eram legados aos indivíduos mais bem situados na pirâmide social. Os bens podem ser consumidos sem esforço algum, basta ligar o aparelho de tv ou a Internet. Essa democracia, no entanto, tem suas limitações na própria maneira como é levada ao público, porquanto o intuito não é o de levar a cultura e sim vendê-la como algo que ela não é: uma mercadoria qualquer.

A vulgarização da cultura como bem de consumo, ou seja, a sua mercantilização, é um modo de tratar a natureza interna do sujeito, desprezando os elementos que a constituem como condensação de um processo histórico. Na cultura, estão desejos, esperanças, sentido de liberdade, capacidade para amar e odiar, enfim tudo aquilo que se manifesta como cosmovisão do sujeito forjado pelas relações sociais. A Indústria Cultural manipula esses elementos com conteúdos ligados ao mercado de consumo de mercadorias.

A relação de poder tem por base uma racionalidade dominadora da sociedade que se manifesta no projeto do esclarecimento que tem a sua abrangência no domínio sobre o sujeito e o objeto. A Indústria Cultural, na era da técnica, delineia esse poderio quando demonstra que o capital não é somente capaz de manipular a natureza, mas também de manipular a cultura com a finalidade de controlá-la para se autopreservar. Adorno e Horkheimer, a respeito do poder da Indústria Cultural, dizem:

A função que o esquematismo kantiano ainda atribuía ao sujeito, a saber, referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela indústria. O esquematismo é o primeiro serviço prestado por ela ao cliente.⁷⁴

⁷³JIMENEZ. **Para Ler Adorno**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Ltda., 1977,p.85.

⁷⁴ADORNO e HORKHEIMER. **Dialética do Esclarecimento**, op.cit. p.114.

Para Adorno e Horkheimer, o papel da Indústria Cultural é o de mantenedor do sistema de dominação, utilizando-se para isso do processo de alienação social criado como defesa pelo próprio sistema. Padronizar os indivíduos para que estes consumam produtos fabricados em série não é um construto da Indústria Cultural pura e simplesmente. Ela já encontrou uma racionalidade predisposta a aceitar sem questionar a propaganda. O controle sobre a individualidade do sujeito já existia bem antes da era da técnica avançada dos meios de comunicação dos tempos modernos.

Os autores analisam o estilo da técnica da Indústria Cultural em seu manejo junto ao público para que o produto seja, uniformemente, aceito pela camada social visada para consumi-lo. A preocupação com o todo é a tônica, portanto, cada detalhe é cuidado de modo calculado para que a reprodutibilidade saia com perfeição. A perfeição, no entanto, é aliada da simplificação maximizada em termos de conteúdo. O telespectador, no momento em que assiste ao filme, sabe de antemão o seu final, mas nem por isso deixa de executar todas as suas funções cognoscitivas necessárias para a compreensão da história. A Indústria Cultural, apesar da frugalidade oferecida em termos de conteúdo, apesar do grande aparato técnico, não esquece do fato de que o sujeito, ao se deleitar frente ao seu produto, deve pensar aquilo que ela (a Indústria Cultural) quer que ele pense. O pensamento do sujeito é o que garante a sua dominação. A partir do pensamento cultivado pela Indústria Cultural, ela oferece e vende os seus produtos culturais fabricados em massa e os produtos das grandes indústrias, que são as suas patrocinadoras.

O empenho da Indústria Cultural é uniformizar os indivíduos junto aos padrões de fabricação das mercadorias da grande indústria. A tarefa requer um controle da subjetividade do sujeito, que passa pelo forjamento de **modas** que levam milhões de pessoas a consumir produtos industriais que têm suas marcas divulgadas de modo massificante pelos meios de comunicação. A massificação dos produtos industriais está vinculada à massificação de elementos da cultura tradicional como arte, literatura e música.

A Indústria Cultural, utilizando a metodologia da grande indústria, trata de maneira indiferenciada todo e qualquer elemento cultural, desde que lhe renda lucros. O

procedimento requer o desvio da verdadeira finalidade da arte, por exemplo, que é a de guardiã de uma razão perdida no sistema esclarecido.⁷⁵ O desvio passa por uma remodelação da arte com o intuito de fazer com que ela se torne um produto de consumo popular. A “democratização” da arte pela Indústria Cultural é um meio de fazer com que todos tenham acesso àquilo que antes era um privilégio de alguns.

A Indústria Cultural, no entanto, lega um acesso quantitativo e, por conseqüência, milhões de pessoas têm acesso à pintura de Renoir ou à música de Mozart, e isso não quer dizer que esses indivíduos estejam sendo inseridos ou que estejam sendo educados para apreenderem o sentido da arte. Não existe a intenção de levar cultura ao público e sim entretenimento.

Para Adorno e Horkheimer, a semicultura advém com a universalização de bens culturais manipulados pela Indústria Cultural que se utiliza pura e simplesmente dos bens culturais, por saber que eles são objetos de desejos de milhões de pessoas que sempre estiveram às margens de elementos culturais ligados à elite social.

Não levando até os indivíduos à cultura, mas sim seus fragmentos, a Indústria Cultural, como parte do sistema de dominação dá a entender que, quem a consome está absorvendo o bem cultural na sua totalidade. O procedimento está ligado ao fato de haver na veiculação do produto cultural a mesma estratégia de venda da indústria tradicional, ou seja, a Indústria Cultural reproduz o bem da cultura tradicional usando os mesmos mecanismos de venda da indústria tradicional.

⁷⁵JIMENEZ, Marc. **Estética** – trad. Fulvia M. L. Moretto. RS: Editora Unisinos, 1999, p.354. “Todavia, para Horkheimer e Adorno, é preciso remontar mais longe na gênese do *logos* se quisermos apreender o lugar central que ele ocupa no ocidente. A exploração arqueológica da razão tentada por eles aproxima-se assim do que o filósofo Jacques Derrida chama a ‘desconstrução do logocentrismo ocidental. Não se trata mais de deplorar a decadência da civilização desde a antiguidade grega, mas sim de esclarecer um dos mais estranhos enigmas de nossa história. Sobretudo a seguinte: como pode a Razão, princípio superior em nome do qual a filosofia das Luzes elaborou os maiores ideais da humanidade, direito do homem, liberdade, justiça e igualdade, inverter-se num fabuloso instrumento de dominação capaz de subjugar tanto a natureza quanto o próprio homem? Como explicar a defasagem entre valores proclamados em alto e bom som pelo liberalismo democrático, herdeiro da Revolução, e fria realidade pouco a pouco pervertida em racionalidade tecnológica?”

Segundo Adorno e Horkheimer, o que a Indústria Cultural faz para prender os consumidores aos seus produtos é dar-lhes a sensação de que sempre está produzindo algo novo. Mesmo que isso não passe de ilusão, os ouvintes e telespectadores guardam com ansiedade a próxima novidade. A Indústria Cultural está atenta para o público não despertar para o fato de que o que estão consumindo é algo que não tem nada de novo, mas sim um momento reproduzido do cotidiano que pode já ter sido ultrapassado. Como dizem os dois filósofos da Escola de Frankfurt,

A compulsão permanente a produzir novos efeitos (que, no entanto, permanecem ligados ao velho esquema) serve apenas para aumentar, como uma regra suplementar, o poder da tradição ao qual pretende escapar cada efeito particular.⁷⁶

Nessa passagem, os autores analisam a falsa impressão que a Indústria Cultural repassa em suas produções, especialmente na indústria cinematográfica, em que ela, na sua reprodutibilidade do que já existe em termos de obras de arte, tenta repassar o antigo como se novo fosse. Na tentativa de levar ao público o antigo como novo, através de efeitos produzidos pela técnica do cinema, a Indústria Cultural demonstra a sua capacidade⁷⁷ de reproduzir o que já existe, com muito mais ênfase, calculando cada passo do que existe de mais aterrorizante ou interessante na consciência histórica do sujeito. A Indústria Cultural, portanto, modifica alguns elementos de um bem cultural da tradição, quando faz sua versão para o cinema ou televisão, mas não pode escapar do que existe de essencial nela, que é a expressão histórica do bem cultural, mesmo que o público não tenha acesso integralmente.

⁷⁶ ADORNO e HORKHEIMER. **Dialética do Esclarecimento**, op. cit. p.120.

⁷⁷. Zuin, A.A.S. Pucci, B., Ramos-de-Oliveira, N – **Adorno – O Poder Educativo do Pensamento Crítico**. RJ: Vozes, 2000:54-55. “Diante disso, tornam-se compreensíveis, mas não aceitáveis, argumentos que identificam como um progresso o fato de que atualmente milhões de pessoas têm contato com a produção cultural. Nas sociedades pré-capitalistas, poucos podiam despender os recursos materiais e espirituais exigidos para a contemplação das manifestações artísticas, tais como concertos ou peças de teatro. Mas, será que essa massificação da produção tem exclusivamente um caráter progressivo? Será que as situações objetivas atuais proporcionam condições para que as promessas de concretização da felicidade, immanentemente contidas na cultura, possam se tornar realidade?”

O comportamento da Indústria Cultural cumpre o seu papel de agente da sociedade administrada. O capital no jogo de dominação do sujeito e da natureza tem a última como a maior vítima da propagação dos interesses da classe dominante. O sujeito fica refém de uma máquina de entretenimento que, com o uso de tecnologias avançadas se torna um instrumento ideológico capaz não somente de vender produtos materiais, mas de forjar imagens talentosas de artistas medíocres, como também de políticos desconhecidos que do dia para noite se transformam em salvadores da pátria e ganham eleições graças à manipulação da imagem junto aos eleitores, que seguem muitas vezes sem alternativas os elementos fornecidos pelos meios de informação. Isso não quer dizer em absoluto que os indivíduos não saibam o que está acontecendo, conforme alerta Francisco Rüdiger, em seu livro **Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade**:

Conforme Adorno chama a atenção, contrariamente ao suposto por seus críticos, a aparelhagem cultural moderna lida com uma ‘audiência desiludida, alerta e difícil de convencer’. A civilização moderna não fez os homens senhores de sua vida. No entanto os livrou da alienação. A subjetividade da razão tornou-os mais conscientes de sua situação, e os avanços nos meios de informação ampliaram seus conhecimentos.⁷⁸

O entendimento de Rüdiger tem pertinência, quando Adorno e Horkheimer, ao analisarem a racionalidade da técnica como expressão da dominação, também expressam que esta “... é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma”.⁷⁹ Ora, uma sociedade alienada de si mesma e indivíduos não alienados são conscientes de sua própria situação, o que nos leva a pensar que existe um paradoxo, mas não é o que se sucede, pois existe sobre o sujeito o peso da coletividade. O controle da subjetividade não se dá membro a membro, mas sim junto ao conjunto da sociedade através do modo de produção e das relações de produção. Na modernidade, o modo de produção está voltado para a mercadoria produzida pelo conhecimento tecnológico, a consciência do indivíduo sofre um processo de *fetichização* em que nela o consumo é o principal valor a ser adquirido

⁷⁸RÜDGER. **Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.,p.153.

⁷⁹ *Ibidem.*,p.114.

independentemente de sua efetiva utilidade. Disso deriva um sujeito que apesar de consciente do seu vazio, não deixa de preenchê-lo com os objetos que ele mesmo fabrica, e, que, no entanto, lhe é estranho.⁸⁰

A desconfiança do sujeito frente ao que lhe é ofertado pela Indústria Cultural não é suficiente para que ele recuse nem mesmo aquilo que o produto é, as vezes, algo de utilidade prática duvidosa. O sistema é feito também para que se crie na subjetividade do sujeito um grau de desconfiança necessária, já que o capitalismo prima pelo regime de concorrência entre os fabricantes de produtos veiculados pela Indústria Cultural. As marcas são postas no mercado como as melhores da praça. Como escolher uma delas sem estar bem alerta contra a outra? No mundo da alta tecnologia, como o atual, é impossível vender sem repassar conhecimentos sobre o que é oferecido.

O consumidor é medido pela Indústria Cultural como se fosse um objeto qualquer. As suas preferências estão diretamente relacionadas ao grau de escolaridade, profissão, região onde mora e outros dados importantes para traçar o perfil do consumidor da produção cultural ou material. O consumo é sugerido no enlace da diversão. Ninguém fica na frente da televisão para assistir ao comercial de qualquer mercadoria simplesmente, mas sim se divertir com novelas ou filmes. A diversão, segundo Adorno e Horkheimer, medeia o que é repassado como produto a ser consumido. É preciso prender a atenção do público com a cultura⁸¹ reproduzida para apresentar a novidade do ano seguinte, quando o atual sequer está perto do fim. É o caso da indústria automobilística que lança o carro do ano seguinte três meses antes do encerramento do ano atual.

⁸⁰ MARX, Karl – **Manuscritos Econômico-Filosóficos** – tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, n/d, p.159-160. “Todas estas conseqüências derivam do facto de que o trabalhador se relaciona ao *produto do seu trabalho* como a um objeto *estranho*. Com base neste pressuposto, é claro que quanto mais o trabalhador se esgota a si mesmo, tanto mais poderoso se torna o mundo dos objectos, que ele cria perante si, tanto mais pobre ele fica na sua vida interior, tanto menos pertence a si próprio. O mesmo se passa na religião. Quanto mais o homem atribui a Deus, tanto menos guarda para si mesmo. O trabalhador põe a sua vida no objecto; porém, agora ela já não lhe pertence a ele, mas ao objecto. Quanto maior a sua actividade, tanto mais o trabalhador se encontra sem o objecto. O que se incorporou no objecto do seu trabalho já não é seu. Assim quanto maior é o produto, tanto mais ele fica diminuído”.

⁸¹MIRANDA, Dilmar Santos de. **Educação em Debate** – UFC. Fortaleza, 1998. Cf. p.24.

A pressão para consumir é feita de preferência nos momentos de lazer. É no conforto do sofá da casa ou da poltrona do cinema que o sujeito mais recebe os apelos da propaganda. A propaganda atinge o grupo, a família, por exemplo, que tende a pressionar o componente familiar que está inserido no mercado de trabalho a comprar.

A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se por de novo em condições de enfrentá-lo. Mas ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão, que essa pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho.⁸²

A análise imanente que Adorno e Horkheimer fazem do sujeito é a daquele que absorve a realidade mecanicista da sociedade pela sua consciência e a transporta em todos os momentos da sua vida em que nem o momento de lazer escapa. É o reflexo do próprio sistema de dominação capitalista. A dominação do capital é determinada pela razão instrumental que determina o modo de ser dos indivíduos na sociedade. Nada pode escapar ao domínio do capital, pois, tudo que o sujeito fizer no seu dia-a-dia deve ter uma ligação com a propaganda de consumo de mercadorias.

Para Adorno, deixar o sujeito permanentemente ligado à produção e ao consumo é a função da Indústria Cultural. Ela sabe manipular a ligação que os indivíduos mantêm com os objetos que diferenciaram o homem de qualquer outro ser da natureza pela sua capacidade de transformá-la. Como demonstra Marx:

É evidente que o homem por meio de sua atividade modifica as formas das matérias naturais de um modo que lhe é útil. A forma da madeira, por exemplo, é modificada quando dela se faz uma mesa. Não obstante a mesa continua sendo madeira, uma coisa física. Mas logo que ela aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa fisicamente metafísica.

⁸²ADORNO e HORKHEIMER. **Dialética do Esclarecimento**, op. cit.,p.128.

Além de se pôr com os pés no chão, ela se põe sobre a cabeça perante todas as outras mercadorias e desenvolve de sua cabeça de madeira cismas muito mais estranhas do que se ela começasse a dançar por sua própria iniciativa.⁸³

A Indústria Cultural é o instrumento do capitalismo moderno que sabe tirar proveito dessa ligação misteriosa que as pessoas têm com a mercadoria como está posta na citação de Marx. Com a alta tecnologia desenvolvida no campo da informação a Indústria Cultural pode dar *anima* (alma) à mercadoria, ao ponto de transformá-la em objeto de desejo para atingir a pretensão de felicidade daqueles que tendo a sua consciência dominada pela propaganda, pensam que possuir o objeto da moda é o suficiente para se sentirem bem.

Os indivíduos comuns pensam na mercadoria como um remédio para aplacar a angústia permanente colocada pela incessante necessidade de consumir, angústia essa que só cessa quando a mercadoria é comprada. O capital, por seu turno, conta o dinheiro da presente venda e calcula o que pode ganhar com a próxima mercadoria e arma o estratagema para fabricar o próximo desejo que virá prometendo a mesma felicidade.

Só um processo reflexivo sobre o objeto poderia pôr fim ao forjamento de necessidades para consumir os produtos da indústria de forma manipulada. A reflexão do sujeito sobre o objeto deve atingir o âmago do sistema: as forças de produção.

Adorno se apoia na lei fundamental de Marx, a que permanecem fiéis a maior parte dos representantes da ‘Escola de Frankfurt’: a lei da correspondência dialética – e não metafísica – entre as relações de produção e o estado das forças produtivas, sendo estas últimas o potencial ativo, essencialmente dinâmico, suscetível de acarretar mudanças decisivas nas relações e modos de produção, sobretudo quando estes freiam, pela instauração de uma ‘estrutura’ opressiva, o desencadeamento real ‘*die Entfesselung*’ das forças produtivas.⁸⁴

⁸³ MARX. **O Capital**, VL.1. São Paulo: Nova Cultural, 1983., p.70.

⁸⁴JIMENEZ. **Para Ler Adorno**, op. cit.p.93.

A Indústria Cultural, é a expressão do poderio do capital. É por ela que se externa o poder do sistema. Esse poder é a aplicação do conhecimento adquirido pelo homem ao longo de sua história. Ao transferir conhecimentos, mesmo que ligados a uma semicultura, aguça o processo dialético que existe entre as forças de produção e as relações de produção. As primeiras como motor de todo o sistema econômico, pois sem elas não há possibilidade de se constituir os meios de produção, nem divisão de trabalho ou avanço tecnológico, enfim é sobre as forças produtivas que o sujeito pode refletir como ser consciente do seu papel junto à sociedade.⁸⁵

A Indústria Cultural é um instrumento do sistema capitalista para aplacar a emersão de qualquer conflito que surja a partir das relações de produção. Sua função é manter o *status quo* do modo de produção capitalista. Portanto, sua abrangência deve ser total. O sujeito sempre deve estar insatisfeito, pois assim ela o suprirá com satisfações. Sua função é fazer promessas que jamais serão cumpridas. A promessa está representada pelo novo que, ao surgir, já está velho, pois já existe a promessa de algo novo para seu lugar.

A técnica de convencer o consumidor mais atento de que o entretenimento é o linimento para aqueles que estão doentes ou desempregados foi copiada pelos políticos burgueses e os da esquerda decadente nos comícios de suas campanhas eleitorais. A estreita relação entre a política e a Indústria Cultural demonstra o seu comprometimento aberto com os donos do poder. Utilizando-se de programas eleitorais ao estilo de documentários bem elaborados ou produção de cinema, em que o político aparece como o mocinho bem comportado, homem ou mulher de família nos moldes mais tradicionais, a imagem de bom moço de um político canalha é elaborada cuidadosamente.

⁸⁵ MARX, Karl – **Contribuição para a Crítica da Economia Política** – tradução: Artur Morão, Lisboa. Edições 70 s/d, p.28-29. “A conclusão geral a que cheguei e que, uma vez adquirida, serviu de fio condutor dos meus estudos, pode formular-se resumidamente assim: na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência”.

Obedecer a critérios técnicos, como um sorriso constante para transparecer felicidade, calculando os movimentos por meio de consultas regulares às pesquisas de opinião para saber se o estratagema está surtindo efeito, leva as cabeças pensantes da Indústria Cultural a não descansarem enquanto não dominarem a consciência do eleitor.

Para Adorno e Horkheimer, o sucesso da Indústria Cultural está na sua competência em medir, criteriosamente, todos os seus passos. Segundo eles, a repetição cínica de uma realidade idealizada é absorvida pelos indivíduos como um sentido de vida. O sentido tramado pela produção cultural nos revela o quanto a realidade, como objeto, sofre um reducionismo em sua multiplicidade ao levar à consciência do sujeito uma uniformização que não existe e que tem como intento a pura dominação da consciência dos indivíduos.

É ilustrativa a análise que Adorno e Horkheimer fazem a respeito da sociedade moderna. A Indústria Cultural não se descuida de levar até as pessoas imagens que podem tirá-las da angustiante rotina da vida moderna. Levar até aos consumidores imagens bucólicas do campo serve como suposta antítese da vida rotineira que os indivíduos experimentam em seu cotidiano por praticarem um trabalho repetitivo e mal remunerado. A imagem campesina é um artifício da própria Indústria Cultural para que os indivíduos se sintam aliviados contra a pressão para consumir o que é posta por ela própria.

É justamente porque o mecanismo de dominação social a vê como a antítese salutar da sociedade que a natureza se vê integrada à sociedade incurável e, assim, malbaratada. As imagens reiterando que as árvores são verdes, que o céu é azul e as nuvens derivam ao vento tornam-se já criptogramas para chaminés de fábricas e postos de gasolina.⁸⁶

A defesa da natureza que se faz nos dias atuais já foi capturada pela Indústria Cultural como um bom negócio. Pacotes turísticos são vendidos a milionários que se destacam até a selva amazônica a fim de praticarem o turismo ecológico. Chegando lá, se divertem em bondosas pescarias em que o peixe capturado é libertado logo em seguida como demonstra-

⁸⁶ADORNO e HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*, op.cit.p.139.

ção de um perfeito preservacionismo. Enquanto isso, os nativos são proibidos de efetuar a pesca de subsistência para não atrapalharem o sossego de quem veio até o mato para gastar e se sentir “integrado” à natureza.

A consciência da classe dominante trata bem melhor o peixe do que o sujeito dominado, mas, ao ferrar o peixe e logo em seguida soltá-lo, também não deixa de dar um recado à natureza de que ela somente será preservada se contar com a sua bondade. O sistema capitalista, que tem o seu poder representado pela classe dominante, põe-se à frente da defesa da natureza, utilizando a mesma bandeira de grupos ambientalistas. A Indústria Cultural é pródiga em repetir a cena do burguês devolvendo o peixe à água como a grande transformação da consciência. Cada vez mais apurada, a tecnologia ligada ao capital envolve a natureza como negócio; embora todos saibam que a sua defesa, contra a destruição dos seus recursos, é uma questão que extrapola qualquer interesse mesquinho. Mas a cegueira por lucro que está arraigada no modo de ser do sistema capitalista não deixa vislumbrar nem uma alternativa fora aquela de reificar o homem e a natureza com um falso discurso fundamentado em questões extremamente humanas. A mimesis (o disfarce) artilosa, cujo instrumento preferido são os valores previstos como válidos pela classe dominante, insistentemente é divulgada pela Indústria Cultural.

O papel da Indústria Cultural é sustentar a validade das categorias que constituem o aparato da moral dominante, embora isso de modo algum possa ser chamado de ideologia, pois a ideologia da Indústria Cultural é o capital. Os negócios, portanto, são amarrados com a linguagem da tradição social, do cotidiano, para depois praticar a manipulação. Como explica Francisco Rüdger, em **Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade**:

O esquematismo promovido pela indústria cultural constitui uma forma de articular esses impulsos recalcados, construindo modelos de comportamento. O progresso não cumpriu suas promessas, sobretudo a de permitir uma vida justa para todos. As mercadorias culturais da indústria fornecem uma compensação,...⁸⁷

⁸⁷RÜDGER. **Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade**, op. cit.p.136.

Para Adorno e Horkheimer, o indivíduo para ser tolerado pelo sistema precisa ser identificado com a universalização dos comportamentos criados pela Indústria Cultural. A individualidade no sistema de reprodução em série não fabrica somente objetos materiais, mas comportamentos. Aquilo que é, previamente, calculado como um bom negócio pode ser um novo desenho de carro ou uma nova maneira de dançar. Tudo se resume à mercadoria, até a individualidade do sujeito é pensada como um produto.

Os burgueses sempre tiveram a individualidade como um dos principais valores sociais, pois se conecta à categoria liberdade e à livre iniciativa. Na sociedade capitalista, criar nos indivíduos um sentimento de independência é uma das molas do sistema capitalista. O sujeito se sente livre e não imagina que a sua liberdade é um produto da sociedade que oprime. A defesa que a Indústria Cultural faz da categoria liberdade em suas produções de cinema e televisão expressa a manipulação da consciência daqueles que sem alternativa toma para si a liberdade dos donos do poder. A individualidade do sujeito é um embuste do sistema social.

A racionalidade do sistema capitalista exposta pela Indústria Cultural não diferencia o sujeito da mercadoria. Todos devem consumir a mesma coisa como se todos pensassem a mesma coisa. Aquele que não compra, para a Indústria Cultural, é porque não tem dinheiro, não porque tenta despertar a consciência sobre o sentido da utilidade.

A indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. Cada um é tão somente aquilo mediante o que pode substituir todos os outros: ele é fungível, um mero exemplar. Ele próprio, enquanto indivíduo, é o absolutamente substituível, o puro nada, e é isso mesmo que vem a perceber quando perde com o tempo a semelhança. É assim que se modifica a estrutura interna da religião do sucesso, à qual, aliás as pessoas permanecem tão rigidamente agarradas.⁸⁸

Adorno e Horkheimer, nessa passagem, culpam a Indústria Cultural pela anulação do sujeito uniformizado pela máquina de entretenimento, que transforma o indivíduo

⁸⁸ADORNO e HORKHEIMER. **Dialética do Esclarecimento**, op.cit. p.136.

em puro nada. A Indústria Cultural, segundo os autores, fez do ser humano um ente sem personalidade e sem características individuais, ou seja, um pode ser substituído pelo outro como uma peça de uma máquina qualquer.

É pela Indústria Cultural que, na modernidade, acontece toda massificação do sujeito. Sua visão de mundo está enquadrada naquilo que ele deseja consumir. A obra-de-arte, o carro ou uma jóia refletem as exigências que uma sociedade de valores projeta sobre o indivíduo. As relações sociais pautadas nas mercadorias que, surgem sem cessar como novidades tecnológicas, também pautam a condição de humanidade dos que nada têm, assim guardam uma estreita ligação com a linguagem.

3.2. A LINGUAGEM ASSUMIDA PELA INDÚSTRIA CULTURAL

A linguagem que, para Adorno e Horkheimer, tinha no passado uma indissolubilidade entre palavra e objeto é alvo de uma independência entre si hoje. Para eles, isso fez com que a cultura se tornasse refém da linguagem publicitária. A Indústria Cultural lapidou a linguagem que, sem ter mais nem um compromisso com o objeto, se transformou em instrumento de dominação. Como fruto da desmitologização, a palavra que se separa do objeto tornou-se simples designação deste. Para os autores, a linguagem destacada do objeto é uma construção da racionalização positivista, que purificou as palavras a tal ponto que estas se tornaram impenetráveis. Na verdade, Adorno e Horkheimer estão expressando que a racionalização da linguagem e seu uso purificado e impenetrável é uma recaída na mitologia. O real tinha o objeto ligado à palavra, como uma só coisa, tinha o poder de persuasão e opressão típica da era mítica. A linguagem e o objeto eram indissociados. Expressavam-se porque a palavra não tinha autonomia para designar o objeto de modo arbitrário.

Com o desenvolvimento da técnica ligada aos meios de comunicação, a palavra lapidada rapidamente foi absorvida pela publicidade. Esta, para Adorno e Horkheimer, é o âmago da Indústria Cultural. Seu alastramento é absoluto. Quem não a utiliza para vender as suas mercadorias corre o risco de ver a qualidade do produto ser questionada. A Indústria

Cultural utilizando a palavra lapidada pela publicidade transforma qualquer coisa em mercadoria. Toda a cultura está inserida no valor de troca, pois todo o elemento da Indústria Cultural é abstraído dos bens culturais. Como os autores dizem nessa passagem da **Dialética do Esclarecimento,**

A cultura é uma mercadoria paradoxal. Ela está tão completamente submetida à lei da troca que não é mais trocada. Ela se confunde tão cegamente com o uso que não se pode mais usá-la. É por isso que ela se funde com a publicidade. Quanto mais destituída de sentido esta parece ser no regime de monopólio, mais toda-poderosa ela se torna. Os motivos são marcadamente econômicos.⁸⁹

A publicidade atualmente é ponto importantíssimo de sustentação política não somente de mandatos executivos, mas dos políticos em geral. Se na gestão é construída uma estrada, usa-se a publicidade para demonstrar ao conjunto dos cidadãos e adversários políticos que se está trabalhando e que, portanto, está firme em sua posição. Se não faz absolutamente nada, usa-se a publicidade para mentir descaradamente com o melhor que existe em termos de palavras e imagens reluzentes.

A publicidade extrapola a intermediação da comercialização da mercadoria no sentido tradicional, para também criar mentiras, que não se espalham como mentiras porque quem as ouve e vê, apesar de saber que são mentiras, não possuem o poder do velho político financiado pelo grande capital nem a técnica da empresa de publicidade que pode sem muito esforço esmagar o pretensioso que ousa desmenti-la. A publicidade é um forte braço do grande capital que quando não assume, diretamente, o poder político financia um séquito de políticos da pior espécie que sem muito esforço ganha uma eleição utilizando a infalível combinação de distribuição de dinheiro e uma eficiente publicidade. A massificação de uma mercadoria ou idéia sobre alguém por uma propaganda lançada com insistência pelas ruas, cinemas e televisão é consumida avidamente como algo quase necessário para que o sujeito se sinta incluído. O sujeito atualizado é aquele que

⁸⁹Ibidem.,p.151.

fala a linguagem da mídia. Os indivíduos não são ingênuos de consumir como se fossem crianças enganadas. O mecanismo social o marginaliza se ele não se lançar a favor da máquina de desejos representada pela Indústria Cultural. O mecanismo de sobrevivência da sociedade burguesa⁹⁰ nos remete à concepção adorniana sobre a origem do próprio esclarecimento destruidor do mito antigo, mas herdeiro de sua forma de dominação, cujo herdeiro, na modernidade, é o capitalismo.

A linguagem utilizada pela Indústria Cultural é a linguagem da dominação social sobre o sujeito. A palavra que denomina a mercadoria é repetida como um ritual em que o sacerdote continuamente repetia as palavras mágicas ou a oração a fim de que o deus ouvisse e se manifestasse. A propaganda, seguindo os mesmos passos, repete o nome da mercadoria ou do político até que ninguém tenha dúvida de sua existência e se dirija até a loja mais próxima ou vá até as urnas na data das eleições e consuma o produto. O estratagema é recalcado no tempo. O sujeito primitivo na era mítica suplicava com palavras adequadas a ajuda para a cura e a felicidade na caça e na colheita.

O homem moderno também é refém da linguagem, mas de modo diferente, pois, com a expulsão do objeto como elemento que guardava o significado e o significante, a linguagem passou a ter as palavras administradas racionalmente com o intuito de dominar tanto o homem como a realidade. Na era da alta tecnologia, a publicidade representa o poderio da sociedade administrada. A administração impõe ao sujeito uma falsa consciência, ou seja, uma consciência imposta pelo capital que, constantemente, é mantida pelas relações de produção.

⁹⁰ MARX, Karl – **Contribuição para a Crítica da Economia Política** – tradução original portuguesa: Maria Helena Barreiro Alves. SP: Edições Mandacaru, 1989, p.234. “A sociedade burguesa é a organização histórica da produção mais desenvolvida e mais variada que existe. Por este facto, as categorias que exprimem as relações desta sociedade e que permitem compreender a sua estrutura, permitem ao mesmo tempo perceber a estrutura e as relações de produção de todas as formas de sociedade desaparecidas, sobre cujas ruínas e elementos ela se edificou, de que certos vestígios, parcialmente ainda não apagados, continuam a subsistir nela, e de que certos simples signos, desenvolvendo-se nela, se enriqueceram de toda a sua significação. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco. Nas espécies animais inferiores só se podem compreender os signos denunciadores de uma forma superior, quando essa forma superior é já conhecida. Da mesma forma a economia burguesa nos dá a chave da economia antiga, etc.”

A repetição das palavras segue o ritmo da reprodução da natureza. Adorno e Horkheimer, ao se referirem à repetição das palavras pela publicidade lembram que esse comportamento é um desvio autoritário, como expressam nessa passagem:

A repetição cega e rapidamente difundida de palavras designadas liga à palavra de ordem totalitária. O tipo de experiência que personalizava as palavras ligando-as as pessoas que as pronunciavam foi esvaziado, e a pronta apropriação das palavras faz com que a linguagem assuma aquela frieza que era própria dela apenas nos cartazes e na parte de anúncios dos jornais. Inúmeras pessoas usam palavras e locuções que elas ou não compreendem mais de todo, ou empregam segundo seu valor behaviorista, assim como marcas comerciais que acabam por aderir tanto mais compulsivamente a seus objetos, quanto menos seu sentido lingüístico.⁹¹

A Indústria Cultural forja desejos que somente podem ser criados junto à consciência dos indivíduos com o uso sagaz da linguagem. Criar *slogan* como linguagem articulada artificialmente para agregar ao vocabulário usual das pessoas é um comportamento bastante comum junto à indústria do entretenimento. Ao fazer uso da palavra para atrair o consumidor está cada vez mais preocupada em utilizá-la como uma nomeação à mercadoria do que com o conteúdo propriamente dito das palavras. O nome que se dá a um carro de determinada marca em nada se relaciona com o repertório vocabular utilizado em determinado lugar ou região. O objeto passa a ser o significado da palavra.

A estrutura da razão que existia na era mitológica e que o esclarecimento todos os dias recusa como superstição e ignorância se apresenta de modo degradado ao se perceber que os objetos de consumo e as palavras estão vinculados de modo tão estreito que de modo desatento se poderia dizer que são a mesma coisa; mas não é bem assim. O *fetichismo* da mercadoria exerce, modernamente, maior poder que a palavra. O nome do carro que sofre o acréscimo de alguns acessórios pode ser mudado, isso não constitui grandes problemas para o mundo da indústria de automóvel que detém de poder e dinheiro para comprar os serviços

⁹¹ADORNO e HORKHEIMER, **Dialética do Esclarecimento**, op. cit.p.155.

da melhor empresa de publicidade do país e convencer o público de que o carro novo traz mais felicidade e prestígio social.

A força da linguagem na sociedade de consumo está no fato de ela falar mais através dos objetos criados pela tecnologia de ponta que pelas palavras usadas como promessas. A promessa que a Indústria Cultural faz e nunca cumpre não está, simplesmente, nas palavras cheias de falsos conteúdos da sua cultura produzida, mas nos objetos de desejo de consumo que ela apresenta como mensageira da grande indústria e que não sacia o desejo daqueles que adquirem, pois esses, logo ao adquirirem o bem prometido criam dentro de si um desejo imediato de possuir o próximo produto que a indústria ainda não fabricou, mas o tem como promessa. O nome da nova mercadoria não interessa ao futuro comprador.

Adorno e Horkheimer culpam o positivismo pela desvinculação da linguagem como um elemento voltado para as necessidades interiores do homem. A razão instrumental liquidou com a linguagem, como agente de uma realidade mais próxima do sujeito. Assim, eles dizem nessa passagem da **Dialética do Esclarecimento**:

A cegueira e o mutismo dos fatos a que o positivismo reduziu o mundo estendem-se à própria linguagem, que se limita ao registro desses dados. Assim, as próprias designações se tornam impenetráveis, elas adquirem uma contundência, uma força de adesão e repulsão que as assimila ao seu extremo oposto, as formulas de encantamento mágico. Elas voltam a operar como uma espécie de manipulação, seja para compor o nome da diva no estúdio com base na experiência estatística, seja para lançar o anátema sobre o governo voltado para o bem-estar social recorrendo a nomes tabus como ‘burocratas’ e ‘intelectuais’, seja acobertando a infâmia com o nome da Pátria.⁹²

Para os dois filósofos, o uso da linguagem em sua regressão degradada à forma arcaica é utilizado de maneira calculada, como é típico do sistema esclarecido, nas relações não somente da Indústria Cultural, mas também na cotidianidade para a prática de rótulos.

⁹²Ibidem.,p.154.

O uso da linguagem de modo indissociado, ou seja, linguagem-objeto, fazia parte do mundo dos indivíduos que ainda viviam dependentes dos fenômenos naturais. A instrumentalização das ciências naturais que é o motor de todo desenvolvimento tecnológico incluso nas forças produtivas da sociedade moderna e que, portanto, se torna meio de produção incluso nas relações de produção como propriedade da classe dominante, enquadra os indivíduos como prisioneiros do modo de produção burguês. Esse fato relevante alertado por Marx determina uma sociedade cujo poder reside na dominação do sujeito e do objeto. A linguagem é refém desse estado de coisas, já que seu controle se torna indispensável para controlar a consciência do sujeito. A cultura como o acúmulo de todo movimento do trabalho dos indivíduos sobre a natureza é a realidade posta enquanto construção que também constrói o indivíduo. A linguagem está, portanto, em todos os lugares por onde o homem se relaciona com a natureza extraindo dela a força de produção.

Adorno e Horkheimer criticam o positivismo por ter mutilado a linguagem, tornando-a mero instrumento de anotação de dados e, por conseguinte, tirando seu aspecto expressivo, para os autores, peça-chave para uma autoconsciência. Ora, se racionalidade instrumental deseja dominar o homem e a natureza transformando a linguagem, como cultura, em valor de troca através da Indústria Cultural, a manipulação dos signos e sinais é imprescindível para o jogo de dominação. A administração da sociedade não ocorre somente pelo medo de uma recaída mítica, que é pressuposto, segundo o pensamento dos autores, mas acima de tudo pela dominação da cultura que precisa não ser revelada, mas sim ser falsificada constantemente. A verdade precisa existir sem conflitos entre as forças de produção e as relações de produção.

A Indústria Cultural tem a missão de anular a potencialidade desse conflito e jogá-lo para outra direção. O entretenimento que é dirigido, de modo calculado, a pessoas de diferentes camadas sociais leva através da linguagem manipulada aquilo que o consumidor deseja ver e ouvir sem muito esforço para compreender. As programações de rádio e da televisão, que hoje é o veículo de comunicação de massa mais poderoso, utilizam todos os recursos para prender o ouvinte e o telespectador à frente do aparelho. Os recursos vão desde premiações milionárias a assuntos ligados a motivos sexuais. Adorno e Horkheimer

fazem uma referência ao sistema de prêmios tão utilizado até nossos dias pelos meios de comunicação de massa:

... no cinema, os concursos de identificação de temas musicais, os exemplares grátis, os prêmios e presentes oferecidos aos ouvintes de determinados programas radiofônicos, não são meros acidentes, mas apenas prolongam o que se passa com os produtos culturais... Mas o sistema de prêmios já se sedimentou no comportamento do consumidor. Na medida em que a cultura se apresenta como um brinde, cujas vantagens privadas e sociais no entanto estão fora de questão, sua recepção converte-se no aproveitamento das chances. Os consumidores se esforçam por medo de perder alguma coisa. O quê – não está claro, de qualquer modo só tem chance quem não se exclui.⁹³

A linguagem no plano da razão instrumental, de que faz parte a Indústria Cultural é usada no sistema capitalista por esta indústria ao mesmo ritmo dos produtos que são fabricados no interior das fábricas. As palavras são instrumentos de atração para o produto que deve ser mais atrativo do que elas. A beleza de uma mulher atraente agregado a um anúncio publicitário veiculado pela televisão de uma marca de aguardente conhecida não conta com a necessidade das palavras. A imagem, que suscita desejos no pobre bebedor de aguardente, não é a de um botequim humilde, mas um lugar onde a aguardente é tomada por pessoas da classe burguesa.

A Indústria Cultural é fabricante de desejos e como a produção não pode parar, ela fabrica outro e mais outro. Tudo deve dar certo, pois, o novo não pode esperar. A música de sucesso, o corte de cabelo e qualquer indumentária têm que ser superadas rapidamente, para que a novidade, que já nasce velha, tenha seu lugar.

No mundo globalizado pelo sistema de comunicação em que as forças produtivas estão convergindo para a discussão de problemas fundamentais como aquecimento global, crise no emprego, superprodução de alimentos e fome, a Indústria Cultural não perde tempo

⁹³Ibidem.,p.151.

e demonstra grande apego ao verde e à preservação dos mares e ao mesmo tempo preservando o grande capital da culpa do problema.

A consciência do sujeito deve refletir sobre o seu papel junto às forças produtivas e se impor. É esse conflito entre essas duas forças que a Indústria Cultural quer a todo custo evitar. Como a ideologia do capitalismo é o lucro, ele precisa, no entanto, do esforço da classe trabalhadora para assegurar as forças produtivas que são responsáveis pelas relações de produção. O sujeito, como parte do não-idêntico, deve refletir sobre a importância das fontes que deixam o capital tão poderoso.

A reflexão do sujeito deve passar pelo uso adequado da linguagem segundo os interesses de todos que fazem parte do não-idêntico. O uso adequado da linguagem é fazer com que a expressividade que reside no interior da sociedade apareça em forma de direitos que têm todas as pessoas excluídas pelo capital.

Negar a regressividade⁹⁴ imposta pela razão instrumental é dar vez à multiplicidade de conceitos que fazem parte do mundo particular e que a Indústria Cultural quer uniformizar, anulando a individualidade das pessoas.

⁹⁴ ADORNO, T.W. – **O Fetichismo na Música** - OS PENSADORES – Nova Cultural, SP: 1983, p.182. “O modo de comportamento perceptivo, através do qual se prepara o esquecer e o rápido recordar da música de massas, é a desconcentração. Se os produtos normalizados e irremediavelmente semelhantes entre si exceto certas particularidades surpreendentes, não permitem uma audição concentrada sem se tornarem insuportável para os ouvintes, estes, por sua vez, já não são absolutamente capazes de uma audição concentrada. Não conseguem manter a tensão de uma concentração atenta, e por isso se entregam resignadamente àquilo que acontece e flui acima deles, e com o qual fazem amizade somente porque já o ouvem sem atenção excessiva. A observação de Walter Benjamim sobre a percepção de um filme em estado de distração também vale para a música ligeira. O costumeiro jazz comercial só pode exercer a sua função quando é ouvido sem grande atenção, durante um bate-papo e sobretudo como acompanhamento de baile. De vez em quando se ouvirá a opinião de que o jazz é sumamente agradável num baile e horrível de ouvir. Contudo se o filme como totalidade parece ser adequado para a apreensão desconcentrada, é certo que a audição desconcentrada torna impossível a apreensão de uma totalidade. Só se aprende o que recai exatamente sob o fecho luminoso do refletor: intervalos melódicos surpreendentes, modulações invertidas, erros deliberados ou causais, ou aquilo que eventualmente se condena como fórmulas mediante uma fusão particularmente íntima da melodia com o texto. Também nisto há concordância entre os ouvintes e os produtos: a estrutura que não tem capacidade de seguir, nem sequer lhe é oferecida.”

A Indústria Cultural resguarda o sistema capitalista de qualquer ameaça que possa advir de uma reflexão sobre o verdadeiro real. O objeto e o sujeito são controlados tanto pelas ciências naturais como pela indústria do entretenimento. Oferecer uma realidade paradisíaca em que o sujeito embarca numa ilusão e nunca chega ao destino é um modo de manipular a realidade a fim de manter o sujeito dormindo de olhos bem abertos.

A criação de imagens de uma realidade perfeita postas nos filmes ou de uma realidade imperfeita por culpa de homens que não pensam tal qual os donos do poder, é um modo perfeito para se gerar preferências ou incitar ódios contra quem se posiciona criticamente contra o sistema de dominação burguês.

Os filmes encomendados por governos com a finalidade de defender os interesses da classe dominante, denegrindo os valores do outro são um modo de manipular a consciência do sujeito para que este defenda a realidade imposta pela sociedade dominante. O poderio do sistema esclarecido está em manipular o objeto, de modo que o sujeito tenha a ilusão de estar defendendo a si mesmo, sua pátria, liberdade e outros valores que vão surgindo de acordo com a necessidade de criar necessidades. A Indústria Cultural tem um papel fundamental nesse processo, pois tudo isso passa por ela.

Manipular a linguagem é a especialidade da indústria da diversão para reproduzir o objeto planejado, de modo racional, pelos donos do poder. A Indústria Cultural é uma repassadora do pensamento dominador. O poder instrumental que ela detém não é original. Os donos do pensamento dessa indústria são os donos dos meios de produção da grande indústria, como bem expressam Adorno e Horkheimer:

Se em nossa época, a tendência social objetiva se encarna nas obscuras intenções subjetivas dos diretores gerais, estas são basicamente as dos setores mais poderosos da indústria: aço, petróleo, eletricidade, química. Comparados a esses, os monopólios culturais são fracos e dependentes. Eles têm que se apressar em dar razão aos verdadeiros donos do poder...⁹⁵

⁹⁵Ibidem.,p.115.

A vigilância da Indústria Cultural que se manifesta ao calcular o que pode e não deve ser consumido é uma defesa dos negócios do grande capital, que a financia para sustentar, ideologicamente, o sistema de dominação. Defender o negócio é defender o sistema. Os donos do poder sabem que o sistema só tem um deus: o capital. Mas precisa de outros deuses para preservar o deus maior que são as instituições da sociedade. Para a linguagem manipulada, é reservado o papel de levar mensagens de conforto aos que sem muita “sorte” não conquistaram um lugar ao sol.

A apologia aos que conquistam um lugar entre os poderosos e que vieram da baixa camada social é um exemplo que não deixa de vender. A Indústria Cultural sabe mostrar, muito bem, exemplos de indivíduos que ascendem socialmente vivendo longas jornadas de sofrimento. O sofrimento é uma condição indispensável para se chegar aos degraus da fama. O ardil engendrado pela Indústria Cultural é uma manobra para criar um sentimento de resignação junto àqueles que já nasceram sofrendo. A resignação é o controle total sobre a autoestima do sujeito que se sente incapaz de enfrentar o sofrimento de tamanha magnitude que o leve ao topo do poder. A resignação é o abandono do objeto pelo sujeito. Não se questiona se o novo capitalista roubou o dinheiro público ou explorou sem piedade os que serviram de escada para sua ascensão. O que interessa à Indústria Cultural são os fins, não os meios. Quando leva aos consumidores através de uma história produzida os meios espúrios usados por determinado personagem para ascender aos degraus do poder tem também como fim a resignação daqueles que, por se sentirem incapazes devem permanecer quietos e trabalhar com a consciência tranqüila por não terem cometido mal algum a ninguém. A Indústria Cultural trabalha com as contradições inerentes ao próprio sistema de dominação capitalista.

A contradição é a máxima do comportamento do sistema capitalista. Através dela, o sujeito está sempre pensando, mas o pensamento do sistema. Com essa artimanha, as crises sofridas pelo sistema são superadas graças ao seu controle sobre o sujeito e o objeto. Não existe uma ortodoxia no sistema esclarecido, ele trabalha com todas as possibilidades. O domínio sobre a realidade requer o afastamento do sujeito das forças sociais que conscientes da necessidade de transformação tentam acordar o sujeito da letargia imposta

por uma história de dominação que, segundo Adorno e Horkheimer, persiste desde a queda do mito.

A figuras emblemáticas da Indústria Cultural, principalmente os astros de cinema e televisão se distanciam do mito antigo por uma questão funcional. O mito antigo era ligado ao sujeito por uma questão de necessidade vital, a magia que se fazia em homenagem a ele pedia a sua complacência frente às agruras que se abatiam sobre as pessoas que dependiam de curas, caça e chuvas para colheitas. Mas, na consciência do homem primitivo, eram seres perfeitos que para si mesmos não faltava nada. A mitificação das estrelas da Indústria Cultural não tem função alguma, a não ser representar junto às pessoas comuns a imagem de pessoas perfeitas sem problema algum. A herança do mito antigo está em toda parte e ao mesmo tempo é negada para não parecer que somos selvagens primitivos.

O modelo de sobrevivência do capital é a contradição, mas esta, segundo Adorno e Horkheimer, são ocultados pelo princípio da identidade. O ocultamento das contradições no capitalismo moderno tem a Indústria Cultural como forte aliada porque é por ela que o capital forja os culpados ou induz as pessoas a praticarem sacrifícios para a superação das crises não criadas por elas. O sacrifício é uma regressão.

A realidade produzida pela Indústria Cultural é, no entanto, uma reprodução da cotidianidade dos sujeitos. A diferença fundamental é que na reprodução o uso da linguagem tomada do próprio sujeito é manipulado para um fim determinado: entreter e vender e em conjunto a isso dar sustentação ideológica ao sistema.

O prazer com a violência infligida ao personagem transforma-se em violência contra o espectador, a diversão em esforço. Ao olho cansado do espectador nada deve escapar daquilo que os especialistas excogitaram como estímulo; ninguém tem o direito de se mostrar estúpido diante da esperteza do espetáculo é preciso acompanhar tudo e reagir com aquela presteza que o espetáculo exhibe e propaga.⁹⁶

⁹⁶Ibidem.,p.130.

O cotidiano reproduzido pela Indústria Cultural não deve ser percebida pelo espectador, o qual segue as regras de comportamento recomendado pela indústria. O prazer com a violência contra o personagem do espetáculo é algo que pode ocorrer com qualquer indivíduo ao ver uma cena de um policial espancando um ladrão. No cinema, ele se esforça para entender a trama como se fosse algo inédito. O esforço para compreender o espetáculo que não tem nada de novo é um modo de se comportar como alguém inteligente que está entendendo o que não tem nada que ele já não tenha presenciado ou possa vir a presenciar.

A pesquisa de opinião é de fundamental importância para não haver desperdício de dinheiro e tempo. O esquema para as camadas sociais menos favorecidas reduz-se a oferecer o ordinário, mas que tenha semelhança ao que é oferecido às camadas mais favorecidas. A linguagem usada para convencer os indivíduos dentro do padrão social de cada camada obedece a uma uniformidade: todos devem consumir a mesma mercadoria.

A uniformização acontece por conta da distribuição de renda de cada camada e do grau de escolaridade, onde se deduz que os indivíduos, por força de determinadas condições materiais, se concentrem numa mesma região da cidade. A Indústria Cultural munida de todos os cálculos se lança como uma rede sobre um cardume de peixes.

A Indústria Cultural como um braço do capital demonstra a impessoalidade do capitalismo e, como ele, funciona de modo autônomo contra a humanidade das pessoas, quando o motivo maior está em jogo: ganhar dinheiro. Criar uma indústria para deixar os indivíduos em permanente estado de carência e, para isso, ter que moldar as suas consciências, exige do sujeito uma profunda reflexão sobre os caminhos desse sistema.

A reflexão que, segundo Adorno, deve partir do sujeito, pois como parte do objeto tem algo que o objeto não tem: a subjetividade. É pela subjetividade que se deve perguntar que valor tem o sujeito que é tratado como mera mercadoria pela Indústria Cultural. A reflexão deve negar a intenção da Indústria Cultural de assumir a subjetividade dos indivíduos para vender seus produtos. O sujeito deve exigir da Indústria Cultural que mostre a qualidade que reside na individualidade das pessoas em particular. Exigir que ela

mostre a qualidade dos indivíduos que está no interior da sociedade é dizer não à uniformização. Refletir sobre a indústria do entretenimento é pensar que ela poderia proporcionar realmente o lazer que é a sublimação do trabalho e não o contrário. Para Adorno e Horkheimer, a continuação do trabalho ocorre durante as horas de lazer, porquanto o indivíduo é obrigado a se divertir para esquecê-lo. O filósofo Adorno, em **Palavras e Sinais**, escreve sobre a função da diversão no mundo do trabalho:

A diversão, por cuja superficialidade o conservadorismo cultural as esnoba, ou as injúria, lhes é necessária para forjar no horário de trabalho aquela tensão que o ordenamento da sociedade, elogiado por este mesmo conservadorismo cultural exige delas. Esta não é a última das razões porque as pessoas seguem acorrentadas ao trabalho e ao sistema que as adentra para o trabalho depois que, em grande medida, ele já nem necessitaria desse trabalho.⁹⁷

A diversão, segundo Adorno, tem como finalidade, no sistema capitalista, forjar mais momentos de exploração do trabalhador no ambiente de trabalho. Divertir-se significa estar pronto no momento seguinte para enfrentar a tensão imposta pelo regime de trabalho. Não há intenção de que a diversão seja um momento de engrandecimento espiritual.

Num regime de exploração contra aqueles que trabalham e não têm alternativa a não ser se submeter pela obediência às regras do sistema, o modo mais viável para suportar a labuta é a diversão. Esta, portanto, deixa de ser um direito da condição humana para se tornar um desejo promovido pela exploração sofrida no trabalho e pela Indústria Cultural que se encarrega de sistematizar a fabricação de desejos de acordo com o público. A uniformização do entretenimento promovida pela Indústria Cultural é o sintoma claro da imitação do ritmo de trabalho promovido pelos meios de produção. Para se ter uma idéia do poderio da sociedade de consumo, podemos citar o exemplo em que os indivíduos são induzidos a assistirem ao lançamento mundial de uma superprodução cinematográfica cujo personagem central é um super herói de histórias em quadrinho dos anos cinquenta sem mais nada a dizer, mas com milhões de dólares gasto em publicidade arrasta para as salas

⁹⁷ADORNO. **Palavras e Sinais**, op. cit.p.77.

de cinema milhões de pessoas num ritmo tão frenético quanto o da linha de produção de uma fábrica. Ao terminar o filme o que resta para ser comentado são os efeitos especiais porque a estória geralmente é pobre como quase sempre foi.

Para Adorno, as pessoas perderam a sua capacidade de serem produtivas. O trabalho desprazeroso tira delas esse ímpeto de criar em seu tempo livre o seu próprio lazer. No capitalismo tardio, impera a técnica no lazer desde os primeiros momentos da infância dos indivíduos. Os brinquedos eletrônicos assumem o lugar dos brinquedos construídos pelas próprias crianças. Adorno, em **Palavras e Sinais**, levanta essa questão a respeito da produção lúdica que, segundo ele, já desapareceu:

Sob as condições vigentes seria inoportuno e insensato esperar ou exigir das pessoas que realizem algo de produtivo em seu tempo livre, uma vez que se destruiu nelas justamente a produtividade, a capacidade criativa. Aquilo que produzem no tempo livre, na melhor das hipóteses, nem é muito melhor que o ominoso 'hobby': imitações de poesias ou pinturas, as quais, sob a divisão do trabalho, dificilmente revogável, outros fazem bem melhor que os artistas das horas vagas [freizetler]. O que produzem tem algo de supérfluo. Essa superfluidade comunica-se à qualidade inferior da produção, ficando, com isso, estragada a alegria do trabalho.⁹⁸

Adorno alude é ao empobrecimento do sujeito como produtor dentro de um esquema de tempo livre que há muito deixou de ser prazeroso. O sistema de dominação, nos dias atuais, não deseja esse tipo de sujeito que sente prazer com sua autoprodução. A catarse deve ser produzida e vendida como qualquer produto. Cada vez mais, a Indústria Cultural está capacitada para fazer a substituição.

Para Adorno e Horkheimer, a Indústria Cultural usa uma linguagem específica para venda de mercadorias ligadas não somente ao grande capital industrial, de que ela é dependente, mas as próprias mercadorias espirituais como cinema, literatura, novelas e outras, que assumem a capacidade reflexiva do sujeito que se sente preso às necessidades

⁹⁸Ibidem.,p.77.

de lucros do capital. Forjar necessidades faz parte do modo de ser do sistema capitalista, um sistema de produção que não subsiste sem a carência permanente dos indivíduos. A carência do capitalismo não leva somente os indivíduos a comprarem seus produtos, mas, também, a defendê-lo em guerras de puro interesse do capital.

O sujeito, para enfrentar o poder do capital que se manifesta através da Indústria Cultural precisa refletir sobre o poder que essa indústria exerce sobre a coletividade e que o (sujeito) obriga, por força da pressão social, a se comportar tal qual quem obedece cegamente aos apelos da Indústria Cultural.. É preciso compreender que está imerso num sistema sócio-econômico que não sobrevive sem profundas desigualdades sociais. Abordar o objeto, a realidade, como algo maior que o sujeito, como abordamos no primeiro capítulo, requer uma profunda reflexão sobre o que gerou todo esse sistema de desigualdades que, para Adorno, está localizado nas longínquas raízes do nosso passado mítico, como abordamos no segundo capítulo.

Para finalizar o terceiro capítulo, devemos dizer que a Indústria Cultural é uma manifestação da dominação do capital em todos os sentidos, ou seja, para continuar dominando o capitalismo, utiliza todos os instrumentos possíveis para assumir a subjetividade do sujeito. O controle é necessário para que os indivíduos estejam sempre prontos a defender o capital em situação de guerra interna ou externa. As bandeiras que levam à defesa do capital são caprichosamente cultivadas pela burguesia: liberdade, paz e direito de propriedade. A Indústria Cultural desempenha papel fundamental como agente dos interesses burgueses. O desempenho se mostra patente na capacidade de fazer uma propaganda eficaz contra quem tenta despertar o sujeito contra a dominação do capital. O papel da Indústria Cultural é mobilizar toda a sociedade contra o não-idêntico, o excluído, o que fica de fora pela injustiça praticada pelo sistema capitalista, que é um sistema de desigualdades. A função da Indústria Cultural é, portanto, enquadrar o não-idêntico dentro dos conceitos burgueses que levam à identidade sujeito-objeto, ou seja, segundo Adorno, que levam à alienação, a ilusão, de que o sujeito domina uma realidade pela força de consciência. A Indústria Cultural é, portanto, um agente de um sistema que para sobreviver precisa manter a desrazão, **a crise da razão**.

CONCLUSÃO

A **crise da razão** é uma análise dos caminhos da racionalidade moderna que, segundo Adorno, não levou o homem a uma emancipação, mas à barbárie, como guerras, genocídios e fome, apesar de todo o desenvolvimento da técnica desempenhada por esta mesma razão. A justificativa adorniana tem como base o fato de não se levar em conta a primazia do objeto sobre o sujeito. Para Adorno, a realidade (o objeto) é bem mais ampla do que a pretensão do sujeito em abarcar com a sua consciência, mesmo porque, para o filósofo, o sujeito também é objeto.

A realidade posta como história das relações sociais diz o quanto o sujeito é objeto e o quanto a sua simples vontade não pode modificar algo sedimentado pelo trabalho de gerações de indivíduos cristalizados em regras consuetudinárias e instituições. O real, portanto, cria vida própria e governa os indivíduos. Esses, no entanto, têm a importante função de fazer a correção do objeto, ou seja, dos fatos da realidade que se voltam contra os indivíduos. A correção, segundo Adorno, é feita por uma reflexão do sujeito dentro de uma experiência filosófica nos marcos da dialética negativa, quando for necessário combater os conceitos do poder dominante da sociedade que se concretiza no princípio da identidade e nos marcos da dialética do esclarecimento, para se voltar ao passado no intuito de refletir sobre os motivos que levaram a humanidade a destruir o mito antigo pelo desenvolvimento da técnica, mas conservou o sistema de dominação imposto pela natureza que causa medo e angústia ao homem.

A humanidade, nos primórdios da civilização refletiu sobre o objeto e com o poder da sua imaginação criou o mito. Este era a própria natureza em suas manifestações. Nesse momento, o sujeito não diferenciava sujeito e objeto. A interatividade existia, mas a subjetividade era dominada pela violência dos fenômenos naturais. O homem com seus rituais não pensava em dominar o mito, mas sim acalmá-lo ou venerá-lo por um bom acontecimento. Isso custava sacrifícios e obediência. Era um modo de integrar-se à natureza. Para o sujeito primitivo, o pensamento não era um legado só seu, mas da natureza também. O mito era mais forte e mais poderoso do que ele, suas ações humanas

eram percebidas e isso dava vantagem à entidade mítica. O sujeito era pequeno e impotente perante um ser mais forte e poderoso. A natureza estava em toda parte, portanto, havia muitas vozes condenando ou beneficiando o sujeito da era mítica. Ele não podia se esconder, pois a realidade era imensa e para onde ele fosse havia um ente a perscrutá-lo. O castigo era certo para quem desagradava as entidades metafísicas. À medida que o tempo foi passando e o homem foi crescendo em número e despertando a sua autoconsciência, foi também transformando a natureza com o seu trabalho.

O fruto da transformação da natureza pelo trabalho passou a ser, no decorrer do tempo, dividido por tarefas entre os membros da comunidade. A divisão do trabalho foi um sintoma do aprimoramento dos instrumentos técnicos primitivos. Surge, então, um forte sentimento de libertação pelo saber. O antigo mito, nesse estágio da humanidade, está passando por um processo de racionalização pelo desenvolvimento da técnica.

A racionalização dos fenômenos da natureza ocorre quando a razão desencanta o mito antigo, transformando-o em instrumentos técnicos. A partir daí foi possível criar uma comunidade, já nos tempos antigos, diferenciada de qualquer outra comunidade existente entre outros seres da natureza afeitos a viverem em comunidade. O funcionamento das comunidades humanas que, com o tempo, se tornaram grandes sociedades, traz em si a técnica como conteúdo dentro de uma forma arcaica de dominação herdeira do mito. É por isso que, segundo Adorno, quanto mais o sistema de dominação capitalista domina o sujeito e a natureza pelo uso violento da técnica, mais ele regride ao mito.

O capitalismo, por ser um sistema de dominação, desvela, por sua prática, a relação entre o homem e o mito. Entretanto, de modo invertido, ou seja, na antiga relação a consciência do sujeito estava subordinada à natureza, o sujeito não fazia a diferença entre ele e o meio em que vivia. Na inversão, o homem passa a dominar o objeto e se diferencia. A diferenciação é uma manifestação do pensamento regido pela razão. Esta se impõe como diferente, ao perceber que o mito não pensa. O pensamento é uma exclusividade do sujeito, portanto, o outro, a natureza, deve-lhe obediência. O homem torna-se senhor da terra. A natureza agora é só um instrumento. Com esse comportamento, a razão toma o lugar do

mito. Na longa batalha contra o mito, o homem venceu, mas levou consigo a sua forma de dominação. A forma de dominação mítica leva a razão ao circuito do mito de tal maneira que, segundo Adorno, quanto mais o homem o renega, mais ele recai no mito.

A recaída no mito se dá por meio da razão instrumental que tem, segundo Adorno, horror ao mito antigo e luta contra o seu retorno bravamente. O homem esclarecido não refletiu para o fato de que o mito era objeto, assim como o homem, por conseguinte, já era *esclarecimento*. O mito era uma manifestação da razão para representar o desconhecido, conseqüentemente, determinava e delimitava as ações dos indivíduos perante a natureza dominadora. O contato prolongado do homem junto ao agente dominador, o mito, fez com que o homem, ao dissolvê-lo em saber, forjasse sua história.

A consciência histórica passa a ser a do sujeito dominando a natureza sem fazer considerações. A falta de consideração leva o homem a criar um modo de vida cuja consciência prima pelo afastamento de tudo o que diga respeito ao mito que é tratado agora como elemento da ignorância e superstição. Para reprimir a presença da manifestação mítica cria-se o princípio da identidade. Este dita o que é a realidade e passa a reprimir a contradição. A repressão contra o princípio da contradição se dá ao não se reconhecer que o mito e a razão convivem no mundo social. Toda e qualquer alusão ao mito se torna suspeita e tida como uma regressividade. A regressão, no entanto, dá-se, segundo Adorno, a cada momento em que a razão barra o que ela entende por regressão. A identidade entre ser e pensamento é a manifestação do processo de dominação que não mais se restringe à natureza, mas ao próprio homem.

A dominação sobre o próprio homem é a vingança do mito. A forma de dominação herdada do mito faz com que quanto mais o homem domine a natureza sem consideração, mais ele cai sob o seu domínio. O equívoco da razão levou a humanidade a conviver com tragédias que deságuam em conflitos tão sérios que puseram em risco a existência do próprio homem. As tragédias recorrentes, por conta de um esclarecimento voltado para um domínio total do homem e da natureza, explicam o quanto se tornou destrutivo o sistema de dominação capitalista que detém uma tecnologia avançada cujo uso, segundo Adorno, dá-se

por dentro da antiga estrutura mítica de dominação. A classe burguesa detentora do poder econômico no capitalismo moderno exerce com todo o rigor a dominação sobre a natureza e sobre o restante dos indivíduos. Beneficiada por um desenvolvimento tecnológico jamais visto, ela se impõe com todo o poder que a razão pôs no campo científico.

A ciência moderna, como o resultado do sentimento de libertação do homem ainda nos primórdios da civilização, representa para a humanidade uma saída para os graves problemas que afligem a humanidade como a fome e as doenças. Hoje, graças a mecanização da agricultura e ao estudo genético para a melhoria de sementes e da fertilidade dos solos, são produzidos alimentos suficientes para matar a fome de toda a humanidade. Mas dois terços da humanidade passam fome. Onde está o erro? Não está na ciência, mas no sistema sócio-econômico estruturado para dominar e não para beneficiar. O benefício para o capitalista reside no lucro a ser usufruído. Diretamente, o lucro está relacionado à carência. Por mais que se produza em abundância, a carência deve ser uma categoria a ser preservada para a manutenção do sistema de preços que gera lucros.

O móbil do capitalismo é a necessidade de lucro. No capitalismo moderno, o grande capital industrial conta com um instrumento poderoso para criar necessidades de consumo junto aos indivíduos. O instrumento chamado Indústria Cultural tem a função de utilizar os elementos da cultura tradicional, mutilando, segundo Adorno, a essência desses bens culturais por transformá-los em semicultura, em propaganda de produtos do grande capital industrial.

A mercadoria enlaçada ao bem cultural é consumida como se fosse um valor social que vai ditar o que o indivíduo é diante das outras pessoas. A mercadoria, ao ser comprada, realiza uma meta da agência de publicidade e mostra o sucesso da Indústria Cultural. O consumo da mercadoria é a realização do desejo da publicidade inculcada na consciência do sujeito. Este realiza um desejo que não nasceu da sua capacidade reflexiva, mas da necessidade provocada pelos agentes da máquina publicitária, que estudou e calculou os procedimentos para atingir a cognoscibilidade do consumidor. A força da Indústria Cultural

está presente em nossas vidas, de sorte que, mesmo conscientes do jogo mercadológico que envolve a venda de mercadorias, somos levados a consumir por pressão da coletividade.

Para finalizar as nossas considerações nessa conclusão de trabalho, queremos deixar claro que Adorno não demonstra em suas considerações nenhuma saída. A crítica adorniana tem também como alvo a filosofia da tradição que, especialmente Hegel, segundo ele, fracassou em seu intento de identificar a realidade segundo seus conceitos e que, por isso, ainda continua sendo um conhecimento válido para refletir sobre o real é bem maior do que o sujeito. A reflexão em Adorno é um apelo para que o sujeito se debruce sobre a realidade que o cerca e não se deixe iludir com o que é dado como real e que só obedece à conveniência do capital. Olhar, perceber o não-idêntico é vivenciar o mundo em sua multiplicidade de vozes, em suas múltiplas faces. A multiplicidade era o que a natureza fornecia à consciência do homem primitivo. No mundo social, constituído por pessoas comuns, a multiplicidade, que, faz as pessoas agirem de modo diferente diante do mesmo fato, está presente abundantemente. Adorno não advoga nenhum retorno à natureza, mesmo porque o homem naquele estágio sofria, mas sim um reconhecimento por parte do sujeito de que a sociedade posta pelas relações sociais obedece a uma complexidade cuja abrangência impede que o princípio da identidade impere, de modo arbitrário, contra os indivíduos. A proposta adorniana, apesar de pessimista, pois sua dialética negativa também lembra a angústia, é a de uma libertação dessa mesma angústia pelo trabalho intenso da subjetividade. A angústia posta na dialética de Adorno é a angústia existente no objeto, no mundo, e é essa mesma angústia que deve ser refletida pelo sujeito, como instrumento de reflexão para que possa ser superada. A superação da angústia e do sofrimento, impostos pelo sistema de dominação, pelo processo dialético, é a reconciliação do sujeito com o objeto e o fim da própria dialética. Caso as preocupações de Adorno chegassem a uma concretização, seria, também, o fim da **crise razão**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO & HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

ADORNO, Theodor W. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Tradução de Augustin Werner e Jorge Brito de Almeida. São Paulo: Editora Ática, 1998.

ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. Versión castellana de José Maria Ripalda. Revisada por Jesús Aguirre. Madrid: Taurus, 1996.

ADORNO, Theodor W. *Teoria Estética*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, s/d.

ADORNO, Theodor W. *Três Estudos sobre Hegel*. Versión castellana de Victor Sanchez de Zavala. Madrid: Taurus, 1974.

ADORNO, Theodor W. *Mínima Moralia*. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. Revisão da tradução de Guido de Almeida. São Paulo: Editora Ática, 1993.

ADORNO, Theodor W. *O Fetichismo na música e a regressão da audição*, in Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ADORNO, Theodor W. *Palavras e Sinais*. Tradução de Maria Helena Ruschel. Supervisão de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1995.

ASSOUN, Paul-Laurent. *A Escola de Frankfurt*. Tradução de Helena Cardoso. São Paulo: Editora Ática, 1991.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Editora Forense Universitária, 1999.

ASSOUN, Paul-Laurent. & RAULET, Gerard. *Marxismo e Teoria Crítica*. Tradução de Nemésio Salles. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BOUTOT, Alain. *Introdução à Filosofia de Heidegger*. Tradução de Francisco Gonçalves. Portugal: Publicações Europa-América, 1991.

BACHELARD, Gaston. *A Filosofia do Não*, in Os Pensadores. Tradução de Joaquim José Moura Ramos. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BENJAMIN, Walter. *O Conceito de Crítica de Arte*. Tradução de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras/ Edusp, 1993.

BUKHARIN, N. *Tratado do Materialismo Histórico*. Tradução de Edgar Carone. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, s/d.

BANJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. *Imagem Onírica e Imagem Dialética em Walter Benjamin – Kalagatos* (Revista de Filosofia do Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE). Fortaleza: UECE, 2004.

BAUDELAIRE, Charles. *Obras Estéticas: filosofia da imaginação criadora*. Tradução de Edison Darci Heldt. Petrópolis: Vozes, 1993.

DUARTE, Rodrigo. *Adorno*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

CHAGAS, Eduardo. *Introdução ao Pensamento Político de Hegel*. Fortaleza: Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais/ UFC, 1998.

DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. *Mímeses e Racionalidade*. São Paulo: Edições Loyola,1991.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Tradução de Pola Civelli. São Paulo Editora Perspectiva,2000.

FROMM, Erich. *A Linguagem Esquecida*. Tradução de Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores,1973.

ENGELS, Friedrich. *A Dialética da Natureza*. 2 ed. Tradução não mencionada na obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1976.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 5 ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária,1997.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*.22 ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, 2000.

FREUD. *O Ego e o Id*, in Pequena Coleção das Obras de Freud; Livro 14. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda,1975.

FREITAS, Verlaine. *Adorno & A Arte Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,2003.

FREITAG, Bárbara. *A Teoria Crítica: ontem e hoje*. 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense,1998.

CRANJO, Maria Helena Bittencourt. *Agnes Heller: filosofia moral e educação*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. 2 ed. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1998.

MIRANDA, Dilmar Santos de. *Estética e Indústria Cultural em Adorno* – **EDUCAÇÃO EM DEBATE**- Revista da Faculdade da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: UFC,1998.

HABERMAS, Jürgen. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Tradução de Ana Maria Bernardo, José Rui Meirelles Pereira, Manuel José Simões Loureiro, Maria Antônia Espadinha Soares, Maria Helena Rodrigues de Carvalho, Maria Leopoldina de Almeida e Sara Cabral Seruya Lisboa: Publicações Dom Quixote,1990.

JIMENEZ, Marc. *Para Ler Adorno*. Tradução de Roberto Ventura. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora Ltda., 1977.

JIMENEZ, Marc. *Estética: o que é estética?* Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos,1999.

JAY, Martin. *La Imaginación Dialectica: una historia de la Escuela de Frankfurt*. Versión castellana de Juan Carlos Curutchet. Madrid: Taurus, s/d.

LUKACS, Georg. *Introdução a uma Estética Marxista: sobre a categoria da particularidade*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

Kant, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. 2 ed. Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. São Paulo: Editora Forense Universitária, 1990.

Kant, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. 3 ed. Tradução de Manuela Pinto do Santos & Alexandre Fradique Morujão. Lisboa; Serviço de Educação Fundação Calouste Gulbembkian, 1994

Kant, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. Tradução de Artur morão. Lisboa: Edições 70, s/d.

PASCAL, Georges. O Pensamento de Kant. Tradução de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1996.

LUKACS, Georg. *Historia y Conciencia de Clase*. Tradução de Francisco Duque. Havana: Instituto Del Libro, 1970.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-filosóficos*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, s/d.

NIETZSCHE, Friedrich. *Para a Genealogia da Moral*, in Os Pensadores. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, 1991.

RÜDGER, Francisco. *Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade: fundamentos da crítica à Indústria Cultural em Adorno*. 2 ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

POLITZER, Georges. *A Filosofia e os Mitos*. Tradução de Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

AGUIAR, Odílio. A. *Filosofia e Política no Pensamento de Hannah Arendt*. Fortaleza: UFC Edições, 2001.

OLIVEIRA, Manfredo. A. *Reviravolta Lingüístico-Pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo, 2001.

NOBRE, Marcos. *Dialética Negativa de Theodor W. Adorno – Ontologia do Estado Falso*. São Paulo: Ed. Iluminuras Ltda., 1998.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macêdo. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

ROUANET, S. P. *As Razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ZUIN, A. A., PUCCI, B., RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. *Adorno: o poder educativo do pensamento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

TIBURI, Marcia. *Crítica da Razão e Mimesis no Pensamento de Theodor W. Adorno*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.

TIBURI, Marcia. *Uma Outra História da Razão*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2003.

MARCUSE, Herbert. *Razão e Revolução*. Tradução de Marília Barroso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Circulo do Livro, 1986.

OLGÁRIA, Matos. *FILOSOFIA – A Polifonia da Razão*. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

OLGÁRIA, C. F. Matos. *O iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.